

RIVISTA
DI
FILOLOGIA ROMANZA

DIRETTA

DA

L. MANZONI, E. MONACI, E. STENGEL.

—

VOL. II. — FASC. III E IV.



TORINO ROMA FIRENZE
ERMANN O LOESCHER E C.º

Via del Corso. 316-317.

—
1876

PARIGI
Libreria A. Franck.

HALLE
Libreria Lippert
(M. Niemeyer).

LONDRA
Trübner e C.

Sommario del presente Fascicolo

T. BRAGA. Sobre a poesia popular da Galiza	pag. 129
H. SUCHIER. Il Canzoniere provenzale di Cheltenham. B. Tavola	144
G. FERRARO. Saggi di canti popolari raccolti a Pontelagoscuro.	193
A. WESSELOFSKY. Un Capitolo di Antonio Pucci	221

Varietà

N. CAIX. Studj etimologici	183
--------------------------------------	-----

Bibliografia

A. D'ANCONA. <i>Il Contrasto di Ciullo d'Alcamo</i> (N. Caix)	177
FROLLO. <i>O nova incercare ecc.</i> (Graf)	232
D. COMPARETTI, A. D'ANCONA. <i>Le antiche rime volgari.</i> (A. Bartoli, E. Monaci)	234

Periodici

Archivio glottologico italiano	248
Archivio storico siciliano.	249
Jahrbuch für romanische und englische Sprache und Literatur.	247
Nuove effemeridi Siciliane	249
Propugnatore.	248
Revista de Portugal e de Brazil	249
Revue des langues romanes.	245
Romania	244
Romanische Studien	247

Notizie

.	* 64, 127, 250
-----------	----------------

Il prezzo dell'associazione annuale, ossia di 4 fascicoli, è di Lire 10 anticipate per l'Italia. L. 12 (effettive) per l'Estero. Per la Germania 10 Mark.

Le associazioni si ricevono presso l'Editore (a Roma — Torino — Firenze) e presso i principali librai.

Indirizzo

Per tutto ciò che si riferisce alla amministrazione del periodico, ad **ERMANN** **LOESCHER E C.^o** Roma, via del Corso, n.^o 346, 347.

Per quanto s'attiene alla compilazione, e per l'invio di mss., cambj ed altre stampe, ad **ERNESTO MONACI**, Roma, via Giulio Romano, n.^o 115.

SOBRE A POESIA POPULAR DA GALIZA.

Entre os differentes dialectos da Hespanha nenhum recebeu menos desenvolvimento pela forma escripta do que o dialecto gallego; fallado por um povo desde muito tempo annullado por uma artificial unidade politica, o gallego, que, ao formarem-se as primeiras litteraturas da Peninsula, foi a linguagem do lyrismo com que se poetava em duas côrtes, é hoje um dialecto desprezado, apenas admittido no uso das relações intimas da familia e das necessidades infantis. Pelo estudo da lingua gallega é que se podem explicar certos phenomenos do portuguez e castelhano, como o *che* por *te*; é pelo conhecimento da poesia popular da Galiza que se verifica ainda hoje a estabilidade d'essa tradição que serviu de intermedio para a propagação do lyrismo provençal a Portugal e a Castella. Assim como a lingua gallega tem sido desprezada para a forma escripta e nas composições litterarias, por essa causá, ligada a outras mais intimas, se explica a rasão porque a sua poesia popular é tão ignorada.

As poucas cantigas que temos recolhido já nos bastam para começarmos um rapido estudo sobre as origens e caracteres da Poesia popular da Galiza, e estabelecer as relações que ella tem com um povo de origem celtica, brando e apathico, que conserva ainda agora a feição de todos os povos celticos — a incapacidade de estabelecer independencia politica ou nacionalidade, e a facil accomodação aos novos costumes ou o cosmopolitismo. A Galiza não tem sido ainda explorada sob o ponto de vista das tradições e da linguistica, e o seu proprio movimento litterario ainda se não inspirou no esforço para fazer renascer o espirito local. Com o conhecimento da poesia popular do Minho,

ou do norte de Portugal, penetraremos na comprehensão da poesia popular da Galiza, a qual se distingue pelo seu exclusivo lyrismo, por falta de tradições heroicas primitivas.

Da poesia celtica dos povos gallaicos fallava Silio Italico, no seculo I da nossa era. No apparecimento da poesia provençal no seculo XI, a Galiza appresenta o mesmo gosto poetico das Canções da Provença e da Sicilia, por isso que todas trez pertenciam ao mesmo elemento ethnico da Aquitania. Com a formação das novas nacionalidades da Peninsula, a Galliza fica sem existencia politica, e a sua poesia popular permanece até hoje sem importancia, e totalmente desconhecida. São estes os periodos que percorreremos no pequeno estudo destinado a acompanhar o specimen da poesia popular da Galiza que se segue.

Quando Silio Italico escrevia no seculo I o poema historico da *Segunda guerra punica*, ao fazer a enumeração dos diversos povos da Peninsula que acompanharam Annibal na expedição contra a Italia, apontava todos os elementos celticos que haviam fraternisado com a invasão carthaginesa. Da Galiza, escreve o poeta esse trecho tantas vezes citado:

Fibrarum et pennae, Divinarumque sagacem,
Flammarum, misit dives Gallaecia pubem.
Barbara nuac patriis ululantem carmina linguis,
Nunc pedis alterno percussa verbere terra
Ad numerum resouas gaudentem plaudere cetras.
Haec requies, ludusque viris, ea sacra voluptas.
(Lib. III, v. 345).

O P. Sarmiento, que escrevia no principio de seculo passado, e que procurou explicar as antiguidades da Galiza, nas suas *Memorias para la Historia de la Poesia y Poetas españoles*, (p. 31, n. 76) commenta estes versos de Silio Italico com um tino nada vulgar no seculo em que Feyjó batia com coragem a velha rotina da erudição pedantesca. Diz Sarmiento: "Primeramente llama a este pais de Galicia rico (*dives*), acaso por los varios y preciosos metales que de alli salian para los Romanos, y aun hoy se benefician. Segundo, supone que tenian idioma proprio y aun idiomas diferentes (*propriis linguis*). Esto contra los que imaginan un solo idioma universal en toda España en tiempo de los Carthaginezes. Tercero: supone los gallegos devotos y religiosos, pues los supone con sacrificios; y ademas, diestros y sagaces en consultar á sus dioses, y al extispicio de sus victimas, ya en el auspicio de las aves, ya finalmente en la observancia, aunque vana, de los movimientos, color, volumen, voracidad y direccion de las llamas de sus holocaustos. Quarto: dice que usaban en sus diversiones, juegos y fiestas sagradas, de hymnos, canto, musica y bailes. *Ululantem . . . Carmina . . . alterno verbere pedis . . . ad nume-*

rum resonas . . . celras.” No lib. X, Silio Italico attribue aos Iberos hoje reconhecidos como celtas d'áquem do Ebro, o uso do mesmo instrumento musico da Galiza:

. ac ritu moris Iberi
Carmina pulsata fundentem barbara *celra*
Invadit.

A parte d'estes cantos gallaicos que versavam sobre assumptos religiosos tinha fatalmente de se perder, porque os cantos bardicos não podiam ser recolhidos em forma escripta, segundo uma prescripção druidica; os instrumentos musicos conservaram-se; como a gaita de folles, commum á Galiza e aos gaëls das montanhas da Escossia. Ainda no seculo XVI era vulgar em Portugal a neuma *Guai*, que caracterizava uma certa ordem de cantos, a que se chamava *Cantar guaiado*, como se vê em Gil Vicente, que era natural de Guimaraes, no alto Minho. Em uma canção de Macias, da eschola gallega, vem esta mesma designação;

Y el gentil niño Narciso
En una fuente *gayado*
De si mismo enamorado.
Muy esquivia muerte priso.
(Ap. Sarmiento, p. 310).

Com o nome de Juan de *Gayoso* apparece na casa do Duque de Arjuna um poeta gallego, que escrevia na forma popular dos *Dizeres*. Esta mesma neuma se encontra em varios romances castelhanos, como: *Guay Valencia! Guay Valencia*, etc. Será aquelle grito dos povos celticos *Wae! Wae!* que ainda hoje se conserva nas montanhas da Escossia como uma grande expressão natural? A outra característica observada nos cantos gallaicos, *ululantem*, ainda hoje se conserva nos estribilhos modernos mais peculiares por onde a Galiza se dá a conhecer, o seu *Alalála*, neuma tão usada nas romarias devotas. Uma das cantigas modernas, que pertencem á classe de *Serenatas con Alalá*, começa:

Alá a riba non sei donde
Dicen que hay non sei qué santo;
Si lle rezan non sei qué
Ganase non sei que tanto etc.

N'esta outra cantiga acha-se o estribilho completo:

Adios, ti Poutenafonso,
Non sei quen te acabará . . .
Trinta anos me levache
Flor de miñã moxedá!
Alala la, lala, lala
Alalala, lala, la. ¹

E' este o canto que halucina o gallego que está longe da sua terra; o som ululante da gaita campestre desperta-lhe a saudade nostalgica que o mata. Diz Varnhagen, que residiu em Madrid: " Ainda hoje no exercito hespanhol não ha que contar muito com os gallegos fóra do seu paiz por adoecerem em grande parte de nostalgia. " ¹ Como o gallo das montanhas da Escossia, que, longe da patria, na America do norte ou nas florestas do Canadá, fala o inglez, mas sonha e sente no dialecto gaëlico, como elle mesmo confessa, é assim o gallego longe da lavoura das suas montanhas, entregue aos trabalhos braçaes e ao tedio das guarnições militares. As cantigas em *Alalila* ou a *Muiñera* trazem-lhe o ár d'esses montes, lembram-lhe todas as alegrias do campo, annunciam-lhe um conhecido, que ha muito tempo não viram :

Ayriños, ayriños, ayres,
Ayriños de miña terra;
Ayriños, ayriños, ayres,
Ayriños levayme a ella.

Bastavam estes caracteres persistentes para despertarem todo o interesse pela poesia popular da Galiza, cuja importancia é grandissima desde que se descubriu no seculo XV, na *Carta* do Marquez de Santillana ao Condestavel de Portugal, que essa poesia foi o elemento tradicional que fecundou o lyrismo litterario da Peninsula.

A Galiza foi o primeiro ponto da Peninsula que soffreu e ficou submettida ás invasões dos barbaros do Norte. Os Suevos eram um dos ramos mais civilizados das raças germanicas. Na *Historia dos Francos*, de Gregorio de Tours, se lê: " Em seguida os Vandalos, deixando os paizes que habitavam, invadiam as Gallias com o seu rei Gunderico. (Ann. 406). Depois de haverem devastado, precipitaram-se sobre a Hespanha. *Os Suevos, isto é, os Allemães, seguiram-os e apoderaram-se da Galiza.* " ² O primeiro conflicto começou com os Vandalos, que professavam o Arianismo. por um accordo sob a arbitragem de um combate singular, os Vandalos seguiram até á Africa, aonde se dispersaram. Na invasão da Peninsula os Suevos apoderaram-se da região que mais favorecia o seu progresso e independencia: " De antes, como escreve Jornandes, os Suevos tinham o seu assento na Galiza, e na Luzitania, que se estende sobre a direita da Hespanha, ao longo das costas do oceano, tendo ao oriente a Austrogonia, ao occidente sobre o promontorio, o monumento sagrado de Scipião, general romano; ao norte o oceano, ao meio dia a Luzitania e o rio Tejo . . . " ³ Por esta noticia de Jornandes se vê, que os Suevos occuparam o melhor solo da Peninsula,

¹ *Trovas e Cantares*, p. XXIV. Chama-se a esta docença: *Morr'nha gallega*.

² Trad. Guizot, t. I, p. 42.

³ *De rebus Geticis*, p. 355, trad. Savagner.

que os levava á ambição de dominarem sobre todos os outros ramos germanicos: « Foi d'estas regiões que saíu Riciario, rei dos Suevos, com o projecto de se apoderar de toda a Hespanha. » Teoderico, que occupava o throno dos Visigodos, destruiu para sempre esta ambição na batalha junto ao rio Urbius. A situação geographica, que provocava o Suevo á independencia e dominio, foi a causa da sua absorpção pelos visigodos; mas essa situação dos Suevos, na invasão da Peninsula, prova-nos a sua superioridade, porque já a esse tempo tinham poder para preferirem a melhor parte da conquista, e sabiam conhecer as melhores condições economicas para o estabelecimento de um povo. Mas este progresso foi interrompido por uma causa que explica tambem o desenvolvimento dos Godos: Os Suevos abraçaram o catholicismo, e por causa da nova crença, perderam os seus mythos, e por consequencia não chegaram a elaborar os seus cantos epicos, os quaes teriam sido um meio de resistencia e um estimulo de independencia apesar de todas as derrotas. O catholicismo fez prevalecer a tradição morta das eschololas latinas; assim Gregorio de Tours, fallando da morte “ do benaventurado Martinho, Bispo da Galiza ” diz como grande elogio: “ havia-se de tal modo dedicado ao estudo das letras, que no seu tempo ninguem o ultrapassou. Foi elle que escreveu os versos que se lêem sobre a porta meridional da Basilica de S. Martinho. ” ¹ Uma vez privado das ambições da conquista e da actividade das armas, o Suevo ficou sedentario, e pelas condições de territorio em que estava confinado, entregou-se ao trabalho da agricultura. A natureza d'este trabalho fel-o renovar a antiga linguagem technica da agricultura romana juntamente com os processos mais adiantados: ainda no seculo passado escrevia o P. Sarmiento: “ Galicia, mi patria, es la provincia que mas voces latinas conserva, y en especial en quanto toca á agricultura. Digolo, por que lei por curiosidad de verbo ad verbum á Caton, Varron, Columella y Palladio. ” ² A influencia da lingua dos Suevos sobre o gallego actual, fazendo com que tivesse uma poesia muito mais cedo do que as outras linguas da Peninsula, é assim caracterizada por Helfferich e Declermont: “ Comparando a vocalisação do dialecto suabio actual á do portuguez, julga-se ter achado a soluçõ do problema. Foram os Suevos que, primeiro que as outras tribus germanicas, se estabeleceram na Galiza, e admittindo que a lingua allemã recebesse na bocca dos Suevos, desde a sua primeira apparição historica, uma vocalisação distincta da do gotico, não custará attribuir a intonação nasal, particular ao dialecto suabio, e que se encontra de uma maneira surprehendente no portuguez, á influencia da lingua dos Suevos sobre o neo-latino que acabava de se formar unicamente na

¹ Trad. Guizot, I, 304.

² *Mem. cit.*, p. 141.

Galiza." ¹ Da condição essencialmente agricola tirou o gallego a nova poesia lyrica, as chamadas *Serranas*, de que falla o Marquez de Santillana, as quaes influiram no lyrismo de toda a Peninsula, como adiante veremos. Mas o trabalho da terra fez adoptar, sob o dominio moral absoluto da egreja, uma forma de propriedade que foi a causa mais forte de decadencia da Galiza; aonde a egreja dominou fundou a authoridade sobre a grande propriedade, e por este motivo teve de fazer prevalecer a Emphyteose romana. Mesmo em Portugal, o alto Minho, que foi primitivamente Galiza, é completamente emphyteutico. Portanto, submettida a propriedade territorial da Galiza, ao regimen emphyteutico, deu-se a separação entre os colonos que trabalhavam e as ricas abbas e senhores que desfructavam; d'aqui resultou uma riqueza limitada sobre uma miseria geral, e a necessidade da emigração de colonos para os trabalhos servis de Portugal, Castella e conquistas hespanholas transmarinas, a ponto de estar a Galiza hoje organizada sobre a seguinte base: trez por cento como proprietarios, e noventa e sete por cento como trabalhadores, os quaes depois de haverem melhorado os terrenos como rendeiros são excluidos da especulação agricola pelos directos senhores. N'estes trez por cento de possuidores entram em grande parte as ricas Abbas; isto trouxe o Suevo a ser quasi no estado presente considerado como uma raça degradada em toda a Peninsula. O governo hespanhol desde que reduziu a Galiza á subserviencia de provincia, não tem feito mais do que exploral a com crescentes impostos e recrutamentos barbaros; as cantigas populares accusam esta atrocidade:

Rapaciños de Castilla,
 Tratade ben os gallegos;
 Cando van, van como rosas,
 Cando ven, ven como negros.

Contra a necessidade de procurarem trabalho fóra da patria, protestam as cantigas do povo:

A Castilla van os homes,
 A Castilla por ganar;
 Castilla queda na terra
 Para quen quer traballar.

A fidalguia portugueza, geralmente derivada de varias emigrações politicas da Galiza, tambem desde muito tempo renegou esta origem. Camões, terceiro neto do trovador gallego Vasco Pires de Camões, que se refugiou em Portugal no tempo de Dom Fernando I, escreve nos *Lusiadas*: « Oh sórdido gallego. . . . » E Sá de Miranda, tambem

¹ *Aperçu de l'histoire des langues neo-latines en Espagne*, p. 36.

descendente dos Soutomayores da Galiza, escreve em uma Serranilha no gosto antigo :

Sola me dexaste
En aquel yermo.
Villano malo, gallego.

(p. 404, ed. 1804.)

E nos dictados portuguezes repete-se este resto de um amphiguri, em que se chasquia a indole pacifica e branda do gallego, porventura modificado pela estabilidade agricola :

Duzentos gallegos
Não fazem um homem. . .

N'estas tristes condições a lingua gallega foi desviada da cultura litteraria, de um lado pelo latim ecclesiastico e do outro pela imposição do castelhano como linguagem official dos documentos publicos. Ainda hoje se dá um phenomeno curioso mas natural com relação ao uso da lingua gallega: falla se domesticamente, usada pelas crianças, prohibindo-se-lhes, quando alguma pessoa de cerimonia é admittida em casa. O anexim gallego :

Sei, que por que estás en Coruna
Xa non queres falar en gallego,

exprime um factio moral, que se repete em Badajoz com relação á lingua portugueza. O gallego, que primiero foi usado litterariamente na Peninsula, está reduzido apenas aos cantos populares; recolher esses cantos é contribuir não só para se fazer o estudo comparativo d'este dialecto, mas reconstituir pela tradição-actual os antigos elementos poeticos que tanto influiram nas litteraturas portugueza e castelliana. Os documentos em prosa escriptos em gallego são muito raros; alem do *Foro de Creigos*, e da pequena *Chronica* que se acha na bibliotheca Barberina em Roma, o erudito P. Sarmiento, que investigava com amor as antiguidades da sua patria, dá-nos a noticia de ter visto documentos n'essa lingua desde o seculo XIII até ao XV: "quando Portugal estava en possession de los Moros, se hablaba ya en Galicia el idioma vulgar, aunque dudo que se escribiese; como no aun hoy apenas se escribe. Pero esto no impide que se cantase, y que en el se hiciesen varias coplas que despues se pasaron al papel, y con el tiempo se olvidaron ó se perdieron de todo." (p. 200.) Sarmiento não tinha liberdade para explicar o uso exclusivo do castelhano: "Pero los gallegos, por deferencia á la lengua castellana dominante, hacian ó recibian los instrumentos publicos en vulgar castellano; lo que aun hoy (1741) executan." (Ib., p. 202.) "Aunque he dicho que el idioma gallego no se escribia, ni se escribe, se entiende en instrumentos pu-

blicos y en libros: pues en contractos particulares y en cartas tal qual vez se escribia y aun se usa; pues he visto instrumentos de los siglos decimo quarto y decimo quinto escritos en ese idioma." (Ib., p. 204.) "Por un raro accidente vino á parar a mis manos un quaderno de varios Instrumentos particulares de donaciones, compras, ventas, truecas, etc. copia de los originales que se conservan en el Archivo del Monasterio de Sobrado de Cistercienses en Galicia. Hay algunos en latin, pero muchisimos en idioma gallego. Lo que hace al proposito és, que siendo el mas antiguo en aquel idioma, del año de 1267; desde este año hasta acabar el siglo apenas hay año que no sea fecha de alguno hustrumento escrito en gallego puro del siglo decimo tercio." (Ib., p. 299.)

Uma das causas porque a lingua gallega se tornou o dialecto particular da poesia lyrica tanto de Portugal como de Castella, além da communicacão primeira com os trovadores da Aquitania, está no desenvolvimento politico d'estes dois paizes. Castella não tinha dominado ainda as differentes provincias de Hespanha, nem garantido contra ellas a sua independencia: a unidade soberana das Hespanhas era disputada pelo Aragão e por Leão. Só no meado do seculo XV, sob Fernando e Isabel, é que essa unidade politica se fez, e é a datar d'esse tempo que a lingua castelhana toma o seu desenvolvimento, reduzindo as outras linguas a dialectos restrictos e particulares; era no principio do seculo XV que o Marquez de Santillana fallava do uso do gallego na poesia castelhana, não só referindo-se ás poesias de Alfonso o Sabio, educado na Galiza, mas a essa especie de renascença do genio poetico galleziano em Villasandino, em Macias, e Juan Rodriguez del Padron, seus contemporaneos. A influencia da lingua gallega cessa no momento em que o castelhano por effecto da unidade politica se constitue em disciplina grammatical e em lingua official. N' este mesmo periodo do seculo XV já a lingua portugueza estava mais *contrahida* do que a castelhana, ja distinguia a sua epoca *archaica*, porque, desde a constituicão da nacionalidade portugueza, ou melhor, desde que recebeu a forma escripta, não teve nunca a luctar com as aberracões dialectaes, e por isso o seu desenvolvimento em vez de dispender-se em unificacão deu-se no sentido do neologismo e da disciplina. Mas o uso da lingua gallega em Portugal, sobretudo na poesia, proveiu em parte do elemento aristocratico e em parte pela immobildade d' esse dialecto, que era como que uma especie de apoio no meio das perturbacões que as colonias francezas, inglezas, e as povoações mosarabes e mudjares conquistadas podiam produzir na nova sociedade. A separacão do portuguez do gallego consistiu na immobildade do mesmo dialecto em um ponto, e do seu progresso successivo e litterario em outro. O dialecto gallego devia constituir-se grammaticalmente mais cedo

do que nenhum outro dialecto romanico da Peninsula, porque desde a dominação dos Suevos nunca mais recebera a Galiza outra invasão que a perturbasse. As incursões arabes que passaram para cima do Douro foram rapidas e sem importancia; a Galiza ficou na civilisação da Peninsula na mesma posição excepcional da Provença para com a França. Essa longa tranquillidade fel-a adoptar o genero lyrico da Eschola da Aquitania (Limoges, Gasconha e Saintonge) e ser o centro da educação dos príncipes e fidalgos. Assim como a poesia provençal não foi mais do que o desenvolvimento litterario dos cantos populares da tradição gauleza, como se conhece no trovador mais antigo, o Conde de Poitiers, que o declara na rubrica de uma canção, assim tambem foi a Galiza que forneceu um elemento lyrico popular aos trovadores portuguezes e castelhanos quando quizeram abraçar um novo estylo. Não basta só Strabão dizer que os Aquitanios se pareciam com os Iberos (Celtas d'áquem do Ebro), ha tambem um fundo commum de poesia lyrica que pertence simultaneamente á Provença, ao sul da Italia, á Galiza e a Portugal, em que se reflecte essa unidade dos povos da Aquitania. A publicação moderna de algumas *Pastorellas* provençaes e a sua comparação levam a concluir por essa paridade. Os restos de *Dizeres* e *Serranilhas*, intercallados nos Autos de Gil Vicente, parecem-se com as composições gallegas do seculo XIV recolhidas no Cancioneiro da Vaticana; ¹ em uma pastorella de Guido Cavalcanti vem estes versos, quasi identicos em Gil Vicente:

E domandai se avesse compagnia?
Ed ella mi rispose dolcemente
Che sola, sola per lo bosco gia. ²

E em Gil Vicente:

Ceguei-me per ella com gram cortezia,
Disse - lhe : Senhora, quereis companhia?
Disse - me : Escudeiro, segui vossa via. ³

Um poeta do *Cancioneiro geral* escreve no fim do seculo XV sobre o seguinte Vilancete popular:

Abayx' esta serra
Verey minha terra.
Oh montes erguidos,
Deixai - vos cair,
Deixai - vos sumir
E ser destruidos.
Pois males sentidos
Me dam tanta guerra
Por ver minha terra.

(III, 562). .

¹ *Bibliographia critica*, sobre os *Conti antichi portoghesi*, de Monaci.

² Ap. Nannucci, *Manuale della Letteratura* etc. I, 273.

³ *Obras*, III, 218.

Uma cantiga conservada ainda hoje na tradição oral da Provença, intercalada em uma composição de Jasmin, parece-se bastante com a composição portugueza, sem duvida pelo caracter antigo de pastorella:

Aquellos muntaynos
 Que tan hautos sun,
 M' empachon de veyre
 Mas amus un sun;
 Baycha-bus, muntaynos
 Planos hausa-bus,
 Perque porqui beyre
 Un sun mas amus. ¹

Sobre a relação d'este dialecto com o portuguez, repetiremos o facto apontado por Baret, que a linguagem do Béarnais é entendida pela plebe no Brazil. Por muitas comparações d'esta ordem poder-se-hia reconstituir em parte o elemento popular de que saiu a poesia provençal. A Galiza era um dos pontos do meio dia da Europa aonde existia um fecundo lyrismo popular; esse lyrismo foi imitado em Portugal nos *Cantares de amigo* das composições aristocraticas, e o grande desenvolvimento que dera á poesia gallega, fazia com que se adoptassem tanto em Portugal como em Castella as mesmas formas metricas. Entre os trovadores do Cancioneiro da Vaticana, vem muitos jograes gallegos confundidos entre os fidalgos portuguezos. O *Cancioneirinho de trovas antigas* e os *Canti antichi portoghesi* trazem bastantes pastorellas portuguezas da côrte de Dom Diniz imitadas de Serranilhas gallegas ou compostas por jograes gallegos; n'este tempo Affonso o Sabio escrevia o seu Cancioneiro em gallego, e os galleguismos são um caracteristico do Cancioneiro da Ajuda.

Os limites da Galiza, na epocha da constituição da nacionalidade portugueza, demostram materialmente a relação em que estavamos para recebermos e imitarmos essa poesia popular e esse novo dialecto. Diz Herculano: "No seculo XI, a extrema fronteira da Galiza ao occidente parece ter-se dilatado ao sul do Douro nas proximidades da sua foz, pela orla do mar até além do Vouga; mas seguindo ao nascente o curso d'aquelle rio, os sarracenos estavam na posse dos castellos de Lanhoso, Tarouca, Sam Martinho de Mouros, etc." ² Tambem Helfferich e Declermont explicam as intonações nasaes da lingua portugueza pela influencia gallega ³: "É incontestavel que o *idioma gallego*, em consequencia do casamento das duas filhas do rei Affonso VI com os condes francezes Henrique e Raymundo, ao qual coube em partilha a Galiza, se apropriou, a contar do seculo XI, de muitos elementos do francez, e se propagou de cada vez mais, mesmo em Portugal, á medida que a Galiza

¹ Ap. *Rev. des Deux Mondes*, 1846, IV, 402.

² *Hist. de Portugal*, III, 189.

³ *Aperçu de l'histoire des langues neo-latines en Espagne*, p. 35.

se engrandecia da parte do oeste, ao passo que as Asturias e o reino de Leão se aproximavam cada vez mais de Castilla e do castelhano. " Segundo estes auctores, o gallego distingue-se pelo emprego do *u*, tão raro no castelhano, como o exemplificam pelo antigo ms. de Monforte de 1255; " Cünuzuda cousa seya á todos aqueles que este escritu viren, que contendendo per ante mi Fernan Petri Juiz del Rey en Lemos sube lu Portadigu de se meesmu julgadigu. etc." As formas em *udo*, dos participios verbaes portuguezes, usados até ao fim do seculo XV, são ainda um resto d'esta caracteristica dialectal galleziana. No Cancioneiro de Ajuda encontra-se a cada verso o *æ* por *te* :

Fazer en quant' *x* 'el quer fazer. (Canc. n. 55)

Mais pois vejo que *x*'el quer assi

Poil-o el faz por *æ* me mal fazer. (Ib. n. 159).

Estas formas explicam-nos a tendencia da lingua portugueza em converter a combinação *pl* em *ch*, como em *plus*, *chus*; *plantar*, *chantar*; *plano*, *chão*; *plorare*, *chorar*; *pluvia*, *chuva*, etc., a qual se conserva pura na linguagem erudita como em *plantar*, *plano*, e outras. Como já indicamos, no Cancioneiro da Vaticana entre varios fidalgos portuguezes acham-se muitos, trovadores e jograes gallegos, taes como Affonso Gomes, jogar de Sarria, Fernan Gonçalves de Senabria, João Ayres, burguez de Santiago, Joan Romeu de Lugo, João Soares de Paiva que foi morrer a Galiza por amores de uma Infanta, Joan Vasques, de Talavera, Martin de Pedrozellos, Joan Nunes Camanes, Vasco Fernandes de Praga, e outros maios. A Galiza, nas luctas da cõrte portugueza no tempo de D. Affonso II e D. Sancho II, e Dom Fernando, foi como um paiz neutro para onde se acolhiam os fidalgos portuguezes; os nobres gallegos tambem recebiam em Portugal acolhimento distincto, e não receiaram seguir o partido de D. Fernando, tendo de refugiar-se depois de vencidos na cõrte portugueza. Descendiam d'esses emigrados gallegos os quinhentistas Sá de Miranda e Camões, que acharam a feição nacional da poesia portugueza, e nos libertaram da subserviencia litteraria de Castilla em que estavamos, como se vê em todo o Cancioneiro de Resende.

Era preciso que a tradiçãõ poetica popular da Galiza fosse profunda, para que, ainda depois de Affonso o Sabio, quando a Galiza já não tinha vida politica, produzisse tantos poetas lyricos, de tal forma inspirados, como Villassandino, Macias, Padron, Jerena e Arcediago do Toro, que pudessem luctar com vantagem contra a influencia do novo lyrismo de Italia, que entrava por Sevilha. Nas litteraturas, a fecundidade e a originalidade individual correspondem sempre á existencia de um vigoroso elemento de tradiçãõ popular; esta grande lei da critica moderna verifica se na Galiza. No meado do seculo XV escrevia

o Marquez de Santillana ao Condestavel de Portugal: “ E depois acharam esta *Arte*, que *Mayor* se chama, e *Arte Commum*, creio, nos reinos de Galiza e Portugal, aonde não ha que duvidar, que o exercicio d’ estas sciencias mais do que em nenhuma das outras regiões e provincias de Hespanha se costumou; em tanto gráo, que não ha muito tempo, quaesquer Dizidores ou trovadores d’ estas partes ou fossem Castelhanos, Andaluzes ou da Estremadura, todas as suas obras compunham em lingua gallega ou portugueza. E ainda è certo que recebemos os nomes de arte, como: maestria mayor, e menor, encadenados, lexapren e mansobre. ” ¹ D’ este texto se infere: 1º Existencia da *Arte commum* usada pelos *Dizidores*, que compunham em *maestria menor* essas obras que o Marquez de Santillana no § XV chama: “ *Cantigas, Serranas e Dizeres* portuguezes e gallegos. ” 2º Que a par d’ esta fonte popular coexistia a *Arte mayor*, usada pelos *trovadores*, que escreviam em metro endecasyllabo ou limosino (Eschola da Aquitania) sendo as suas composições mais artificiaes, como os encadenados, o lexapren e o mansobre. 3º Que o dialecto gallego era usado na poesia lyrica tanto em Portugal como em Castella, na Extremadura e Andalusia. No seculo passado teve o P. Sarmiento uma polemica com D. Thomaz Sanchez, tomando no sentido mais absoluto as palavras de Santillana: “ Yo como interesado en esta conclusion por ser gallego, quisiera tener presentes los fundamentos que tuvo el Marquez de Santillana; pero en ningun Autor de los que he visto, se halla palabra que pueda servir de alguna luz. ” (*Mem.*, p. 126.) No tempo de Sarmiento já eram estudadas as poesias de Affonso o Sabio, escriptas em dialecto gallego, conforme o reconheciam Diego Ortiz de Zuniga, e Papebroquio, e hoje todos os ph’ologos. Sarmiento depois de reconhecer tambem a lingua em que escreveram Macias e Padron, conclue: “ De este modo se entiende y se confirma lo que escribio el Marquez de Santillana sobre el idioma de los antiguos Trovadores castellanos, andaluzes y extremeños. ” (*Id.*, p. 200) Quando o Marquez de Santillana assignalava esta influencia da Galiza, escrevia “ *não ha muito tempo* ”; este limite da influencia gallega assigna-se em Hespanha com a introduccão da imitação italiana em Castella por Micer Imperial; e com relação a nós os portuguezes com a imitação de João de Mena começada pelo Infante Dom Pedro. O ultimo vestigio d’ esta unidade poetica da Peninsula: foi fixado por Sarmiento na comparação dos Adagios gallegos: “ Los Adagios gallegos son los mismos que los de los Portuguezes y Castellanos, que son semejantes à los Francezes. . . . ” (*Ib.*, p. 178). No seculo XVI ainda Camões escrevia dois Sonetos em lingua gallega, cujo intuito não se pode bem

¹ *Carta ao Condestavel*, § XIV.

conhecer; no seculo XVII o Marquez de Montebello caracteriza o gosto das mulheres de Braga pelo canto a córos, tal como no seculo XVIII observava Sarmiento na Galiza: " Con grande destreza, diz o citado Marquez, se exercita a musica, que é tão natural em seus moradores esta arte, que succede muitas vezes aos forasteiros que passam pelas ruas, especialmente nas tardes de verão. parar e suspenderem-se ouvindo *as trovas que cantam em córos com fugas e repetições as raparigas, que para excitar o trabalho de que vivem lhes é permitido...* " Sarmiento, em 1731, observa tambem a influencia da mulher na poesia popular da Galiza: " Ademas desto he observado que en Galicia las mujeres no solo son poetisas, sino tambien musicas naturales ". (*Mem.*, p. 238) Esta característica explica-se ethnicamente: " los paizes que estan entre los dos famosos rios Duero y Miño, pertenecian á Galicias y no a Lusitania. Ptolomeo expressamente pone dos classes de gallegos: unos *Bracharenses*, cuya capital era Braga; y otros Lucenses, cuya cabeza era Lugo. Pero despues que Portugal se erigió en reyno á parte, agregó muchos paizes de Galicia. De esto ha resultado que muchas cosas, que en realidad son gallegas han passado por portuguezas; etc. " (*Ib.*, p. 201) Isto se pode applicar á antiga tradição epica gallega de *Peito Burdello*, ou do Tributo das Donzellas, que hoje só existe na poesia popular portugueza. De um manuscripto portuguez do seculo XVI, intitulado *Descripção de Entre Douro e Minho*, pelo Doutor João de Barros, extractamos a origem d'esta tradição: " ha outro costume n'esta comarqua, que é o Censo, foro dos *Votos de Santiago*, que paga cada morador d'esta terra, e do Reyno de Leão, huma medida de pão e outra de vinho; e os de Leão se pagam ao arcebispo de Santiago e os d'esta comarqua aos de Braga, que lhe foram permudados por outros direitos que deixou a Santiago, e tem nacimiento do tempo del rey Ramiro godu, o qual se levantou contra os Mouros e lhe tolheu o tributo que lhe prometteu o rei Mauregato, que lhe dava cada anno *cem donzellas*, e porque este rei se levantou, se quebrou antre elle e os Mouros a paz. E houveram batalha onde milagrosamente appareceu o apostolo San Thiago. E os Mouros foram vencidos, e foi isto anno de. . . . E por esta victoria se prometteram para sempre ao glorioso apostolo estes *Votos*, por os subsidios d'este reyno de Leão: que não tinham então mais os christãos, e o mais era dos Mouros. Hoje em dia em Galiza, antre a cidade de Coruña e Betanços, está hũ logar que chamam o *Peito Burdello*, onde levando os Mouros estas donzellas, lh'as tolheram por força certos christãos, e deram causa á guerra, e por isso se chama aquelle logar *Peito Burdello*, por ser feito triste e feo. " ¹ Note-se que isto é

¹ Ms. cit. cap. 2, (Bibl. Nacional.)

escripto muitos annos antes de Frei Bernardo de Brito apresentar a tradição de *Figueiredo das Donas*, cujas endechas já desde o seculo XV andavam recolhidas no Cancioneiro de D. Francisco Coutinho. A linguagem d'essas endexas é puramente gallega :

No figueiral figueriedo,
A no figueiral entrey!
Seis *nenas* encontrara,
Seis *nenas* encontrey. . . .¹

Depois de ter caracterisado a poesia popular da Galliza, continua Sarmiento: " Generalmente hablando, asi en Castilla como en Portugal y en otras provincias, los hombres son los que componen las coplas è inventan los tonos ò ayres; y asi se vê que en este genero de coplas populares, hablan los hombres con las mujeres ò para amarlas ò para satyrisarlas. En Galicia es el contrario. En la mayor parte de las coplas gallegas hablan las mugeres con los hombres; y es porque ellas son las que componen las coplas sin artificio alguno; y ellas mismo inventan los tonos ò ayres a que han de cantar, sin tener idea del arte musico. " (Ib. p. 238) Este caracteristico é mui bem observado, com a differença porém, que no que se refere a Portugal se deve exceptuar o Alto Minho, o qual não só pelo que já vimos pelo trecho de Montebello, como pelo estado actual da tradição do Minho, são as mulheres que exclusivamente cantam, e improvisam, conservando-se em geral os homens mudos pelo seu estado de estupidez. Um moderno escriptor que tem vivido no Minho dá-nos a seguinte noticia da poesia popular ali: " Passei á orla das cortinhas, onde mourejavam as moças da aldêa, e ouvi-as *cantar ladainhas e versos de San Gregorio*. Quedaram de cantar e romperam n'um murmúrio monotonó: resavam a corôa. "

O phenomeno da Galiza e do Minho, em que as mulheres são as que conservam a poesia, é o resultado da sua ultima decadencia; os padres prohibem as cantigas amorosas e impõem a *Ladainha* e o *Bemdito*. As Romarias são um meio por onde o fanatismo das classes populares se concilia ainda com as suas tradições lyricas; a Galiza e o Minho tem as Romarias como as suas festas mais queridas, como o pretexto das suas dansas e cantos ao ar livre. Muitas das antigas Serranilhas do Cancioneiro da Vaticana alludem aos logares de Romarias:

Vou a *San Salvador*. . . .
A la *Egreja de Vigo*
Ir a *Santa Cecilia*. . . .
Ora van a *San Sercando*. . . .
Ide a *San Momedo*, ver-me-hedes. . . .

¹ Vid. a discussão d'este canto nas *Epopæas mosarabes*.

Estes versos formavam um genero ainda conhecido em Portugal no principio do seculo XVI pela designação de *Cantos de ledino*. A descripção que o P. Sarmiento faz d'este costume da Galiza tambem se podera applicar ainda hoje ao nosso Minho: "Aun hoy (1741) executan lo mismo aquelles nacionales quando van á alguno Santuario ó Romaria. Siempre van en tropa hombres y mugeres. Estas cantando coplas al asunto y tocando un panadero; uno de los hombres tañendo flauta; y otro ó otros danzando continuamente delante hasta cansarse, y entran otros despues. Es verdad que no llevan armas para batirlas al compas, pero llevan en su lugar un genero de istrumento crustico, que en el país llaman *ferreños*, (em portuguez *ferrinhos*) y en Castilla sonajas." (Ib. p. 35). Este caracter devoto faz com que a Galiza e o Minho não apresentem cantos epicos; do Minho, diz Coelho: "a gente do povo, mais desconfiada que a da Beira e d'outras provincias, difficilmente dita ao collecter curioso que a interroga, os cantos e tradições conservados na sua memoria." (*Romania*, III, 275.) Como o Minho, a Galiza conserva alguns *Romances sacros* ou ao divino, *Perlengas* ou trovas sem sentido, *Cantigas de alalala* ou soltas, geralmente parécidas com as que se cantam até ao Mondego. O elemento epico é quasi nullo. Agora resta-nos reunir aqui os cantos populares gallegos que andam dispersos, offerecendo aos philologos um abundante subsidio para a comparação do dialecto gallego com o portuguez; e bem assim a prova da origem popular da melhor parte do lyrismo provençal portuguez; e por ultimo prestar aos que estudam a tradição dos differentes povos o conhecimento da poesia da Galiza, que é como o complemento natural dos nossos trabalhos do *Cancioneiro e Romanceiro geral portuguez*.

THEOPHILO BRAGA.

IL CANZONIERE PROVENZALE

DI CHELTENHAM.

(Vedi pag. 49)

B. — TAVOLA.

[In ciascuna poesia io indico prima il foglio del ms., poi il numero, poi il titolo, o, se essa nel ms. è anonima, scrivo « A. » poi il primo verso e la prima rima di ciascuna strofa, e nelle poesie che non hanno strofe, l'ultimo verso; indi il numero di rimando al *Grundriss* del Bartsch, la notizia se la poesia non fu mai stampata « Ined. », o i luoghi ove il testo del nostro cod. fu messo a luce, e finalmente se la poesia è reperibile soltanto in N. Ove io pongo come titolo il nome del poeta in lettere maiuscole è per supplire avanti a ciascuna delle poesie seguenti, che non hanno altro titolo e che non sono date qui come anonime.

Prego anche di riscontrare le mie correzioni all'indice delle poesie dato dal Bartsch, nel *Jahrbuch für rom. u. engl. Liter.* in uno dei prossimi fascicoli.]

I.

- [f. 1^a] 1. A. *Raçons es e mesura*. Finisce: *Car m'es al cor plus pres.*¹ È l'*Ensegnamen* di Arnaut de Maroil.² § 32, 1.
- [f. 4^a] 2. A. *El tremini d'estiu*. Finisce: *E de bellat lauçada*. È l'*Ensegnamen* di Garin lo Brun, § 33, 1; inedito tranne alcuni frammenti citati nel *Breviari d'amor* di Matfre Ermengau e stampati dal Bartsch, Jahr. III 402 e ss.

¹ Il Bartsch, Jahr. III 495, dice che in N questo componimento sembra mutilo della fine. Ma l'ultimo verso dell'N è pure l'ultimo in R. Ch. IV 465.

² Infatti nella lettera iniziale del componimento è il ritratto del poeta, lo stesso ritratto che sta al f. 65a nella iniziale della prima canzone di Arnaut.

- [f. 9^a] 3. A. *Dompna la uostra gran beutat*. È un frammento del romanzo di *Jaufre* § 18, 1. Nel repertorio del B. G. al n. 461, 89, 19 è registrato il frammento di N come due canzoni anonime, che si dovranno cancellare. Fu stampato secondo il cod. parig. 12571 dall'Hofmann nei *Sitzungsberichte der Kgl. Bayer. Akademie*, 1868, II 195-198 e 345-349, eccetto 8 versi già prima stampati in R. L. I 135^b 136.^a Parte di questo framm. è anche stampata, secondo gli altri tre mss., in B. Ch. 248, 23. La lezione di tutto il framm. secondo N sarà data negli *Estratti*.
- [f. 11^v] 4. A. *A Deu coman uos el uostre ric preç* 461, 7. Stampato secondo N in M. G. 278. Non è in altri codd. Un facsimile del principio sta in R. Ch. II Pl. III, n. v.

II. Nouas Inperials.

- [f. 13^v] 5. A. *So fo el tems c'om era gais*. Incompleto, giacchè finisce col verso: *Com de fals' amor per toç tems*. È il *Giudizio d' Amore* di Raimon Vidal § 19, 3, stampato in M. G. 341 secondo R; un brano in B. Ch. 213, 1 secondo RL. Al Bartsch è ignoto che questo componimento ricorre anche in N.

III. Comiat.

- [f. 20^a] 6. A. Da G. attribuito a Pons de Capdoill, da C a Folquet de Romans, in L anonimo come qui *Domna eu preng comiat de uos*. Fin.: *Qu'eu nasquei per far son talent*. È una lettera d'amore § 29, inedita, tranne alcuni vv. stamp. in R. L. I 489 secondo altro ms.
- [22^o] 7. A. *Dompna uos m'aves et amors*. Finisce: *Vos clam de me merce aiatz*. § 29. Stamp. in Arch. XXXIV 424 secondo L (e non secondo N come è detto nel *Grundriss*).

IV. De bons salut.

- [23^o] 8. A. Secondo GRc di Arnaut de Maroill; in L anonimo come nel nostro cod. (Il Bartsch dice a torto che anche N ne indica Arnaut quale autore.) *Dompna gencer qu'ieu non sai dir*. Fin.: *Amors que tolas causas vents. Dompna!* § 29.
- [f. 25^d] 9. A. *Dompna c'aves la signoria*. Finisce: *Tant es granz mos fols ardiments*. Incompleto. È una lettera finora inedita, ed a ragione quindi ricordata in § 29; ma nel Repertorio 461, 93 si registra di nuovo fra le canzoni anonime.

Questo componimento ora non ricorre che in N, ma giova notare che il Barbieri nell' *Orig. della poesia rimata* p. 130 ne cita dal suo cod. « Lib. in Ass. » i primi due versi, attribuendolo ad Alegret. ¹

[f. 26^a] 10. A. *Que cil c' a tan ric prez comenzat*. Ignoto al Bartsch. Frammento di una poesia in decasillabi che si trova solo in N e si stamperà negli *Estratti*.

[f. 26^c] 11. A. *Bona dompna pros ez onrada*. Finisce: *Pois serai morç nonl ualra re. Dompna!* § 29, ove il Bartsch non ne reca che le due prime parole, e ben congettura che anche questa è una lettera. Ined. Solo in N.

[28^a-29^d bianchi.]

V.

[f. 30^a] 12. A. [S]einor uos que uolez la flor. Finisce: *La garlanda de flor de lis*. Incompleto. È la narrazione della Corte d'Amore di cui § 19, 10. Non si trova che in N, donde ne trasero frammenti M. G. 279, B. L. 34.

VI. [Raccolta di descortz.]

[f. 46^a] 13. A. *Qvi la ui. en ditç (gen, conquis; belaire, maire)* 10, 45.

[f. 46^c] 14. A. *Lai un fin prec nais e floris e grana*. Finisce: *Discord a fiança*. 461, 144. Ined. Solo in N.

[f. 47^a] 15. A. *Ioi e chang e solaç*. Continua: *E amors certana*. Finisce: *Qu' engoisos. son car no venc als bes*. È un descort ignoto al Bartsch. Solo in N.

[f. 47^b] 16. A. *Sil bellam tengues per sieo*. Finisce: *Qu' il non sial ienser c'om ue*. 132, 12.

[f. 47^d] 17. A. *Can la freidor irais* 133, 10. Stampato da N in M. G. 281.

[f. 48^b] 18. A. *Una ualenta*. Finisce: *Car sai que seria. ben m'es*. 132, 13.

[f. 48^c] 19. A. *O con u plus fin' amor mi destreng*. Finisce: *Que d'als non a cura*. 461, 70. Ined. Solo in N.

[f. 49^b] 20. A. *En aiquest gai sonetz leuger*. Continua: *Farai discortz sentz alegrier*. Finisce: *Tant quil uallas meillors trenta*. 461, 104. Ined. Ignoto al Bartsch.

¹ Mussafia, *Ueber die provenzalischen Liederhandschriften des Giovanni Maria Barbieri*, Wien, 1874, p. 37.

- [f. 49^c] 21. A. *A chantar m'er un discortz* 461, 5. Stampato da N in M. G. 282. Solo in N.
- [f. 50^a] 22. A. *Pos la douza sasons gaia* 461, 194. Stampato da N in M. G. 283. Solo in N.
- [f. 50^b] 23. A. *Ab la uerdura* 243, 1. Stampato da N in M. G. 284.
- [f. 51^a] 24. A. *Senz alegrage* 205, 5. Stamp. da N in M. G. 285.
- [f. 51^o-52^b bianchi.]
- [f. 52^v] Diploma dell'Imperatore Carlo IV dell'a. 1354.
- [f. 53 bianco].

VII. FOLQUET.

- [f. 54^a] 25. A. *Tant m'abelis l'amoros pensamens (niens, sufrens, plaisens, saviemens; dire)* 155, 22.
- [f. 54^c] 26. *Amors merce non moira tan souen* 155, 1. Stampato da N in M. G. 686.
- [f. 55^a] 27. *Ben an mort mi e lor* 155, 5. Stampato da N in M. G. 959.
- [f. 55^c] 28. *Per deu amor ben sabetz ueiramen* 155, 16. Stampato da N in M. G. 960.
- [f. 56^b] 29. *S'al cor plages ben fora huimais sasos (amoros, perillos, uos, paoros; sai)* 155, 18.
- [f. 57^a] 30. *Tan meu [sic] de cortesa rasos (chanchos, abandos, laros, pros; genz)* 155, 23 (Parn. 62).
- [f. 57^c] 31. *Moult i fez gran peccat amors (amors, amors, amors, amors; la tornuda comincia: Mal me soi gardaz per nosen)* 155, 14.
- [f. 58^b] 32. *En chantan m'auen a menbrar (onrar, car, blasmar, escollar; be)* 155, 8.
- [f. 58^d] 33. *A! Tant ient uens et ab tan pauch d'afan (retener, atersi, fe, chan)* 155, 3.
- [f. 59^b] 34. *Si tot me soi a tard aperceubuz (aduz, irascuz, er-tenguz, recresuz)* 155, 21.
- [f. 60^a] 35. *Greu fera nuls hom fallensa* 155, 10. Stampato da N in M. G. 961.
- [f. 60^c] 36. *Ia nos eug hom qu'eu camge mas chansos* 155, 11. Stampato da N in M. G. 958.
- [f. 61^a] 37. *Hveimaix noi conose razos (don, son, bon, resson; gen, aten)* 155, 15. (Parn. 60).
- [f. 61^d] 38. *Uns uolers outracuidatz* 155, 27. Stampato da N in M. G. 962.
- [f. 62^b] 39. *Merauil me com pot nuls hom chantar* 155, 13. Stampato da N. in M. G. 963.

- [f. 62^d] 40. *En chantan uolgra mon frem [sic] cor descobrir* 155, 6. Stampato da N in M. G. 965.
- [f. 63^b] 41. *Chantar mi torn'ad affan* 155, 7. Stampato da N in M. G. 966.
- [f. 63^d] 42. *Si con sel que es tan greuiatz (enchantatz, deseretatz, primatz [sic], platz; granz)* 155, 20.
- [f. 64^e] 43. *A pauc de chantar nom recre (conue, ue, recre, mante; merce)* 155, 2.

VIII. ARNAUT DE MERUEIL.

- [f. 65^a] 44. *Aissi cum cel c'ama e non es amaz (conortaz, entendaz, sapcaz, conoscaz, colzaz)* 30, 3.
- [f. 65^b] 45. *Aissi con cel c'om mena al iuiemen* 305, 4. Stampato da N in M. G. 967.
- [f. 65^d] 46. *L'enseignement el prez e la ualors (socors, amors, laudors, onors)* 30, 17.
- [f. 66^b] 47. *Si cum li peis an en l'aiga lor uida (oblida, complida, esernida, guida)* 30, 22.
- [f. 66^d] 48. *Sim destregnez donna uos et amors (richors, luuxor, clamor, color)* 30, 23. Ignoto al Bartsch.
- [f. 67^b] 49. *La francha captenenca (faillenca, ualenca, temenca, pliuenca; faillir)* 30, 15 (Parn. 16).
- [f. 67^d] 50. *Moult eran dolz mei cosir (sofrir, desir, beutat, essaucat; biais)* 30, 19. (Parn. 17).
- [f. 68^b] 51. *En esmai et en conssirier* 34, 1. Stampato da N in M. G. 968.
- [f. 69^a] 52. *A gran honor uiu cui iois es cobitz (seruitz, guiz, espi-ritz, arditz; conoissenca, agenca)* 30, 1.
- [f. 69^c] 53. *Anc contr' amor nom poc rens contradire (iauzire, deuire, rire, desire, dire; Monpesliers)* 30, 8.
- [f. 70^a] 54. *Ses ioi non es valors (esper, ades, merce, clam)* 30, 21.
- [f. 70^c] 55. *Franquez' e norimenz (talenz, genz, conoissenz)* 30, 13.

IX. RIÇARD DE BARBASIL.

- [f. 70^d] 56. *Lo nous mes d'abrils comensa (aiensa, conoisensa, eschaenza, Durensa; Palensa)* 421, 6.
- [f. 71^b] 57. *Bem cuidaua d'amor gardar¹ (lonignar, estar, enblar, donar, chاوزir)* 421, 4.
- [f. 71^d] 58. *Aclhresi cum li lions (saisons, geredons, faicons, zoios)* 421, 1.

¹ La lezione del Bartsch, che scrivo: *gandir*, è erronea.

- [f. 72^b] 59. *Atressi cum l'olifanz (amanz, clamanz, granz, dogromanz [sic]; be)* 421, 2.
- [f. 72^d] 60. *Tot autressi cum la clartat del dia* 421, 9. Stampato da N in M. G. 286.
- [f. 73^c] 61. *Atressi cum Perceuaos (coraos, taols, laos, iornaos; repent)* 421, 3. (Parn. 276).

X. PEIROLL.

- [f. 74^a] 62. *Maingta çenz me mal razona (bona, delonia, non ia, assailla, deuinalla; ver)* 366, 19. (Parn. 89).
- [f. 74^c] 63. *Per dan qui d'amor m'auçigna (antresseigna, plazia, dia, corage, uiage; merces)* 366, 26.
- [f. 75^a] 64. *D'un bon vers uai penssan cum lo feges [sic] res, ges, uolges, nicies, fes; lengage)* 366, 13.
- [f. 75^c] 65. *Del seu tort farai esmenda (prenda, dia, poiria, tegna, regna)* 366, 12.
- [f. 76^a] 66. *Camiat m'a mon conssirer (amors, amesuraz, be, enten, esper; esper, saber)* 366, 6.
- [f. 76^b] 67. *Us nouels pessamenz m'estai (escai, essai, uerai, ai; genoillos)* 355, 20.
- [f. 76^d] 68. *Ab ioi quim demora (bona, mena, cortesa, alegraça [sic], demanda)* 366, 15.
- [f. 77^b] 69. *Si ben sui loign et entre genz estraingna (descenda, complaigna, atenda, atagna, defenda)* 366, 31.
- [f. 78^a] 70. *Pos de mon ioi vertader (premer, sofrir, desir, soue, te; doptansa)* 366, 27.
- [f. 78^c] 71. *Fins e leials e senes tot ençan (merçeian, scenblan, pensan, gran; sobiraz)* 11, 2.
- [f. 79^a] 72. *Peiroll Cel que ioi tanig ni cantar sap* 406, 18. Stampato da N in M. G. 1118.
- [f. 79^c] 73. *Altresi col cisnes fai (penrai, sai, esçai, uai; siaz)* 366, 2.
- [f. 79^d] 74. *M'entension ui tota en un uers mesa* 366, 20. Stampato da N in M. G. 287.
- [f. 80^c] 75. *Mout m'entremis de chantar uolontiers (promiers, cossirres [sic], deçirers, penedensiers, derers; ren)* 366, 21.
- [f. 81^a] 76. *Nels hom non s'auçi tan ien (finamen, ue, esdeue, fai, uai)* 366, 22.
- [f. 81^b] 77. *Ev non laucarai ia mon chan (gran, bausan, an, afan, dan; enansa)* 366, 16.
- [f. 81^d] 78. *Tot mon geing e mon saber (poder, iaser, uer, auer; dire)* 366, 33.

- [f. 82^b] 79 (= 216). *Trit cil qem preion qu'eu chan talan, dan, aitan, coman* 70, 45.
- [f. 82^c] 80. *Cora quem feçes doler (tener, graçis, abilis, ueçer, ris; tener, 366, 9. (Parn. 92).*
- [f. 83^a] 81. *Ab gran ioi mou mantus ues e comença (mantenença, faillença, entendensa, bistença; ren, souen) 366, 1.*
- [f. 83^c] 82. *Cora c'amors uoilla, (uailla, trembla, ama, meça, amia; fai) 366, 8.*
- [f. 84^a] 83. *Un sonet uauc pensan (deçiran, aitan, man, estan, can; aitan, talan. 366, 14.*
- [f. 84^b] 84. *D'eisa la rason qu'eu sueill (ongueill [sic], me, fe, anguoisos 366, 11.*
- [f. 84^d] 85. *Ben dey chantar pos amor m'o ensenigna (defendre, uengna, alendre, entresenigna, entendre; enten, ren) 366, 3.*
- [f. 85^b] 86. *Ia om pres ni deseritaç (una stanza) 392, 19.*

XI. [Stanze anonime].

87. *Ges li poder nos parton per egal* 461, 130. Ignoto al Bartsch.
- [f. 85^c] 88. *Cant eu recort las gran honors el bes.* Stanza ignota al Bartsch. Solo in N. Sarà stampato negli *Estratti*.
89. *Aicel que son petit poder* 461, 66. Sarà stampato negli *Estratti*.
- [f. 85^d] 90. *Dos graç conquer hom ab un don* 461, 98. Ignoto al Bartsch.
91. *Domna qui de cognat fui drut* 461, 95. Ignoto al Bartsch.
92. *Amor uol drut caualcador* 461, 21. Ignoto al Bartsch.
- [f. 86^a] 93. *Quui laisa per sa moiler* Stanza ignota al Bartsch. Solo in N. Sarà stampata negli *Estratti*.
94. *Drutç, qui uol dreitament amar* Stanza ignota al Bartsch. Solo in N. Sarà stampata negli *Estratti*.
95. *Ial malpartier no po hom tant ferir* Stanza ignota al al Bartsch. Solo in N. Sarà stampata negli *Estratti*.
- [f. 86^b] 96 (= 368). *Coingdas rasos e nouella plasenç (iausenc, defendenc) 450, 3.* Ignoto al Bartsch.

XII. PEIRE (PEIR) UIDAL.

- [f. 86^c] 97. *Moult m'es bon e bel* 364, 29. Stampato da N. in M. G. 377.
- [f. 87^b] 98. *Cant hom es en altrui poder (cabere, uezer, remaner, saber, ualer; Genoes) 364, 39.*

- [f. 87^d] 99. *Tant hai longamen cercat (uillat, homilitat [sic], castiat, foldat, passat; chausimen, amor)* 364, 46.
- [f. 88^c] 100. *Anch no mori per amor ni per al (descomunal, natural, cabal, cal, celestial; deu)* 364, 4.
- [f. 89^b] 101 (= 122). *Nvillz hom non pot d'amor gandar* 364, 31. Stampato da N in M. G. 382.
- [f. 89^d] 102. *Si saubesen meis oills perlar [sic]* 364, 44. Stampato da N in M. G. 383.
- [f. 90^b] 103. *Neu ni çel ni ploça ni fung (erang, aconpang, tang, Galvang, bang)* 364, 30. (Parn. 191).
- [f. 90^d] 104. *Lostar [sic] e laisar* 364, 2. Stampato da N in M. G. 372.
- [f. 91^d] 105. *Zu per temps fer e brau* 364, 24. Stampato da N in M. G. 378.
- [f. 92^b] 106. *Tan mi plaç* 364, 48. Stampato da N in M. G. 384.
- [f. 92^c] 107. *Bon'auentura don dieus als Pisans* 364, 14. Stampato da N in M. G. 375.
- [f. 93^a] 108. *Drogoman seigner, s'ieu agues bon destrier (doblier, Oliuer, cauallier, corsier, grauier; lausengier)* 364, 18. (Parn. 187).
- [f. 93^c] 109. *Barons Iesus, q'en crotç fon mes*. Una stanza e il cominciamento della seconda: *Qel sanç paradis ques pro* 364, 8. 110 (= 156). *Sil plagues c'abels plaiser honraç* 167, 15. Ignoto al Bartsch. Sarà stampato negli *Estratti*.
- [f. 93^d] 111. *Per meils sofrir lo mal traic e l'afan* 364, 33. Stampato da N in M. G. 376.
- [f. 94^c] 112. *Plus ai de talan qu'eu no soill* 47, 8. Stampato da N in M. G. 386.
- [f. 95^a] 113. *Pos ubert ai mon ric tesaur* 364, 38. Stampato da N in M. G. 276.
- [f. 95^d] 114. *Ben pac d'iuern e d'estiu (soloriu, Griu, nomenatiu, pensiu, Montoliu: apella)* 364, 11. (Parn. 182).
- [f. 96^c] 115. *Amors, pres son de la beira* 364, 3. Stampato da N in M. G. 380.
- [f. 97^a] 116. *Pos tornaç sui en Proença (alendeça [sic], falença, penedença, garença, gre en a)* 364, 37. (Parn. 194).
- [f. 97^c] 117. *Ben m'agrada la couinenç sasos* 364, 10. Stampato da N in M. G. 373.
- [f. 98^a] 118. *Simi laisaua de chantar (acubar, tardar, pensar, amar, desesperar)* 364, 43.
- [f. 98^c] 119. *S'ieu fos en cort, on hom lengues dreitura (esquiuva, chausida, Marsegla, conquista, apodera, regina; enança, seingnoreia, Vierna)* 364, 42.

- [f. 99^b] 120. *Per pauc qe de chantar nom lais (esglais, fais, abais)* 364, 35.
 [f. 99^c] 121. *De chantar m'eira laisatz (forsatz, enganatz, donatz, coronatz; son)* 364, 16. (Parn. 185).
 [f. 100^a] 122 (= 101). *Nrils hom non pod d'amor gaudir (descremir, fugir, garir, chausir)* 364, 31.
 [f. 100^b] 123. *Tant an ben dit del marques (Aragones, conques, espes)* 364, 47. (Parn. 198).

XIII. [Stanze anonime].

- [f. 100^d] 124. *Qe'ira [et cancellato] uen a deu* 461, 212. Solo in N. Sarà stampato negli *Estratti*.
 125. *Si ues hom e no saps cui* 461, 225.
 126. *D'ome fol e desconoissen (laupor)* 461, 86.
 [f. 101^a] 127. *Lo sen uolgra de Salamon* 461, 154.
 128. *En faire gran uasalaie* 461, 108.
 [f. 101^b] 129. *Grans gauz mi uen la noit, cant sui colgaç* 461, 135.
 130. *Maltrait d'amor no seran ia tant gran* 461, 160. Ignoto al Bartsch.
 [f. 101^c] 131. *E si amors autre pro non tengues* 392, 30.
 132. *Altrelant leu pot hom ab cortesia* 461, 32.
 [f. 101^d] 133. *Loes es qu'om chant e c'om s'en lais* 461, 149.
 134. *Ges eu no teing toç los larcs per fort pros* 461, 129.

XIV. PEIRE (PEIRO) MILON.

- [f. 102^a] 135. *Si com lo mege fa crer* 349, 9. Stampato da N in M. G. 288.
 [f. 102^c] 136. *Pois qe dal cor m'auen, farai çanços* 349, 6. Stampato da N in M. G. 289.
 [f. 103^a] 137. *Qvand hom troba dos bons sconbatedor (seignor, dolor, aillor, plor; perilar, ualgues)* 349, 7.
 [f. 103^d] 138. *Aisi m'auen con cel qui seignor dos* 349, 1. Stampato da N in M. G. 673.
 [f. 104^b] 139. *Nes hom no sap d'amic tro l'a perdut (nogut, uen-cut, uolgut, aiut; partria)* 457, 26.
 [f. 104^d] 140. *S'eu anc d'amor sufers ni mal ni pena (demena, qarentena, refrena, catena)* 349, 8.
 [f. 105^b] 141. *Quant hom reigna uas cellui falsamen* 236, 6. Stampato da N in M. G. 290. (Parn. 379).
 [f. 105^d] 142. *In amor trob pietat gran* 349, 3. Stampato da N in R. Ch. 5, 319. Solo in N.

- [f. 106^c] 143. *A vos merces uoil retrar mons affaire aïre, ueiaïre, repaïre, maïre, donaïre; talen*) 349, 2. In.

XV. [Stanza anonima]

- [f. 107^b] 144. *Molt m'agrada trobar d'inuern ostage*. Stanza ignota al Bartsch. Solo in N. Sarà stampata negli *Estratti*.

XVI. UGH DE SAN SIST.

- [f. 107^c] 145. *Anc enemic qu'eu agues* 457, 3. Stampato da N in M. G. 1146.
- [f. 107^d] 146. *Nvlla ren que mester m'aia* 457, 25. Stampato da N in M. G. 1140,
- [f. 108^c] 147. *Tres enimisc e dos mal segnors ai (lai, morir, sospir, mante; Proensa)* 457, 40.
- [f. 109^a] 148. *Aisi com es coinda e gaia (consire, atraia, seruire, sauia)* 457, 1.
- [f. 109^c] 149. *Gest [sic] an saubut mei hueill uençer mon cor* 457, 16. Stampato da N in M. G. 1152.
- [f. 110^a] 150. *Una danseta uoil far* 457, 41. Stampato da N in M. G. 291. Solo in N.
- [f. 110^b] 151. Della rubrica non vi è se non la prima lettera *v*. *Mesier Albric som prega Ardisons* È una tenzone ignota al Bartsch; l'autore, Vc de San Sir, è nominato nella seconda stanza. Solo in N. Sarà stampato negli *Estratti*.

XVII, GANSELM (GANSALM) FAIDIZ.

- [f. 110^c] 152. *Ges per lo freiz temps no m'irais (gais, sauais, uerais, nais, pais)* 112, 2.
- [f. 111^a] 153. *Cora quem des benanança* 167, 17. Stampato da N in M. G. 496.
- [f. 111^c] 154. *Iamais nul temps non pot refar amors* 167, 30. Stampato da N in M. G. 472.
- [f. 112^b] 155. *Tant ai sofert lonzamen grand afan (prezan, man, tan, gran, tiran; gaze)* 167, 59 (Parn. 107.)
- [f. 113^a] 156 (= 110). *Cant e deport ioi domnei e solaz (parlas, beutaz, amistaz, onraz, perdonaz)* 167, 15.
- [f. 113^d] 157. *Mon cor e mi e mas bonas canchos (fos, enueios, amoros, dos, bos; consire)* 167, 37.
- [f. 114^b] 158. *Al semblam [sic] del re ties (te, ges, recre, es, aue)* 167, 4.

- [f. 115^a] 159. *Lo gens cors honraz (rent, amorat, fullimen, baissat, mariment; beutas)* 167, 32.
- [f. 116^a] 160 (= 163). *Lo rosinoilet saluage (alegrage, dampnage, corage, mesatge, 167, 34. (Parn. 102.)* Ignoto al Bartsch.
- [f. 116^c] 161. *Nom alegra chanç ni criç (auçic, gueric, enganariç, ardiç, partiy)* 167, 43. (Parn. 10 4.) Ignoto al Bartsch.
- [f. 117^a] 162. *Era couen quem conort en chantan* 167, 7. Stampato da N in M. G. 449,
- [f. 117^d] 163 (= 160). *E pero nuil alegraie* 167, 34. Stampato da N in M. G. 503.
- [f. 118^a] 164. *Si tot m'ai carçat mon chan (denan, partir, dizir [sic], se, esdeue)* 167, 53. Ignoto al Bartsch.
- [f. 118^c] 165. *Si anc nuls hom per auer fin corage (uiage, gaie, follage, uassalage, usage; gaia)* 167, 52.
- [f. 119^b] 166. *Ab cossirier plaing (gaçaing, aclis, sofris, farai, eschai; messagier)* 167, 2.
- [f. 119^d] 167. *Gen fora contra l'afan* 167, 27. Stampato da N in M. G. 463.
- [f. 120^c] 168. *Tan soi ferm e fis uas amor (remaner, rele, amador, uoler)* 167, 58.
- [f. 121^a] 169. *Per ioi del teps [sic] qu'es floiritç* 167, 45. Stampato da N in M. G. 490.
- [f. 121^c] 170. *Tot me cuïdiei de chanson fur sofrir (saços, consir, pros, morir)* 167, 60.
- [f. 122^a] 171. *De solatz e de chan* 167, 20. Stampato da N in M. G. 292.
- [f. 122^c] 172. *Ben for' oimais segon ma conoisença (echaia [sic], uença, gaia, ualença)* 167, 11.
- [f. 123^a] 173. *L'onratz iauzens sers* 167, 33. Stampato da N in M. G. 444.
- [f. 123^c] 174. *Treit cil que amon ualor (meillor, error, trichador, meillor, cor; uia, guia)* 167, 62.
- [f. 124^b] 175. *S'om pogues partir son uoler* 167, 56. Stampato da N in M. G. 447.
- [f. 124^d] 176. *Raçon e mandamen (pren, sen, falsamen, sen)* 167, 51.
- [f. 125^c] 177. *Bem plaz e m'es gen (souen, conuen, espauen, conten)* 167, 12.

XVIII. ALBERTET.

- [f. 126^a] 178. *Trop es de mi segner riça, forsa, uida)* 16, 11. Stampato da N in M. G. 293.

- [f. 126^c] 179. *En mons cor ai tal encubida* 16, 14. Stampato da N in M. G. 294.
- [f. 127^a] 180. Albertet (ma si legge sul margine: *Pontz de Capdoill*). *Ben es fol cel qui regna* (*lang, tria, acoindança, rancura; ualer*) 375, 4.
- [f. 127^v] [bianco].

XIX. DEUDES DE PRADES.

- [f. 128^a] 181. *Qvi finamen sab cosirar* 124, 15. Stampato da N in M. G. 1041.
- [f. 128^d] 182. *Ab lo dous temps que renouela* (*bellu, plaseria, drudaria, ufana, certana*) 124, 1.
- [f. 129^b] 183. *Anc mais hom tan ben non amet* (*formet, set, montet, trobet, estet, altre iet*) 124, 3.
- [f. 130^a] 184. A. *El teps* [sic] *quel rosignol s'esgau*. Benchè stampato da N in M. G. 1049, è ignoto al Bartsch. Al prof. Stengel io debbo la notizia che ricorre anche nei mss. A D H e che da A fu stampato in Arch. XXXIII, 462 e in M. G. 1050.
- [f. 130^c] 185. A. *Ben ai amors car anc mi fes chausir beutat, doil, secors, partir, despueill; aiustat* 124, 6.
- [f. 131^b] 186. A. *En un sonet nou e leuger* (*mestier, lausengier, plaçentier, guerier, parier; temer*) 124, 10. (Parn. 86.)
- [f. 131^d] 187. A. *Non cugei mai sens comiat far chanson* (*bon, gaçardon, tençon, somon; chansos*) 124, 11.
- [f. 132^c] 188. A. *Pos merces nom ual ni m'aiuda* 124, 13. Stampato da N in M. G. 1043.
- [f. 133^a] 189. A. *Pos amor uol e comanda* (*blanda, abranda, garanda, anda*) 124, 14.
- [f. 133^b] 190. A. *Tant sent al cor un namoros desir* 124, 17. Stampato da N in M. G. 1051.
- [f. 134^a] 191. A. *Del bel desir que iois nouels m'aduç* (*esperduç, lute, uertuc*) 124, 8.
- [f. 134^c] 192. A. *Trob ben m'estera ses tolgues* 124, 18. Stampato da N in M. G. 295. (Parn. 390).
- [f. 134^d] 193. A. *Dellai on son mei desir* (*consir, sufir, servir, tir*) 124, 7.
- [f. 135^b] 194. A. *Amors m'aiuda em somon* (*son, rason, pauc ni pron, sason, coind'e pron*) 124, 2.

XX. BERNARD (BENARD) LA UENTADOR.

- [f. 136^a] 195. *Estat ai con hom esperduç* (*renduç, comensar, enganar, amor, onor; cantar, oblidar*) 70, 19.

- [f. 136^c] 196. *Can l'erba fresca* [sic] *foilla par car, trobar, enchanter, consirar*) 70, 39.
- [f. 137^a] 197. *Lo rosignols s'esbaudeia* (*domneia, pleia, ueiha, esteia, greia*) 70, 29.
- [f. 137^b] 198 A. *Can par la flor iustal uert foill* (*uoil, orgoill, despuèil, suèil, oil; mal*) 70, 41.
- [f. 138^a] 199. *Bel m'es qu'eu chant en aquel mes* (*es, merces, cigues* [sic], *agues, fes, res; uai*) 70, 10.
- [f. 138^c] 200. *Lo genç temps de pascor* (*seignor, dan, cfun, lial, ual, sasos, faisos; fos*) 70, 28.
- [f. 139^a] 201. *Can uei la lauseta mouer* (*saber, desesper, poder, parer, ualer, uer, l'ultima stanza è nel margine*) 70, 43.
- [f. 139^c] 202. *Non es merauilla s'eu chan* (*sen, paruen, enian, deman, ien, trian*) 70, 31. (Parn. 3.)
- [f. 140^a] 203. *Pos mi preiaç, seignor* (*honor, recre, merce, uai, farai; me, se*) 70, 36.
- [f. 140^c] 204. *Ben m'a perdut enlai ues Uentadonr* [sic] (*cadorn, pres, bes, eschauç, saluç; aduç, uertuç*) 70, 12.
- [f. 141^a] 205. *Can uei la flor l'erba uerd e la foilla* (*recreia, signoraie, orgoilla, foilleia, saluaie, mucilla; ueçer*) 70, 42. Ignoto al Bartsch.
- [f. 141^d] 206. *Conort ara sai eu be* (*soue, re, deue, ne, me; uai, uai*) 70, 16.
- [f. 142^b] 207. *Per descobrir lo mal pens el consire* (*martire, seruire, remire, desire, aire, deuire*) 70, 35.
- [f. 142^d] 208. *En cosirier ez en esmai* 70, 17. Stampato da N in M. G. 969.
- [f. 143^b] 209. *Tant ai mon cor plen de ioia* (*vestedura, raïça, esperança, ironda, afaire; cor*) 70, 44. (Parn. 7.)
- [f. 144^a] 210. *Lonc temps a qu'eu non chantiei mai* (*uai, ai, fui, gai, iai, sai; uoilla*) 70, 27.
- [f. 144^c] 211. *A tantas bonas chasos* [sic] 70, 8. Stampato da N in M. G. 692.
- [f. 145^a] 212. *Amors, e queus es ueiaire* (*aire, cotendre, desendre, causa, nausea, dire; rire*) 70, 4.
- [f. 145^d] 213. *Ges de chanter nom pren talanç* (*ençanç, presanç, aitanç, amanç, presanç. drugumanz; lau*) 70, 21.
- [f. 146^b] 214. *Can l'aura dousa uenta* (*presenta, ueiaire, faire, uilana, soana; certana*) 70, 37. (Parn. 5.)
- [f. 146^c] 215. *Bel m'es cant eu uei la broilla* (*orgoilla, preïçona, donna, uira; iauçir*) 70, 9.
- [f. 147^a] 216 (= 79) *Tel cil que preion qu'eu chan* (*talan, aitan, soan, dan, semblan, coman; uilania*) 70, 45.

- [f. 147^c] 217. *Ia mos chantars nom er honors (amors, amadors, paors, meillors, dolors, socors; plana) 70, 22.*
 [f. 148^a] 218. *Pels dous chanç quel rosignols fai (ai, serai, gai, gai, uerai; messagiers) 70, 33.*
 [f. 148^c] 219. *Lancan uei per mie la landa (reblanda, ganda, manda, garanda, sarranda; Normanz) 70, 26.*

XXI. N AIMERIC (N AIMIRIC, N AIMEIRIC)
 DE PEGULLAN (PEGULAN).

- [f. 149^a] 220. *Sel que s'irais ni guerreï ab amor (amor, amor, amor, amor, amor) 10, 15.*
 [f. 149^c] 221. *Toç hom c'aiso blasma que deu laucar 10, 52. Stampato da N in M. G. 1225.*
 [f. 150^b] 222. *Longamen n'a travaillat e malmes 10, 33. Stampato da N in M. G. 992.*
 [f. 151^a] 223. *A lei del fol camiador 10, 4. Stampato da N in M. G. 1188.*
 [f. 151^b] 224. *De fin'amor comenson mas chansos (razos, consiros, rescos, bos; remire, dire) 10, 20.*
 [f. 152^a] 225. *Dompna, per uos estauc en greu turmen (confort, merce, cal, falhir) 10, 23. (Parn. 170.)*
 [f. 152^c] 226. *Nvls hom non es tan fisels uas seignor 10, 38. Stampato da N in M. G. 1204.*
 [f. 153^a] 227. *Pos descobrir ni retraire 10, 42. Stampato da N in M. G. 520.*
 [f. 153^c] 228. *Eissamen con l'aimanz (affanz, clamanz, truanz, benestanz, amanz; mi, amtressi [sic]) 10, 24.*
 [f. 154^a] 229. *Destretz cochatz desamatz amors [sic] 10, 21. Stampato da N in M. G. 1173.*
 [f. 154^c] 230. *Si con l'albres que per sobrecargar (senatz, poder, nom, morir; cal) 10, 50.*
 [f. 155^a] 231. *Car fui de dura condança (començança, ueiança [sic], onrança, doptança; semblan) 10, 14.*
 [f. 155^c] 232. *En greu pantais m'a tengut longamen (follamen, ualen, enansamen; enseingnamen, ren) 10, 27.*
 [f. 156^a] 233. *Qui sofrir s'en pogues 10, 46. Stampato da N in M. G. 1175.*
 [f. 156^c] 234. *En aquel temps quel rei mori n Anfos (malmes, iouen, tan) 10, 26.*
 [f. 157^a] 235. *Ses mon apleg (merce, amor, dousamen, maniar; esgar) 10, 47.*

- [f. 157^c] 236. *Atressim pren con fui al ioiador (amor, liador, liador, flor; marques, es)* 10, 12.
- [f. 158^a] 237. *En amor trop alques en quem refraign (pren, coman, retrai, ferm)* 10, 25.
- [f. 158^d] 238. *Per rason natural (ual, aital, mal, leial; antrenan)* 10, 40.
- [f. 159^b] 239. *Amors a uos meteissam clam de uos (uos, uos, uos, uos; eissi)* 10, 7.
- [f. 159^d] 240. *Ara pot hom conoisser e proar (ostar, mar, saluar, torbar, Bar; sos)* 392, 3.
- [f. 160^d] 241. *Pos ma bella mal'amia (seignoria, castia, aucisia, ria)* 10, 43.
- [f. 161^a] 242. *Per solaz d'altrui chan souen (sen, solamen placen, solamen; soste, ue)* 10, 41.
- [f. 161^{c-d}] bianco]

XXII. GIRAUT DE BORNEL (BURNEL, BRUNEL).

- [f. 162^a] 243. *Er auzires enchabalitz chantars* 242, 17. Stampato da N in M. G. 880.
- [f. 162^c] 244. *Ben m'era bels chantars (cars, afars, cuiars, amars, pars, galiars; biais, clamaz)* 242, 20.
- [f. 163^c] 245. *Ses ualer de pascor (facedor, socor, meillor, paor, solatz, barnatz).* 242, 68.
- [f. 164^b] 246. *A ben chantar (amar, par, castiar, afar, auar, merceiar; colors),* 242, 1.
- [f. 165^a] 247. *Non puese sofrir c'a la dolor (laor, seignor, paor, chantador, tor, emperador)* 242, 51. (Parn, 129.)
- [f. 165^d] 248. *Plaing e sospir* 242, 56. Stampato da N in M. G. 876.
- [f. 166^c] 249. *Ges aissi del tot non lais* 242, 36. Stampato da N in M. G. 839.
- [f. 167^b] 250. *Per solaz reueillar (sofertar, mandar, ioglar, anar, sonar)* 242, 55. Ignoto al Bartsch.
- [f. 168^a] 251. *Los apleitz (destreitz, dreitz, eleitz, adreitz, espleitz)* 242, 47.
- [f. 168^d] 252. *Ops m'agra.* 242, 54. Stampato da N in M. G. 872.
- [f. 169^c] 253. *La flors el uerchan (chan, uan, an, semblan, enan, cridaran; recre, longamen)* 242, 42.
- [f. 170^b] 254. *Aquest terminis clars e çenz (talenz, sailenz, senz, ensegnamenz, entenz; uoillaz)* 242, 12.
- [f. 170^d] 255. *Ben deu en bona cort dir* 242, 18. Stampato da N in M. G. 882.

- [f. 171^b] 256. *Si solils senz (uenz, ienz, lenz, bistenz, uenz)* 242, 74.
- [f. 171^d] 257. *Cobla (d'una mano posteriore) Un sonet nouel faz (sofertaz, plusors, amors, gai, lai)* 242, 81. Ignoto al Bartsch,
- [f. 172^b] 258. *Ges de sobreuoler nom tueill* 242, 37. Stampato da N in M. G. 842.
- [f. 172^d] 259. *Iois e canz. continua: e solaç (masaç, lanç)* 242, 40.
- [f. 173^b] 260. *Sim sentis figels amix (espix, rix, antix, predix, enix)* 242, 72.
- [f. 173^d] 261. *S'era no poga mos canz (drogomanz, conoissenz, couinenç, guireirs, dreitureirs, lauçars, cars; auars).* 242, 66. (Parn. 131.)
- [f. 174^b] 262. *Iam uau reuenen (gen, defen, ardimen, esien, enten, pren, sufren; iauzira, sofertan)* 242, 39.
- [f. 174^d] 263. *Lo dolç chanç d'un aucel (mantel, isnel, fardel, nouel, castel, reuel, bordel; laissan, Bertran, onraç)* 242, 46.
- [f. 175^d] 264. *Can lo freieç el glaç e la neus* 242, 60. Stampato da N in M. G. 879.
- [f. 176^b] 265. *Nom plaç chanç de rossignol* 242, 49. Stampato da N in M. G. 861.
- [f. 176^d] 266. *Tant non plou ni uenta (manenta, garenta, trenta, senta, presenta, paruenta; fe, nadal)* 356, 8.
- [f. 177^c] 267. *Per far esbaudir mos uezis* 356, 6. Stampato da N in M. G. 881.
- [f. 178^a] 268 (=275). *De cantar mo for' entremes* 242, 31. Stampato da N in M. G. 884.
- [f. 178^b] 269. *Qvam creis la fresca foill' el rams (ams, clams, liams, afanz, reclams, ams)* 242, 58.
- [f. 179^a] 270. *Can la brun' aura s'eslucha (esducha, mucha, lucha, trucha, paura [sic]; lainç)* 242, 59.
- [f. 179^c] 271. *Nvilla res a chantar nom faill* 242, 53. Stampato da N in M. G. 868.
- [f. 180^b] 272. *Ara sim fos en grat tengut (uencut, retengut, auut, uengut, escut; dompneaire)* 242, 16.
- [f. 181^a] 273. *Sius quer conseil, bella amig' Alamanda (arranda, gronda, preonda, parliera, omierra, aiuda, uolguda; crezuda, renduda)* 242, 69.
- [f. 181^d] 274. *Alegrar mi uolgr' en chantun (an, senblan, regardan, enian, soan, egan [sic]; faz, glotos)* 242, 5. (Parn. 124).
- [f. 182^c] 275. (=268) *De cantar mi fora entremes* 242, 31. Stampato da N in M. G. 884.
- [f. 183^b] 276. *Ai con m'auen dieus m'aiut (esdeuengut, uolgut, re-ceubut, uolgut, cregut; sauais)* 242, 43.

- [f. 183^d] 277. *Can branch' e brondels rama* 242, 57. Stampato da N in M. G. 878.
- [f. 183^{bis c}] 278. *Si per mon sobretotz non fòs (bos, razos, chanzos, pros, faizos, enoios; cortei)* 242, 73.
- [f. 184^c] 279. *Un sonet faz maluaz e bo (fo, semo, deuïro, sazo, so, geardo, chanzo; parlar, tornar)* 242, 80.
- [f. 185^a] 280. *Iois sia comenzamenz (lents, creçentz, esbaudimentz, comandamenz, iouentz, recrezementz; couentz, presen)* 242, 41.
- [f. 185^d] 281. *De chantar ab deport* 242, 30. Stampato da N in M. G. 885.
- [f. 186^c] 282. *Leu chansoneta uil* 242, 45. Stampato da N in M. G. 887.
- [f. 187^b] 283. *Qvar non ai ioi que m'aon* 242 28. Stampato da N in M. G. 949.
- [f. 187^d] 284. *Ben couen pos ia baissal ram (am, fum, clam, dam, estam, liam; destrignetz, pensatz)* 242, 25.
- [f. 188^b] 285. *Sil cors nom lus tan dreg (freg, adreg, estreg, espleg, destreg; ueria)* 242, 70.
- [f. 189^{a-d}] bianco]

XXIII. ARNAT DANIEL.

- [f. 190^a] 286. *En cest sonet cond' e leri (esmeri, queri, proferi, soferi, emperi; aura)* 29, 10. (Parn. 256.)
- [f. 190^c] 287. *Sols soi qui sai lo sobrafan quim sorz (sorç, corz, corz, borz; enois)* 29, 18.
- [f. 191^a] 288. *Er uei uermeillz uerç blaus blanx grox (fox, enuoz, uox, uiox)* 29, 4.
- [f. 191^c] 289. *Anc eu no l'aic mas ela m'a (esta, certa, sa, ua, pla)* 29, 2.
- [f. 192^a] 290. *Avtet e bas entrels prims foilç (oilç, acuillic, escuillic, orgoilç, capdoilç; temps)* 29, 5.
- [f. 192^c] 291. *Em breu brisabal [sic] temps braus (claus, laus, suaus, aus, repaus; offerç)* 29, 9.
- [f. 193^a] 292. *Anc [sic] quem cim resto de branchas (ranchas, planças, estanchas, francas, casanchas)* 29, 3.
- [f. 193^c] 293. *L'aur'amara (clara, gara, anpara, car'a, para; cors)* 29, 13.
- [f. 194^a] 294. *Canço doill mot so plan e prem (refrïn, amador, aror, badaill, esdaill; destoilla)* 29, 6.
- [f. 194^{c-d}] bianco]

XXIV. GUILGELM AÇEMAR.

- [f. 195^a] 295. (=324). A. *No pot esser suffert ni atendut (retengut, redut [sic], auengut, salut, erubuty [sic], Masmut; aillors)* 202, 9.
- [f. 195^d] 296. *De [sic] for' eimais [sic] saços e lox (flox, enox, rocx, cox, brox, badox; partir)* 202, 1.
- [f. 196^b] 297. *El temps d'estio can par la flors el broil (soill, esqio, fort, deport)* 202, 6. (Parn. 258.)
- [f. 196^c] 298. *Be n' agra obs que sabes faire (retraire, estraire, enquistaire, aire, merçaière; eslais)* 202, 2.
- [f. 197^a] 299. *Començamen començarai (d'esmai, deçai, uai, mentairrai [sic]; mesclan)* 202, 4.

XXV. GUILLEM DE SAN DISDEIR (DISDIER).

- [f. 197^c] 300. A. *Ben cantera si m'estes be d'amor (amador, sabor, gencor, cor, desonor; laisser)* 234, 4.
- [f. 198^b] 301. *Pos tan me forç 'amors que mi fai entremetre (promessa, estraire, tenga, esbatre, feita, enprendre; rependre)* 234, 16. (Parn. 287.)
- [f. 198^d] 302. *Aissi cun es bella cil de cui chan (deziran, benestan, blan, aconortan, resplan; uolon)* 234, 3.
- [f. 199^c] 303. *Estat aurai estas duas saços (amoros, cabalos, uos, auenturos, enueios; dic)* 234, 11.
- [f. 200^a] 304. *Mahuaza m'es la moguda (uolguda, esuertuda, uenguda, remuda, tenduda; ruiç)* 234, 14.
- [f. 200^d-201^b bianchi]

XXVI. [Gui d' Uisel].

- [f. 201^c] 305. A. *Ben feira canços plus souen (certanamen, longamen, gen, solamen)* 194, 3.
- [f. 202^a] 306. A. *En tanta guissam men'amors (ualors, clamors, amadors, paors)* 194, 6.
- [f. 202^b] 307. A. *C'ano [sic] cugei quem desplages amors (amors, amors, amors)* 194, 11. Ignoto al Bartsch.
- [f. 202^d] 308. A. *Si ben partez mala dona de uos (ocaisos, fòs, enoios, pros, racos; meten)* 194, 19. (Parn. 264.)
- [f. 203^c] 309. A. *Ges de cantar non faill cors ni raços (faiços, temeros, ioios, canços; lauçar)* 194, 8.
- [f. 204^{a-c} bianco]

XXVII. PERDIGON.

- [f. 204^d] 310. *Bena* [sic] *aial mal eill afan eill consir* (*desir, auenir, causir, sufrir*) 370, 3.
- [f. 205^b] 311. A. *Tot an mi ten amors de tal faïço* (*lairo, reemzo, no, do*) 370, 13.
- [f. 205^d] 312. A. *Trop ai estat qu'en bon esper nom ui* (*auçi, cossi, mi, enaissi*) 370, 14.
- [f. 205^{bis b}] 313. A. *Los mals d'amor ai eu be toz apres* (*auenques, pres, es, pres; apelaç*) 370, 9.

XXVIII. [Lambertis de Bonanel].

- [f. 205^{bis d}] 314. A. *Si de cantar agues meillor raço* (*guiardo, bo, pessaço, bo; entendre*) 281, 9.
- [f. 206^b] 315. A. *S'a mon Restaur pogues placer* (*uecer, saber, poder, desesper; amor, cor*) 281, 8.
- [f. 206^d] 316. A. *Ev sai la flor plus bela d'altra flor* (*flor, flor, flor, flor; uia*) 281, 4.
- [f. 207^e] 317. A. *El temps d'estio can s'aleogill* [sic] *l'auçel* (*capdel, ioios, raços, faillit, garnit*) 124, 9.

XXIX. LO MONGE DE PUEISIBOT (POICIBOT, PUEISCIBOT).

- [f. 208^b] 318. A. *Merces es e chauximenz* (*genz, faillimenz, genz, sabenz; aitan*) 173, 6.
- [f. 208^d] 319. *Una granz honors corals* (*mals, tals, fals, aitals*) 173, 14. (Parn. 218.)
- [f. 209^b] 320. *S'ieu anc ior dis clamanz* (*merceianz, enanz, anz, Alamanz*) 173, 11.
- [f. 209^d] 321. *Amors s'a uos plagues* (*pres, res, entremes, noques; es*) 173, 1.
- [f. 210^a] 322. *Ben sanet* [sic] *ueniar amors* (*foliors, aillors, amadors, sors; follia*) 173, 2.
- [f. 210^d] 323. *Bel m'es oimais qu'eu retraia* (*ueig, ueraia, reueig, aia, teig; meillura, deig*) 234, 5. ¹⁾
- [f. 211^b] 324 (=295). *Ab aisso m'a ioi e deport rendut.* 202, 9. ¹⁾
Sarà stampato negli *Estratti*.

1) Le canzoni 323 e 324 hanno la medesima rubrica come le precedenti (Lo monge de Pueisibot), cioè il Bartsch ignora.

XXX. PONS DE CAPDUEIL.

- [f. 211^d] 325. A. *Si con selui c'a pro de ualedors (dezonors, ailors, ualors, colors)* 375, 20.
- [f. 212^b] 326. *Ga non er hom tan pros (gen, uos, men, iros)* 375, 11.
- [f. 212^d] 327. *Lials amics cui amors ten ioios (razos, fos, consiros, bos; Bertaigna)* 375, 14.
- [f. 213^c] 328. *Hmils e francs e fis soplei [sic] (sazos, ioios, hamoros, bonauenturos; gaia)* 375, 10.
- [f. 214^a] 329. *Aissi m'espren con sellus [sic] que serchan (semblan, enian, prezan, benestan)* 375, 1.
- [f. 214^c] 330. *S'ieu fis ni dis nulla sazon (don, ochaicon, pro, non; cortexia)* 375, 19.

XXXI. MIRAUAL.

- [f. 215^a] 331. A. *Ben m'agradadal [sic] bel tems d'estiu (reuiu, esqui, briu, uiu, seignoriu; ans, enans)* 406, 13.
- [f. 215^c] 332. *Apenas saç don m'apreng* 406, 7. Stampato da N in M. G. 1349.
- [f. 216^a] 333. *Entre dos uoters soi pensius.* 406, 28. Stampato da N in M. G. 1350. (Parn. 233.)
- [f. 216^c] 334. *Aisi con es genser pascors.* 406, 2. Stampato da N in M. G. 1351.
- [f. 216^d] 335. *Tostems eseing e mostri al mieu dan.* 406, 43. Stampato da N in M. G. 1352. Solo in N.
- [f. 217^a] 336. *Bel m'es qu'eu chant e condei (donne [sic], autrei, cortei, parei, malei, rei; ualgut, conuengut)* 406, 12. (Parn. 229.)
- [f. 217^d] 337. *Sel que nol uol auçir chansos (cochos, emueios, tos, gilos, tracios; apres)* 406, 20.
- [f. 218^b] 338. *Tal chansoneta furai (guai, lauçan, semblan, briu, reuiu; pliu)* 406, 41.
- [f. 218^d] 339. *Ben aial messagiers (mestiers, lauçengiers, derriers, destriers, estiers; ualor, ualor)* 406, 15. (Parn. 231.)
- [f. 219^b] 340. *Anc trobars clus ni braus (cabaus, mestiers, lauçengiers)* 406, 6.
- [f. 219^c] 341. *Ar auen maint tet o bon.* Ignoto al Bartsch. Solo in N. Sarà stampato negli *Estratti*.
- [f. 219^d] 342. *S'ieu en chantar souen (ensien, gen, pren, iouen)* 406, 38. (Parn. 235.)

- [f. 220^a] 343. A. [A]*r* ab la forcha del freis (leis, destreis, pareis, gabeis, reis; uerai) 406, 8. (Parn. 227.)
- [f. 220^c] 344. A. [A]*ra* m'agr'ops que m'aisis (fis, enclis, afortis, enquis, languis, conoissensa; malvolensa) 406, 9.
- [f. 221^b] 345. A. [P]*os* ogan nom ualc estius (mesquiüs, esquiüs, seingnoriüs, entratiüs, uios; uolens, priuatz) 406, 34.
- [f. 221^d] 346. A. [T]*vit* cil que uan demandan (oian, fan, man, reprosän, gran; mals, enperials, baron, fon) 406, 46.
- [f. 222^c] 347. A. [B]*en* sai que per auentura (endura, rancura, atura, meillura, natura; senz, engalmenz, maluolenz). Questa canzone di Raimon de Miraval ignota al Bartsch si trova anche in A C D E I N V b.
- [f. 223^a] 348. A. [D]*'*amor es tot mos consires [sic] (mestiers, estiers, lausengiers, mensongiers, plasentiers; benesia, abria, mia, carruennaten) 406, 24.
- [f. 223^d] 349. A. [C]*el* que de chantar s'entremet (tramet, essaiet, abet, det; saia, gaia) 406, 19.
- [f. 224^b] 350. A. [C]*ontr'*amor uauc durs ez enbrones (doncs, loncs, destoncs, trocs [sic], iocns [sic]; defenda) 406, 23.

XXXII. [lo coms de Peitau].

- [f. 225^a] 351 (=366). A. [U]*n* uers farai poi me semeil (mortal, Limozin, latin, respondut, Ermesen, matel [sic], capos, manzat, engignos, enoios, mantenen, Ermesem, audirez) 183, 12.
- [f. 225^d] 352 (=365). A. [A]*b* la dolchor del temps nouel bel, enaissi, mati, lati) 183, 1.
- [f. 226^a] 353 (=362). A. [B]*en* uuoill que sapcho li pluisor (folor, di, nori, Iulia, certa, ufaner, reproser, tauler; tauler) 183, 2.
- [f. 226^c] 354 (=363). A. [C]*ompagno* non pus mudar qu'eo nom effrei (lei, agrei, castei, fei, conrei, desautrei; aiga) 183, 4.
- [f. 227^a] 355 (=364). A. [P]*os* de chantar m'es pris talenz (eissil, greus, socor, pros, compaigno, fui, gais, soill, mort) 183, 10.

XXXIII. [na Castelloza].

- [f. 227^c] 356. A. [A]*mics* s'ieus trobes auinen (ualen, gen, repren, nien, mepresen) 109, 1. (Parn. 245.)
- [f. 228^a] 357. A. [I]*a* de chantar non degr'auer talan (semblan, truan, coman, chantan, dan; ancese, recre) 109, 2. (Parn. 247.)
- [f. 228^c] 358. A. [M]*out* aurez fag lonc estage (coratge, usatge, uolatge, dampnage) 109, 3. (Parn. 248.)

XXXIV. [Canzoni di donne].

- [f. 229^a] 359. A. [*P*]er ioi que d'amòr m'auagna. 461, 191. Stampato da N in Parn. 387. Solo in N.
- [f. 229^c] 360. A. [*A*]chantar m'er de cho qu'eu non uobria (*faillensa, orgueilla, azina, paralges; mesalges*) 46, 2. (Parn. 55.)
- [f. 230^a] 361. A. [*A*]r em al freit tems uengut (*deseubut, amor, ualor, truan, Bel-esgar; uerais, gai*) 43, 1. (Parn. 27.)

XXXV. LO CONT DE PITEUS. ¹

- [f. 230^c] 362 (=353). [*B*]en uuoill que sapcho li pluïsor (le rime sono le medesime come 353). 183, 2.
- [f. 231^b] 363 (=354). A. [*C*]ompaïno non puous mudar. Qu'eo nom effrei. 183, 4. Stampato da N in M. G. 296. B. L. 47, B. Ch. 29.
- [f. 231^c] 364 (=355). A. [*P*]os de chantar m'es pris talenz (le rime come 355). 183, 10.
- [f. 232^a] 365 (=352). A. [*A*]b la dolchor del temps nouel. 183, 1. Stampato da N in M. G. 297, B. L. 47.
- [f. 232^b] 366 (=351). A. [*U*]n uers furai poi mes meil (le rime come 351, tranne mantel). 183, 12.
- [f. 233^{a-d} bianco]

XXXVI. NUCS BRUNEL. ²

- [f. 234^a] 367. [*A*]ram nafran li sospir (*assaillir, dir, eissir, souenir*) 450, 2.
- [f. 234^b] 368 (=96). A. Coindas rasos nouellas e plasens (*iaussens, defendens, gens, pesamens*) 450, 3. (Parn. 112.)
- [f. 234^d] 369. A. Ab plaser recep et acuoil (*coil, orguoil, uoil, duoil, toil, oil*) 450, 1.
- [f. 235^b] 370. A. [*P*]os l'adreis temps uen iogan e risen (*gen, desconoissen, iouen, sen, aten, ualen*) 450, 7.
- [f. 236^a] 371. A. [*L*]anquant so li rosier uermeil (*cabeil, coreil, meraueil, espeill, esueil*). 450, 6.
- [f. 236^c] 372. A. [*C*]ortesamen mou e mon cor mesclanssa (*sobransa, onransa, pezanssa, esperanssa, membranssa, doptanssa; merces*) 450, 4.

¹ Scritto sul margine inferiore.

² Scritto sul margine superiore.

XXXVII. CADENETZ.

- [f. 237^b] 373. [N]o sai qual conceil me prenda (*entenda, esmenda, esprensa, estenda; dir*) 106, 17.
- [f. 237^d] 374. *Camuada s'es m'auventura (forfaitura, racura [sic], peura)* 106, 12.
- [f. 238^b] 375. [A]isom donna [sic] ric coratge (*uasalatge, uilangatge, ostatge, usatge; sia*) 106, 2.
- [f. 238^d] 376. A. [S]eu poges ma uoluntat (*ouirat, alleuiat, tardat, amat*). 106, 22.
- [f. 239^c] 377. A. *Meraueil me de tot fin amador (amor, seimnor, seruidor, paor; gens)* 106, 16.
- [f. 240^{a-b} bianco]

XXXVIII. PIERE RAIMON DE TOLOSA.

- [f. 240^c] 378. [A]tressi com la candela (*usalge, guerreia, cortesia, sia, alegrage; mella*) 355, 5.
- [f. 241^b] 379. [N]om puos sofrir d'una leu canson fuire (*ueiaire, retraire, aire, afaire; repaire*) 355, 9.
- [f. 241^d] 380. [L]onga sason ai estat uas amor. 276, 1. Stampato da N in M. G. 943.
- [f. 242^{c-d} bianco]

XXXIX. EN GUILLEMS (GUELMS) DE (DA) LA TOR. ²

- [f. 243^a] 381. [C]hansons ab guais moz plazens (*penrai, tenguz, mes, autrei, guitz; hamoros, ressos*) 236, 2.
- [f. 243^c] 382. [Q]ri sap sufrent esperar (*far, conortar, pensar, loignar, benestar; enriquirai*) 236, 7.
- [f. 244^a] 383. [S]i mos fins cor fos de fer (*conortar, honramen, esperan, te; beutat*) 236, 9.
- [f. 244^c] 384. [P]vs que las domnas qu'eu aug dir (*uir, desir, remir, uenir; far*) 236, 5. La fine di questa canzone si trova in f. 253^a.

Qui i f. 253-256 hanno il loro giusto luogo; il contenuto n'è:

- [f. 253^a] 385. A. [G]es cil ques blasmon d'amor (*sofridor, traidor, ricor, genssor; amadors*) 236, 4.
- [f. 253^c] 386. A. [P]os n Aimerics a fait fur mesclanca e batailla. 389, 35. Solo in N. Sarà stampato negli *Estratti*.

² Sul margine.

XL. [Peire d'Alverne].

- [f. 254^c] 387. A. [B]ella m'es la fflor d'aguilen (gen, sen, captenemen, sofrén, recrezen, Orien, definen) 323, 5.
- [f. 255^a] 388. A. [E]n estiu cant cridal iais (sauais, castlar, iurar, iuraiz, solais, trobar, caualgar) 323, 17.
- [f. 255^c] 389. A. [A]banz quel blanc puei sion uert (uert, uert, uert, uert, uert, uert) 323, 1.
- [f. 256^a] 390. A. [A]b fina ioia comença (souinença, paruença, temenza, penedença, ualença, Proença) 323, 2.
- [f. 256^c] 391. A. [B]el m'es dous chans per la faia 323, 6. Stampato da N. in M. G. 280.

Il giusto luogo del f. 245 è dopo il f. 252.

XLI. BERTRAM DEL BORGNI.

- [f. 246^a] 392. A. [il cominciamento n'era sul foglio mancante innanzi al f. 246] *Gvillms* [sic] *de Gordon foll battall* (baraill, retail, asaigl, muraill; gart) 80, 44.
- [f. 246^b] 393. *Can uei lo tems renouellar* (uergoinnar, cassar, desliurar, castiar, car; sofrain) 81, 1. ⁴
- [f. 246^d] 394. *S'abrile e fueillas e flors* (socors, sabors, cassadors, guerriadors) 80, 38. (Parn. 69.) ¹
- [f. 247^b] 395. *D'vm siruentes nom cal far longor ganda* (randa, Coberlanda, Alamanda; Breselianda) 80, 13. ⁴
- [f. 247^d] 396. *Al douç nueu termini blanc* (estanc, cranc, flanc, sanc, franc; plan) 80, 2. ⁴

XLII. [Raïmbautz d'Aurenga].

- [f. 248^c] 397. A. [A]ici mou un sonet nou on formelaz (amistaz, adiraz, laz, moillaz, daz, ausaz, daualaz; tenc, sapchaz) 389, 3.
- [f. 249^a] 398. A. [A]r m'er tal un uers a faire (retraire, chantaire, maire, aire, repaire, iulzgaire, uaire) 389, 13.
- [f. 249^d] 399. A. [A]ra uei escur trebol eel [sic] (gel, afel, fiel, abel, amel; esclaca, estaca) 392, 5.
- [f. 250^b] 400. A. [A]r non sui ges mals et astrucs (malastrucs, malastruc, malastruc, malastruc; signor) 389, 14.

¹ Il Bartsch dice a torto che i serventesi 393-395 sono anonimi, tutti quattro hanno come rubrica il nome del poeta.

- [f. 250^d] 401. A. [A]^b nou cor et nou talen (*ardimen, alegrar, lauzar, souen, dolen*) 389, 1.
- [f. 251^a] 402. A. [A]^r quant sebroill foill del fuisse (*engraisse, laisse, biaisse, baisse, naisse; prenga*) 389, 15.
- [f. 251^c] 403. A. [A]^r s'espan la flors enuersa (*enuerse, enuersa, enuerse, enuersa, enuise; iois, ioi*) 389, 16.
- [f. 252^a] 404. A. [P]^{os uei clars continua: tems s'abrauia} (*clars, clars, clars, clars, clars, clars; uiaua, gaia*) 389, 23. Ined. 389, 38 è identico con 23.
- [f. 252^d] 405. A. [U]^{n uers farai de tal mena} (*pena, uena, cadena, estrena, plena, afrena; gauh, gauh*) 389, 41.
f. 245 ha il suo giusto luogo dietro il f. 252 e contiene la fine della canzone 405.
- [f. 245^{b-d} bianco.]
f. 253-256 hanno il loro luogo dietro 244.
- [f. 257^a] 406. A. [A]^{ssaiz sai d'amor ben parlar} (*amar, gazaingnar, enseingnar, par, gardar, gabar; Bels-ioglars, paus*) 389, 18.

XLIII. [Gausbertz Amiels].

- [f. 257^d] 407. A. [B]^{reu uers per tal que menz i poing} (*soing, poing, coloing [sic], iong; mai*) 172, 1. (Parn. 268.)

XLIV. N AYMERIC DE BILENOI. ¹

- [f. 258^c] 408. [A]^{l prim prez delz breus iornz braus} (*ferm, cortes, cor*) 9, 5.
- [f. 258^d] 409. A. [N]^{vllz hom non pot complir adrechamen} (*enten, cen, gen, pren: mistanca*) 9, 14.
- [f. 259^b] 410. A. [A]^{issi col pres cant s'en cuia fugir} (*partir, consir, abellir, auzir*) 9, 3.
- [f. 259^d] 411. A. [M]^{erauil me con pot hom apellar} (*amar, cuiar, clamar; Aragon*) 9, 12.
- [f. 260^b] 412. A. [P]^{os dieus nos a restaurat.} 9, 17. Solo in N. Sarà stampato negli *Estratti*.
- [f. 261^a] 413. A. [A]^{ram destrein amors} (*aillors, colors, ricors, temors*) 9, 7.

¹ Sul margino.

XLV. ELIAS CAREL.

- [f. 261^c] 414. A. [A]bril ni mai (uil, [s]ctil, [h]umil, [g]entil, quil; prezan, man 133, 1.
- [f. 262^a] 415. A. [S]i con cel que sos compaignos (sazos, ochaisos, pros; platz, prezan 133, 12.
- [f. 262^c] 416. A. [A]ra non uei puoi ni comba (colomba, tras-tomba, retomba, plomba, tomba; passa, massacassa) 133, 2.
- [f. 263^a] 417. A. [T]otz mon cor e mos senz (ualenz, uenz, temenz, genz; par, chauzimenz) 133, 14.
- [f. 263^c] 418. A. [E]stat ai dos anz (granz, danz, enganz, drogo-manz; chantar) 133, 3.
- [f. 264^b] 419. [Q]ve saubes dar tan bon conseil denan (dan, persan, tan, uan, man; dormir, paire) 133, 11.
- [f. 264^d] 420. A. [S]o quem sol. dar alegransa (sol, uol, dol, [r]v-singnol, uuol; compratz) 133, 13.
- [f. 265^{c-d}] bianco.]

XLVI. [Marcabrus].

- [f. 266^a] 421. A. [A]l prim comenz de l'iuernailh 293, 4. Stampato da N in M. G. 277.
- [f. 266^c] 422. A. [L]autrer iost'una sebisa (chamisa, pia, sia, ue-iaire, aire, fuda, lauzada, saluage, follatge, criatura, dreitura; figura, aura) 293, 30. (Parn. 175.)
- [f. 267^b] 423. A. [P]er sauil tenc ses doptansa. 293, 37. Stampato da N in M. G. 723.
- [f. 267^d] 424. A. [B]el m'es can son li frug madur (lafur, agur, iur, desnatur, atur 293, 13.
- [f. 268^b] 425. A. [P]os l'iuerns d'oguan es anais [sic] (enconbratz, leuatz, enraigatz, poestatz, apelatz, donans [sic], moilleratz, enraiguatz) 293, 39. ¹
- [f. 269^a] 426. A. [S]oldader per cui es iouenz (garentz, senblan, atan, decli, trai) 293, 44.
- [f. 269^b] 427. A. [C]ortezamen uoill comensar uiluneiar, uanar, parlar, reingnar prezar, enuiar) 293, 15.
- [f. 269^d] 428. A. [D]irai uos de mon lati cami, ui, molli, polli, cabri, casti) 293, 17.

¹ Nel luogo ovo Marcabruno pone il suo nome, questo nome è abrasso e in sua vece è scritto *cel de Rainols* spettante forse ad uno dei copisti.

- [f. 270^a] 429. A. [L]vern^s uai el temps sazina (bruina, ataina, metzina, traina, fina, cozina, fina, pleuina) 293, 31.
- [f. 270^d] 430. A. [E]n abriu s'esclaron riu contral pascor (color, meillor, ualor, enganador, castiador, passador, raubador; uollor) 293, 24.
- [f. 271^b] 431. A. [L]o uers comensa. 293, 32. Stampato da N in M. G. 663.
- [f. 271^{c-d}] bianco.]

XLVII. PARTIMENZ.

- [f. 272^a] 432. Gauselm Faidit de doi amics leials. 10, 28. Stampato da N in M. G. 1199.
- [f. 272^d] 433. En Raibaut [sic] seus saben partimen, coinosen, auinen, sauén [sic], ueramen) 97, 4. (Parn. 119.)
- [f. 273^a] 434. Iauseme quel uos [es] semblam [sic]. 165, 5. È una tenzone col conte de Bretagna, a metà francese, ignota al Bartsch § 30, 4. Solo in N. Sarà stampato negli *Estratti*.
- [f. 273^d] 435. Lo dalfis. Aram digatz uostre senblan (aman, milloran, qan, uan, truan; coman, tan) 194, 2.
- [f. 274^b] 436. Erem digaç Rainbaut sius agarda [sic] (amada, guarentia, uilania, esmança, esperça [sic]; cuider [sic], guerrir) 15, 1.
- [f. 275^a] 437. En Sordel que uos er semblan (affan, entendedor, honor, amador, amisuraç, derengaç; descrimir, sofrir) 345, 1.
- [f. 275^c] 438. Maigret puiat m'es el cap (mescap, lim, uim, derroc, fore [sic]; moc, toc) 231, 3. (M. G. 956).
- [f. 276^a] 439. NEbles pos endeutatz (rasonatz) 194, 16.
- [f. 276^b] 440. Sauaric eu deman (aman, dan, talan, defan; uer) 384, 1.
- [f. 277^a] 441. Senignieiras e causalç armaç. 192, 4. Stampato da N. in Parn. 270.
- [f. 277^b] 442. En Gui a tort mi menasatz. 209, 2. Stampato da N in Parn. 272.
- [f. 277^d] 443. Seingner Pons de Monlaur per uos (blos, amor, meillor) 142, 3.
- [f. 278^a] 444. Rainald de Pon e Iaufres de Pon. Seigner Iaufre respondes mi sius platz (conseglaç, muçador, amor, eu, deu, raçonar, triar) 414, 1. Ignoto al Bartsch.
- [f. 278^d] 445. Sauarics de Maleon e Gauselm e n Uc de la Balaira. Gvanselm tres ioc ennamoratz (sapchatç, platz, laisatz, blasmatz, parlatç; coten [sic], nien, ualen) 432, 2. (Parn. 149.)

- [f. 279^d] 446. *Quant Amors trobet partit (seruit, oblit, faillit, Arbit, uit; iran)* 366, 29.
- [f. 280^b] 447. *Peire Uidal, pos far m'auen teçon [sic] (bon, raçon, façon)* 97, 7.
- [f. 280^c] 448. Em Blancaç. *Lo bels douç tems mi plaz (autreiaç, beutatç, honraç)* 97, 6.
- [f. 281^a] 449. nIsnarz d'Antrauenas. *Del sonet en Blancaç (Blancaç, menbraç)* 254, 1. Ined. Ignoto al Bartsch.
- [f. 281^b] 450. *Ben fui mal conseillaç (oblidaç, oblidaç)* 97, 1. Ined.
- [f. 281^c] 451. *Tro respont en Blacaç (armaç; uia)* 254, 2. Ined. Ignoto al Bartsch.
- [f. 281^d] 452. *Nvit e iorn sui en marimen (souen, laissar, pensar, tan, gan, domnei, lei, schars, bas; poteras)* 163, 1. (Parn. 367).
- [f. 282^b] 453. *Dalfin sabriaz me uos (respos, conos, ios, poisos, tenzos; sai, sai)* 366, 10.
- [f. 282^d] 454. *Peirol con auez tan estat (grat, foldat, mudat, trobat, acodumnat; be, re)* 70, 32.
- [f. 283^b] 455. *Dalfin respandez me seus plaz.* 448, 1. Stampato da N in M. G. 458.
- [f. 284^c] 456. *L'altrer fui en paradis (aclis, grazis, faillis, fezis, uis)* 305, 12.
- [f. 285^a] 457. *Amic n Arnaut cen dompnas de parage (usaie; fol-lamen, cen)* 184, 1. Stampato da N in Parn. 166.
- [f. 285^b] 458. *Uos dos Gigelms digaz uostre corage.* 201, 6. L'autore n'è chiamato R[ain]au[t]. Solo in N. Sarà stampato negli *Estratti*.
- [f. 285^d] 459. [A]ram digaz Ganselm Faidil. 388, 4. L'autore n'è chiamato [R]aembal, cioè Raïmbaut. Solo in N. Sarà stampato negli *Estratti*.
- [f. 286^c] 460. [P]erdigon uostre ser [sic] digaz (sapchas, rasonaz, agraz, parlatz, gardatz; tenços, razos) 167, 47.
- [f. 287^b] 461. *En Giraldon un iac [sic] uos part d'amor.* 239, 1. L'autore n'è chiamato: *Seingner en coms*. Solo in N. Sarà stampato negli *Estratti*.
- [f. 287^d] 462. [S]egner Blacaç ben mi platz e m'a ienz [sic] 97, 12. L'autore n'è chiamato *amic Bernart*. Solo in N. Sarà stampato negli *Estratti*.
- [f. 288^c] 463. [U]ns amics et una amia (bauzia, auria, follia, trobaria, esbaudiria; fis, abellis) 236, 12.
- [f. 289^a] 464. [B]el segner deus s'ieu uos soi enoios. 461, 43. Il nome del poeta è [R]ostang. Solo in N. Sarà stampato negli *Estratti*.

[f. 289^d - 290^b] 465. [P]eïrols [leggi: Pomairols] dos baros sai
238. 3. L'autore n'è chiamato [G]vionet. Questa tenzone era
nel manoscritto a; il Bartsch la crede perduta. Solo in N.
Sarà stampata negli *Estratti*.

ERRATA

CORRIGE

P. 49 l. 9.	Philipps	Phillipps
" " " 22.	52 ^r	52 ^v
" 50 " 2.	Philipps	Phillipps
" " " 26.	<i>mantiniç</i>	<i>manteniç</i>
" 51 " 3.	Regali	Regalis
" " " 4.	— Datur	= Datur
" " " 34.	11 ^a	11 ^v
" " " 35.	47 ^a	46 ^d
" " " 37.	195 ^a	190 ^a
" " " 40.	253 ^a	243 ^a
" 52 " 2.	68 ^s	68 ^r
	186 ^{rv} 186 ^{rv}	186 ^{rv} 187 ^{rv}
" " " 26.	ha dichiarato	non ha dichiarato
" " " 33.	<i>Mac-Carthy, Reagh.</i>	<i>Mac-Carthy Reegh</i>
" " " 34.	non è accessibile	non mi è accessibile
" " " 35.	<i>si aggiunga</i>	Y (Paul Meyer)
" 150 " 21.	<i>si aggiunga</i>	Ignoto al Bartsch.
" 154 " 12.	<i>se</i>	<i>fe</i>
" 157 " 25.	Eissamen	Eissamenz

VARIETÀ.

STUDI ETIMOLOGICI. (1)

LAGGARE, lomb. LAGÀ, ant. fr. LAIER "lasciare".

Il Diez parlando del fr. *laier* si esprime non senza qualche incertezza (*E. W.* I 244.) Egli accenna al nd. *laten*, ma non vi si ferma, ammettendo l'identità della voce francese col lomb. *lagà* "che in tutto fa l'ufficio di *lasciare*, con cui del resto non può avere comune l'origine." (Da ricordare qui *laghej* "lasciarci" di Val Furva; Ascoli, *Arch.* I 288). Senza escludere assolutamente che *laier* possa connettersi con *laisser* il Diez inclina a trarre sì la voce francese che la lombarda da *legare* "hinterlassen", il cui significato si sarebbe poi generalizzato, etimologia che parrebbe appoggiata dalla variante *leier*. Il Burguy (*Gramm. de la langue d'oïl*, III 215) non accetta la derivazione da *legare* la cui significazione è troppo esclusiva, e torna all'etimologia germanica citando ant. sass. *lâtan*, got. *letan* ecc. Similmente lo Scheler (v. *Dict. d'et. fr. s. laisser*) ma senza spiegare come da siffatte voci potesse venire la forma lombarda. Io ebbi già a notare la corrispondente forma toscana *laggare* usata da antichi scrittori e viva ancora (*Saggio*, p. 158) e qui ricordo: *lago* per "lascio" in Bonvesin (ed. Bekker, *Monatsber.* 1851, p. 13), *laga* per "lasci" in Bescapè ("un ge n'è k'el laga stare"), e le forme simili in Giacomino da Verona e nel *Rainardo e Lesengrino*. Ma i due esempi più antichi a me noti, che mostrano chiara la etimologia da *largare* sono quello della nota tenzone

(1) Si continuano gli studi sul *Voc. etim.* del Diez pubblicati nell'*Atenco* (II, n. 1. 7.) in cui fu tentata la spiegazione delle voci: *ancidera* (aucidere), *bilenco* (obliquus), *bircio* (da **birciare* = fr. *bercer*), *biscia* (piscia), *burchio* (ant. *rindurchio* = *remulculum*), *bussare* (pulsare), *bussola* (*buxida*, *puxida*), *cavelle* (quod velis), *chiappare* (**capulare*), *ciascheduno* (ciasche-uno), *cinciglio* (cingillum), *ciscranna* (arciscranna), *croio* (corieus), *frignare* (**frendicare*), *fucina* (officina), *grascia* (a. fr. *grancho*), *grezzo* (agrestis), *qualdrappa* (**cavaldrappa*), *incigliare* (= fr. *siller*), *lamicare* (umigare), *otta* (volta), *qualcheduno* (qualcho-uno), *sbigottire* (**expavitare*), *stamberg* (stanza-albergo), *stentare* (tentare), *susina* (sucina), *tronfo* (da *tronfare* = **ultra-inflare*).

in cui la voce è in uso. Quale ne sarà l'etimologia? Io credo dall'a. a. ted. *baitôn*, *beitôn*. Il Diez infatti riconduce felicemente a quella radice il lomb. *baita* "capanna" (*Gram.* I 88), voce che lo Schneller riscontrò ancora nel Tirolo (*bait* "capanna nei campi e nei monti") e nel Friuli (*baite*, *uaite*, *vuaite* "capanna di cacciatori nei paduli"), *Romanische Volksmund. in Südtirol*, Gera 1870, p. 109. Anche l'ital. *bettola* dovè significare "capanna, ricovero per viaggiatori" indi "taverna, osteria". Quanto alla sostituzione dell'*e* dall'*ai* proviene probabilmente dalla stessa doppia pronunzia *baitôn* e *beitôn*; dalla prima forma *baita*, dalla seconda *bettola*. Il Diez infatti osserva che ove i Romani si fossero attenuti all'*ei* dell'ant. a. tedesco, anzichè all'*ai* gotico, l'italiano e lo spagnuolo avrebbero presentato un *e* (*Grm.* I 309). Noto però che l'ital. ha un esempio sicuro di derivazione dal dittongo *ei* in *Enrico* = a. a. t. *Heinrich*, mentre la forma *Arrigo* citata dal Diez tra le voci che serbano traccia di *ai* atono, è esempio sospetto, poichè potrebbe non essere che una posteriore alterazione di *Enrico* per la nota tendenza all'*a* iniziale (cfr. *Osservaz. sul Voc. ital.* p. 26).

GNOCO.

Il Diez cita ba. *nock*, *E. W.* II 35. Ma la voce italiana è perfettamente spiegabile col lat. *nucleus*, donde *nocchio*, indi per metatesi *njocco*=*gnocco*, come *rispiarmare* da *rispurmiare*, *rimiedo* da *rimedio* ecc; oppure *gnocco* per dissimilaz. da *gnocchio* (cf. *giogaia* per *gioghiaia* = *jugularia*) in cui *gn* non sarebbe che alterazione di *n* come *gnudo* o *ignudo* da *nudo*, e popol. *gnacchera* *nacchera*, *gnucca* *nuca* ecc. Nè fa difficoltà *ò*=*u*, poichè dinanzi a *cc* è di regola. Quindi *bòcco* "scioccone" = *bucco*, *allòcco* = *ulucus*, e perfino fior. *mòccolo* (sen. *mòccolo*) per analogia colle molte voci in cui *o* è radicale. Infine anche lo spagn. *ñoclos* sembra confermare l'origine latina.

LOJA.

Il Diez (*E. W.* II 42) crede col Ménage possa derivare da *alluvies*. Perchè non piuttosto da *illuvies* "sordes non lotae in corpore animalis" (Forcellini), che è per il senso tanto più vicina alla voce italiana?

BIBLIOGRAFIA.

IL CONTRASTO DI CIULLO D'ALCAMO *ristampato secondo la lezione del Codice Vaticano 3793* con commenti e illustrazioni di Alessandro D'ANCONA. Bologna R. Tipogr. 1874. (In 8, ediz. di 30 es.)

Abbiamo finalmente, con questa nuova edizione del Prof. D'Ancona, che riproduce "scrupolosamente" il codice vaticano, se non un testo di Ciullo corretto, almeno una prima base sicura su cui edificare. Chi pensi tutte le strane alterazioni e contraffazioni cui andò soggetto quell'importante monumento, dovrà sapere non poco grado al dotto Professore dell'aver resistito alla tentazione di nulla mutare nella lezione vaticana, rimandando tutte le osservazioni al ricco commentario ed apparato critico che accompagna, strofa per strofa, il testo. Il quale del resto, anche nella forma in cui l'abbiamo, è di gran lunga più corretto e chiaro e accettabile al filologo di tutti i testi emendati e rifatti che erano finora a stampa, e, secondo me, molto meno lontano dalla sua forma primitiva di quello che non si creda. Se c'è pertanto un appunto da fare al Prof. D'A. è l'aver mostrato a parole e in teoria pel testo vaticano meno fede di quello che abbia mostrato in pratica. Infatti nell'Appendice 2^a che tratta "della lingua in che fu scritto il contrasto" così si esprime: "Ciullo, dunque, deve aver scritto nel linguaggio, che gli era familiare e proprio (cioè in siciliano), e se noi riproduciamo la lezione del codice vaticano, non però teniamo ch'essa sia conforme al dettato originale. Anche qui, come nelle poesie sicule d'origine aulica, abbiamo un travestimento, anzi

forse più d'uno, mal contemporati insieme sicché diremmo che la poesia nel nostro manoscritto ci sia pervenuta in quella condizione in che avremmo al di d'oggi un canto popolare siciliano, che, per fissarsi in Toscana ed esservi inteso e cantato, avesse già fatto, uscendo dall'isola, una prima fermata a Napoli o nelle Puglie. Difatti, qua e là, non per intenzione ed opera dell'autore, ma come segno di cotali peregrinazioni, appaiono forme che si direbbero piuttosto dei dialetti meridionali di Terraferma che dell'insulare, e più di altro, frequenti toscanesimi." (*Rime antiche* I 305.) Questa teoria stessa gli fa poi trovare il tentativo di restituzione del testo del Grion tale "che, dato il testo medesimo nel suo stato presente, non si poteva meglio e più da presso ritrarlo alla sua forma originale" (ibid. 167) e se, io ripetiamo, non ha punto indulto sulla riproduzione del testo, ha però fatto sì che l'apparato critico venisse ingombrato da quelle inutili varianti delle due edizioni del Grion, che oltre ad essere senza base critica non mi paiono suggerite da uno studio e da un criterio filologico sufficiente. Ma quali sono le prove per credere ad una primitiva redazione sicula del contrasto? Da quanto raccolgo da diversi passi del dotto libro del D'A. e soprattutto dall'App. 2^a, siffatte prove si riducono a tre: 1^o La patria del poeta; 2^a la testimonianza di

Dante; 3° L'esame delle rime. Ma quanto alla patria di Ciullo ed a Ciullo medesimo siamo noi abbastanza nel chiaro? Il nome del poeta non figura nel codice vaticano, e non ci è fatto sapere neppure da Dante. Solo l'Allacci, dietro al Colocci, ci dà per autore Cielo dal Camo,¹ ma non è da dimenticare che le notizie del Colocci sono abbastanza confuse e sospette. Il Colocci disse che Ciullo " fu celebre poco dopo la ruina dei Goti " i quali, secondo il D'Ancona, non sarebbero altro che gli Svevi (ibid. 319 seg.) ciò che ci porterebbe a dopo il 1266. Ma dove sono gli indizii di siffatta celebrità e su che sarebbesi fondata, se nessun codice rimastoci ne conserva il nome, se niuna canzone abbiamo di lui, nè alcuno dei contemporanei, nè Dante stesso, che nominò altri non tanto celebri, ne parla? E si noti ancora la difficoltà storica di fare autore del contrasto un cittadino d'Alcamo, che fu abitata per tutto il secolo XII da Musulmani, e solo nel 1222 fu riedificata al piano e abitata da Cristiani (*Rime ant.* 231), talchè conclude bene il Grion " o Ciullo è nato ad Alcamo e in tal caso certamente dopo il 1221, o nacque prima e non ad Alcamo " (*Propugnatore*, IV, 122). D'altra parte non so se il D'A. possa accettare questa pretesa celebrità di Ciullo il quale per lui non dovrebbe essere che un oscuro popolano, fuori del contatto della scuola e della corte, e perciò ignoto e negletto. Un canto popolare s'avvicina alla produzione impersonale e l'autore o non è noto, perchè vero e proprio autore non c'è, o è noto solo a pochi popolani che da lui ricevono le ispirazioni al canto, e non

¹ Ecco le parole del Colocci riferite dall'Allacci; " Et io non trovo alcuno se non *Cielo dal Camo* che tanto avanti scrivesse e questo noi lo chiameremo *Celfo*. Costui adunque fu celebre dopo la ruina dei Goti e scrisse in lingua italiana. " E il Monaci ci fa sapere che nell'indice degli autori del cod. vat. al fo. 104 si legge " *cielo*. 51. " Dunque il cambiamento in *Ciullo d'Alcamo* è un arbitrio dell'Allacci; tanto valeva cambiarlo in *Cielo dal Campo* (come *Pier delle Vigne*) o in altra guisa qualsiasi. Del resto il Colocci dice che scrisse in lingua italiana e non in siciliano. Quanto al chiamarlo *siculo* è noto che il Colocci chiamò con tal nome tutti i poeti dell'epoca sveva (V. la nota del Monaci a p. XX seg. delle *Rime*).

può mai giungere a vera celebrità letteraria, a meno di uscire da quell'ambiente angusto per passare a creazioni più elevate, nel qual caso entra nei domini dell'arte e della scuola e cessa di essere veramente popolare. Per il D'A. dunque la notizia del Colocci non può avere gran valore, e gli altri tutti dubiteranno giustamente di una notizia così sospetta, data in modo così confuso e non confermata da alcun altro indizio. Ma fosse anche il poeta d'Alcamo, segue da questo che egli dovesse poetare nello schietto dialetto del suo paese? Non poteva aver soggiornato fuori a lungo, o per altre ragioni avere scritto in un dialetto affine al suo e perciò a lui famigliare? Gli esempi non mancano, e basti qui quello di Ser Osmano, fiorentino secondo la testimonianza di Dante, che scrisse una canzone in dialetto romanesco (*Rime ant.* 484).

Nè più decisiva è la testimonianza di Dante, il quale nel *Volgere eloquio* (I 12) volendo dare un saggio del siciliano " *quod proditur a terrigenis medioribus* " cita due versi di Ciullo; poichè la citazione dà per concorde testimonianza dei tre codici di quel libro, una forma non siciliana: " *Traggemi d'este focora, se l'este a bolontate.* " Qui è evidente che Dante, che del resto non conosceva i dialetti meridionali così da vicino come i settentrionali, o non avendo alcun saggio di schietto siculo, o considerando la canzone di Ciullo come un siciliano un po' temperato senza che però avesse perduta la scorie plebea, citò quei due versi che a lui tornavano in acconcio per dare un esempio di parlare lento e strascicante, ch'era il difetto che egli trovava nel siciliano.² Nè fa meraviglia che Dante che proclamò la priorità dei Siculi nel poetare in volgare, considerasse come di fondo siculo un compo-

² Anche il D'A. infatti dice: " La poesia di Ciullo doveva esser nota al poeta fiorentino in quella forma all'incirca nella quale è a noi pervenuta: e l'intenzione di Dante, citando quel verso era di dare un'idea dei prolungamenti proprii al dialetto da lui scartato e condannato, sicchè eragli indifferente se la parola *volontà* avesse forma di *bolontate* o *voluntati*, se *fucoco* fosse *focora* o *focura* " *Rime ant.* p. 304.

nimento che, oltre all'essere in un dialetto molto affine al siciliano, conteneva molte parole schiettamente siciliane introdottevi sia per la rima sia per imitazione letteraria. Ma questa citazione di Dante è anzi per me una prova che il contrasto fu così scritto in origine; poichè Dante dovette avere sotto gli occhi codici assai antichi e certo della seconda metà del dugento, scritti perciò poco dopo la morte dell'autore del contrasto, quando ancora non c'era stato tempo per un travestimento così completo quale viene ammesso dal D' A., che avrebbe voluto una lunga serie d'anni, ed una più lunga serie di copie, nella quale aggiugnendosi alle prime sempre nuove alterazioni, il contrasto perdesse quasi affatto e nella scrittura e nella tradizione letteraria ogni ricordo della sua forma primitiva.

Più debole ancora è l'argomento delle rime. Ammetto anch'io che Ciullo abbia scritto *fari, ripresa, distisa* ecc. e che al copista siano dovute le alterazioni in *fare, ripresa, distesa* ecc. Ma che prova questo? Che Ciullo, per aver delle rime, usava accanto alle pugliesi, forme e voci d'un dialetto affine, che poi il copista tolse via per mettere quelle voci all'unisono col dialetto del contrasto ¹. Ma Ciullo ha fatto di più, perchè quando ebbe bisogno di rime, pigliò addirittura delle parole francesi, quali *gueri, peri, confreri*, (s. 7, 11) *faglia* (s. 28) ecc. Altro che voci siciliane! Ma Ciullo non faceva che pigliarsi un po' più di quella libertà che tutti allora si prendevano, compreso lo stesso Dante; e l'aver il copista mutate quelle voci prova che esse suonavano col resto del componimento. Infatti il cambiare qualche parola qua e là poteva riuscire facile e naturale, ma il tra-

durre di pianta tutto un componimento di 160 lunghi versi non poteva riuscire se non per un proposito deliberato. E come poteva nascere siffatto proposito? Secondo il D' A. sarebbe stato l'effetto della tendenza a toscaneggiare che alterò tutte " le rime dei Siculi e Pugliesi, . . . ospitate in Toscana e specialmente in Firenze " (*Rime ant.* 294). Ma il fatto è che il contrasto non è punto toscaneggiato, ma di schietto fondo pugliese, con certe *mescolanze* che, come vedremo, accusano un'influenza letteraria. E come avvenne che i copisti toscani, invece di lasciar stare il contrasto com'era o di tradurlo nel loro toscano, lo rivestirono alla pugliese? Quale simpatia potevano avere per codesto dialetto da preferirlo al siciliano? O era un odio dichiarato per quest'ultimo dialetto? Ne è a dire che la forma pugliese potesse uscire dal solo mutamento delle desinenze siciliane; poichè non è solo questione fonetica, ma anche grammaticale. Vi sono nel contrasto forme che si riscontrano nelle antiche scritture in pugliese o nei dialetti affini e che ancora vivono nella stessa regione dialettale, che non si incontrano, (almeno io non ne conosco esempio) nelle antiche scritture siciliane nè negli odierni dialetti di Sicilia.

In fine che la prima forma fosse pugliese lo provano tre forti argomenti: 1.^o Tutte le copie a noi note direttamente o indirettamente danno codesta forma; il codice vaticano, i codici noti all'Aliacci e al Colocci, e la copia nota a Dante che non poteva essere di molto posteriore al tempo dell'autore. 2.^o L'assoluto silenzio che si nota nel contrasto per tutto ciò che riguarda luoghi, costumi, memorie della Sicilia, il che, non può non sembrare strano in una poesia d'origine siciliana e, secondo il D' A., di fonte popolare e di tradizione artistica tutta indigena. 3. La menzione che è fatta di Bari, come di esempio di ricchezza e di magnificenza noto ed ovvio ai due interlocutori del contrasto; che prova che là è la scena e che, la donna almeno, non poteva parlare altro dialetto che il pugliese. Se la scena fosse stata in Sicilia, non sarebbe stato naturale citare

¹ Questo è anche comprovato dal fatto che la forma sicula non si può sostituire in ogni strofa. Così nella strofa IX si ha *care-for-ancore*, e sostituendovi la forma sicula avremmo *cori-fori-ancora*, e la rima sarebbe distrutta. Bisogna dunque ammettere che la strofa fu così composta come l'abbiamo, e che le forme sicule furono nelle altre strofe usate dal poeta per la rima e che il copista, trovando siffatte forme discordanti dal resto, le tolse via, senza badare che con questo toglieva la rima.

come esempio di grande e ricca città. Palermo o Messina? Il poeta che parlando alla *villana* cita Bari come esempio a lei più familiare, non fa egli capire che la donna era di là, che non era uscita da quei luoghi e non avrebbe potuto figurarsi niente di più grande della sua Bari, come il pastore di Virgilio, che non uscì mai dai dintorni di Mantova, non intende parlare che di questa quando nomina l'*Urbs*?

Io persisto dunque a credere il contrasto così scritto presso a poco come ora lo abbiamo. Il fondo è pugliese, ma con elementi di provenienza letteraria, che staccano dal colorito generale. Questi elementi sono parte stranieri, provenzali e soprattutto francesi; parte tolti dal linguaggio poetico che si era andato elaborando alla corte sveva. Gli elementi copiosi tratti dai poeti stranieri hanno, a mio credere, la loro ragione in ciò che Ciullo prese ad imitare le pastorelle francesi e, come ne ritrasse le situazioni, così spesso le frasi e le parole. Il contrasto tra il *canzonieri* e la *villana* è per me una libera imitazione delle centinaia di scene siffatte che i poeti francesi raccontano di aver avuto colle pastorelle. Ma qui, avendo per iscopo di studiare più particolarmente la lingua di Ciullo, mi limiterò, strofa per strofa, a indicare i passi e le situazioni analoghe nelle pastorelle francesi, riservando ad altro lavoro lo sviluppo della questione letteraria, ¹ e invece andrò richiamando l'attenzione dei dotti sopra alcuni punti che riguardano il testo, gli elementi diversi che vi si incontrano, le relazioni colle forme dei dialetti moderni, e l'interpretazione d'alcuni passi. S'intende che con questo io non ho in mente di fare uno studio completo intorno a Ciullo, ma di presentare raccolti alcuni dati ed osservazioni che tendono ad illustrarlo dal lato linguistico e, indirettamente, anche dal lato letterario. — Le citazioni francesi non accompagnate da altra indicazione sono tolte alle *Alfranzösische Romanzen und Pastourellen* del Bartsch (Leipzig. 1870).

¹ *Ciullo d'Alcamo e gli imitatori delle romanze e pastorelle provenzali e francesi*, nella *Nuova Antologia*, Novembre 1875.

I.

1-2. Il paragone delle pastorelle alla rosa è comune nei francesi: *la colour—ot freche com rose en mai* II 5; *de sa color semblait rose novelle* II 3; *la pastore ot cler le vis—et coulour rosee* III 40; *truis pastore colorie — asses plus que n'estoit mie — la rose qu'ist dou rosier* II 78; *si sembleras la rosele—ki s'espantist de novel* III 1; *sa facecete vermeillete — come rosier floris* I 52; vi si unisce l'idea della freschezza: *fresche coloree* III 3, e questo più spesso nei Provenzali, dei quali riporta alcuni esempi il Nannucci, *Manuale* I 129: *Ans sopra frescheza — De rosa de mai La fassa fresca de colors — blanca vermelha plus que flors* (Arn. di Marv.). I poeti italiani chiamarono la donna *rosa*, *fiore dell'orto* ecc. Mazzeo Ricco: *Ben passa rosa e fiore — La vostra fresca cera*; Nann. *Ibid.* 129; quindi anche: *rosa colorita*; *Ibid.* 127. Federigo chiama la sua donna: *Rosa di maggio — colorita e fresca*, *Rime antiche* LIII, e Giacomino Pugliese: *rosa fresca*; o *fiore dell'orto* (cfr. in Ciullo *rosa fresca dell'orto* s. III e *rosa invidiata* s. IX), quindi anche: *Aulente rosa col fresco colore*, *Rime ant.* LVII. Anche Baldo da Passignano: *Rosa aulente spendiente* Trucchi 103. — *Aulente* da *aulire* = *olere*, come tutte le voci poetiche che hanno il dittongo *au* atono primitivo (*laudare*) o secondario (*augello* = *avicella*) o ampliato da *o* (*aulire*, *auccidere*, ant. *amore*, *caunoscenza*) sono voci meridionali. Ancora nei *Canti delle Provincie merid.* si trova: *aucciello* I 40, *auccidhuzzu* I 33, *aucesta* II 79, *auricchini* II 93. Questa proprietà è anche del siciliano.

3. Cfr. *Trami d'este penare* in Odo delle Colonne; *Rime ant.* XXVI. 38.

4. Cfr. *Ch'io non posso abentare — Notte nè dia* in Rinaldo d'Aquino; *R. ant.* XXXII. 62. *Non agio aben'o* Not. Giacomo, *Ibid.* 38. — *aio* I, 13, 15, 25, *ò* 12, *ò* 15, *ài* 17 = *ho*. Una delle mescolanze frequenti nel contrasto. La prima è la forma più frequente e più conforme all'uso dei dialetti meridionali. Così nel Ritmo Cassinese: *aiate* 57, nell'*Hist. Romana* (*Antiq.* III): *haio* 251,

haia 357 ecc. E nei *Canti meridionali*: ajo I 17 (Abruzzo) *ajj* I 15 (Lanciano) *aju* (Cagliari) II 5 ecc. — *Abento* è vivo in Basilicata, dove *abintare* vale "riposare" *Canti merid.* II 83. Altri esempi antichi nelle *Rime* p. 37, 46, 51, 480 ecc.

5. La confusione del *tu* e del *voi* è in più altre canzoni a dialogo; così in Giacomo; e nella canzone pubbl. dal Boagi, poi dal Carducci, *Cantil. e Bull.* 139: *S'è v'ho fatto offensione*, — *Al tuo piacer me ne dà penitenza*, e così spesso. Anche in Ciullo, come negli altri si fa qui sentire l'influenza provenzale.

II.

1. Una pastorella risponde a Robin: *folie te fist cuidier — que de cuer t'amaisse — d'amer garcon noient ne sai* III 46.

Mere è nel Ritmo Cassin. *mebe* 4 accanto a *tebe* 64. *sebe* 5, *vebe* 7.

4.5. Ripetuto il quarto è imitato il quinto nella strofa 24, come già notò il Musafia (*Jahrbuch*, I, p. 112 seg.) Pastorelle caste o che si fingono se ne trovano parecchie: cfr. soprattutto III 25. — *Avanti* nel senso di "piuttosto" anche s. 3, 7, 24, e *inanti* s. 29, 30. Con questo riesce chiaro anche il secondo verso che vuol dire: Piuttosto (*avanti*) potresti solcare il mare e seminarvi, che possedermi. Si badi che anche alle str. 3, 8 *avanti* sta nel mezzo della proposizione.

III.

1. *arionniti* per *aritonniti* (cfr. *aritonno* 2); così *argolzano* per *arigolzano* 4, *arochino* 10; *arcomplini*, 27, e *arcompli* 29, 31, nei quali casi tutti non si tratta di metatesi del pref. *re* — ma di *a* prefisso, come in *aromperre* 2, *adomanini* 14 ecc. Lo stesso concetto ripetuto a str. XVII e XXIX (*Innanti prenni e scannami* ecc.)

2. *perdera*, come *tocara* 5, *mòsera* 17, *degnara* 20, *chiamarano* 21, *potera* 24, *miserà* 25, sono forme di *picche* perfetto, di cui parla il Diez (*Gramm.* II Conj. ital.) Sono però da notare, come già fece lo Schuchardt (*Centrab.* 1875, n. 3) le forme forti *pòtera*, *miserà*, *mòsera*, e intorno a quest'ultima è da rigettare l'emendamento *mòvera*,

giacchè il *picchp.* segue il perfetto. Queste forme non s'incontrano che nel pugliese e nei dialetti più affini. Così anche in Giacomino Pugliese. *Rime antiche* LVII: *perera*, *disperera*, *accedera*, *gucera*. Notaro Giacomo, *Ibid.* 4: *osondara*, *gracera*. Se ne trovano esempini nell'*Hist. Romana*, Muratori *Antiq.* III: *potera* 311, *habera* 297, *giocara* 273, *vuolera* 409, e nell'*Hist. Aquilana*, *Antiq.* VI: *habera* 580. Nel Ritmo Cassinese: *boltera* = *voltera* in *Voly. Eloq.*, e in altre scritture del mezzogiorno: *doltera*, *pregara*; *Rivista di fil. rom.* II, 109. E se ne trovano ancora esempi nei canti popolari della stessa regione dialettale. Nei *Canti merid.*: *servera* I 84, *ramperra* I 123, *sapera* I 127, *vorra* = *vorria* I 126. — Io non conosco esempi siciliani; ed è questo un grande ostacolo per la teoria di quelli che vogliono, come il D'Ancona, che il contrasto sia tradotto dal siciliano; poichè dovendo tradurre quelle forme nelle corrispondenti sicule tutto il metro ne resta irrimediabilmente guasto. Ciò non impedì al Grion di fare la sua traduzione. Egli credè aver trovato un esempio nel *Ribellamentu* (*Propugnatore* IV, 156), ma quello che egli accenta *pùtura* v'è accentato *putirà*, come provano mille altri esempi. Neppure il Wentrup nè il Pitre nella *Grammatica siciliana* (*Fiabe* ecc. I, p. CCXII seg.) non fanno alcun cenno di tal forma. — *Soluccio* e *diporto* due voci del frasario erotico provenzale.

3. *veioti*; *Hist. Rom.*: *veio* 253

4. *tut' ore*. Re Giovanni: *Cui ama tuttere*; *Rime ant.* XXIV, 23. E così spesso nel significato di, "sempre."

IV.

1. *Atalenti* dall'ant. fr. *atalenter*. Cfr.: *vostre anor m'atalente* III 45; *n'ai talent que mon cuer mere — en homme de tel beubant* II 71; *de vostre amor n'ai talent* III 25. Così Neri de' Visdomini: *molto m'atalenta*; *Rime ant.* p. 497.

2-3. Concetto ripetuto alla str. 22 e che è la comune minaccia della fanciulla nelle pastorelle francesi: *s'ai jeu et parens et amis — se riens me voleis faire — vos sercis pris et retenus* II 9; *gardez que ne mi faciez*

mal — *car mes peres est en l'aree* II 68. Più spesso la pastorella francese minaccia la venuta di Robin: *Robins est fes et groignus — si pores estre ferus — et batus* III 48. E al “ *perdici le persone* ” della str. 22 fanno riscuotro simili minacce: *Ke ne fuissies de baston — tues en mi ceste voie — ou depecies de gaignons* III 52; *nus ne vient ci dognoier — qu'il ne li toille la vie* II 78; e come qui la donna chiama i fratelli e parenti forti, correnti così la pastorella francese dice il proprio amante *orguillous et hardis* II 39, o *fes et groignus* III 48, e ne vanta il vigore: *n'a si bel home en l'empire.... ne bergier de tel vigor* L'epiteto di *correnti* prova che il poeta era a cavallo, sicché la donna lo avverte che quelli avrebbero saputo egualmente raggiungerlo. Senza questa circostanza l'epiteto sarebbe stato superfluo.

4-5. Lo stesso concetto in più pastorelle: *se tost ne remontaz — et de ci non tornaz — ja seraz malmenaz — que Perrins nos espite* II 13; *vos arreiz asseiz a faire — ce vos an eschapeis vis* II 40; *.... se vos roncins ne vos porte — plus ke l'ambleure* II 39.

V.

1. *belle, trop couars seroie...* III 52; *trop me voleis esmaier...* II 40.

2. Allusioni alle proprie ricchezze e nobiltà fatte dal cavaliere: *je suis fils a chastelain* II 25; *pastourole, si t'est bel — dame seras d'un chastel* III, 1; *dame sereis se vos voleis* II 9; *riche vos ferai* II 20; *ne garderes plus aignel* III 35.

3. *padreto*, come *paremo* 4, *vitama* 15, 17, 21, *casata* 21, *carama* 23, 27, 29, 31. Le stesse forme in altra canzone detta la *Ciciliana* in Carducci, *Cantilene e Ball.* ecc. 52: *casata, maritomo* Si trovano queste forme anche negli antichi *Ricordi di famiglia senese*: *fratema* 34, *cognatoma* 44; e sono ancora vive nei dialetti del napoletano. Nei *Canti merid.*: *mammata* (Basilica) I 39; *maglierema* (Napoli) I 104; *maritumu* (Lecce) *ibid.*; *socrane* (Benevento) I 155; *sorema* (Terra di Lavoro) I 271; *figghinta* (Pizzo) I 195 ecc.

5. L'apostrofare con “ *belle* ” la fanciulla è comune nelle pastorelle francesi.

VI.

1 *Sera ne mattino* modo che si ripete alle str. 11 e 17 ed è affatto francese, nel senso di “ *continuamente* ” *et mon mari maudrai et soir et matinee* I 68; e così al “ *disiolo la sera e lo mattino* ” corrisponde:... *trop doloir — me fait s'amor main et soir* III 47; e nella romanza veneta: *e questa vol lo pelegrino — aver da sera e da mattino*; Carducci, *Cant. e Ball.* 25.

3-5. *Sre vos dons ne pris pais un festu* III 48; *n' ai soing de vos juralz* II 33. E nella pastorella di Marcabrun: *mas ges per un pauc d'intratge — no volh mon despiuzelutge — canjar per nom de putana*; Bartsch, *Chrest. prov.* 58. La distinzione fatta tra Saladino e Soldano non sarebbe naturale in un canto d' un popolano idiota. Lo stesso concetto è ripetuto dalla donna alla str. XX quasi colle stesse parole.

VII.

1-4 Marcabrun: *Toza, fel cor e salvatge — adomesq'om per uzatge*: *Ibid.* *Percazala* dal prov. *perassar*.

VIII.

1-2. Così la pastorella casta di Raoul de Biauves: *tant comme je vivrai — ma chustee garderai... ancois m'ocirroiz*, III 25; e la donna di Compagnetto da Prato, spinta a “ *inchieder d'amore* ” dice: *Donne, nol tenete a male — S'io danneo il vostro onore, Rime ant.* LXXXVIII, 19. — *Per aucesa* v. alla st. I.

3-4. “ *Corenno ala distesa* ”; significa “ *a cavallo* ”. Ciullo raffigura una scena come quella dei poeti francesi che finiscono tutte le loro avventure come avvenute nelle loro escursioni a cavallo. Rinaldo di Vaqueiras nella tenzone colla donna genovese trovandosi per eccezione a piedi, viene burlato dalla donna che lo consiglia a provvedersi d'una cavalcatura. Similmente il *Canzoneri* non può che essere il poeta autore del contrasto, come il *jujar* cui si volge la donna genovese non è che lo stesso Rinaldo di Vaqueiras. Lo spiegare, “ *con-*

renno " per " cantando " è affatto arbitrario, e anche quell'aggiunta " alla distesa " non ha senso se non riferito a cavallo. (Cfr. str. 4.^a)

5. *gueri* = a. fr. *gueres*.

IX.

1. *Schianto* nel senso di " dolore " è in Lapuccio Belfradelli, e fa meraviglia che il Grion che ne ha pubblicato la canzone (*Propugnât*, 1870, 107) mi vada a pescare sciántora.

2. Le difficoltà si tolgono confrontando str. 1, v. 5 e correggendo *me* in *ne*. Vuol dire: Pensando io a ciò solo anche il giorno quando vo' fuori (non che la notte).

4. *tece*; cfr. III, 2.

X.

1-2. Cfr. Compagnetto, l. c.: *Madonna, a vostre belleze — Non era arditò intendrè: — Non credea che vostre alteze — Ver me dengnassero iscendre*. E nella tenzone del Marchese Malaspiua, la donna dice: *Marques, en trop d'orramen — ciuats piuar veramen*; Raynouard, *Choix*, III 163. Sono frasi aristocratiche che ogni tanto sfuggono a Ciullo. Più semplicemente la past. franc.: *je suis bele assez ... je n'ai de vos cure* II 20.

3-5. Cfr. Giacomino Pugliese, *Rime ant.* LXII, 49: *Se vai, meo sire, — E fai dimoranza — Ve' ch'io m'areado.... — ... sto rinchiusa più che romita. Sore* anche nell'*Hist. Aquilana* 672 e *Canti. merid.*: *sorema* I 271, *soru* I 4 ecc. — Da correggere *la persone*. Il copista credè *persone* plurale e mutò *la* in *le*. Cfr. *porpore, tut-tore* per *porpora, tuttora*.

XI.

1-2 *Comfreri*, parola francese usata per la rima, avendo il poeta copiata nel V. 1 la formula pure francese " col viso cleri. " Per la rima pure *gueri* 7, e *peri* 14. Il poeta usa della libertà allora concessa di prendere per la rima anche parole straniere, ma con ciò si mostra addentro nei segreti dell'arte. A un poeta popolare non poteva venir in mente di introdurre una formula francese che poi l'avrebbe co-

stretto a cercare nuove parole francesi per la rima.

3. *stao ma istomi* 16, *Canti merid.*: *stau* I 85 (Terra d'Otranto).

XII.

1-3. Questi scongiuri mostrano che la donna appartiene al volgo. Si ripetono in situazione analoga alla str. 26.

4-5. *vos en troccreiz deiz et sept — de moi plus joliettes* II 38. *Chiu per più* in bocca alla donna, come sotto *chiasi* per *piaci* 16.

XIII.

1-3 Imitazioni di questi versi sono quei canti popolari nei quali, con qualche variante si ripete lo stesso concetto, riportati dal D'Ancona, *Rime ant.* 237 segg. Notevole che nell'enumerazione dei paesi comincia i due primi versi col ricordare la Calabria e la Puglia, che primi si presentavano alla mente di lui e della donna. — *Donna cortese e dea sovrana* espressioni dei poeti di corte. Cfr. *Rime ant.* p. 56.

XIV.

1- . La richiesta della promessa di matrimonio ripetesi in più pastorelle francesi: *dit, ja n'ert conquise — par mule devise — se n'est espousee* II 19; *non ferai, par saint Liefroi, ains m'avrois espousee* II 6. E così la contadina di Ser Osmano: *Che di me nom puoi avere una cica — Se non mi prendi u nosciella*, *Rime ant.* LXXXIX, 27.

4-5. *oil, se vous m'espousez — lors ferrez vos volentez* II 69.

XV.

1-3. Siffatto linguaggio figurato non è a supporre in un poeta popolare, tanto più venendo l'allegoria continuata abbastanza felicemente nella strofa che segue.

4-5. Il poeta italiano accenna quello che i poeti francesi descrivono: *quant j'ai veu ke par mon biau proier — ne me porai de li muels acointier — tout maintenant la getai sor l'erhier* ecc. III 48; *quant par ma proiere n'è poi avenir — par les flans l'ai prinse, si la fis chair* II 76.: *couchai la a*

terre, tout maintenant II 62; ne vo plus ali tencier — ains l'ai sor l'erbe getee — mais as jambes desploier — lai fut grande la crice II 4. — Villana è pure chiamata la pastorella dai Provenzali, e villanella nel contrasto di Ciacco dell' Anguillara.

XVIII.

1. abero; nell' *Hist. Aquil.*: habero 542, e nell' *Hist. Rom.*: abbero 271 ecc. e nei *Canti merid.*: appinu I 131, aviero ebbero I 208 (Principato Ult.), appi II 20 (Calabria). E già ho mostrato che abbe era pure nell' antico aretino, come è oggi nel chianaiuolo (*Di un antico monum. di poesia ital.* 9).

3 pottero; nell' *Hist. Aquil.*: potte 637; *Canti merid.*: potte I 158 (Terra d' Otranto).

4. La stessa reticenza che nella str. 5. in analoga situazione e quasi colle stesse parole. Vuol dire: Tu semplice poeta sei meno ricco di quei grandi dignitarii e molto meno puoi sperare il mio amore.

XIX.

2. La donna non conosce abbastanza il poeta, e questi le fa capire che non è da posporre agli altri: "s'avanti non m'as sai" vale: "se prima non mi hai conosciuto e saputo bene quello che io possiedo". Ciò esclude l'ipotesi di un' anteriore relazione amorosa, e che il poeta fosse un povero popolano.

4. Lo stesso concetto che al v. 35 cioè: Te ne pentirai e verrai tu stessa a pregarmi. Ma l'immagine tolta dalla nave è ricercata e punto popolare.

XXI.

2. *Pantasa* non è che il prov. *pantaysar*, ant. fr. *panteiser* "ansare, avere oppressione di respiro" quindi "essere affannato, turbato ecc." Il Diez discorre di questa voce nell' *E. W.* II 396, ed alle voci ivi citate è da aggiungere il tosc. *pantellare* "ansare, respirare faticosamente" (Billi, *Poesie chianaiuole*, Gloss.) corrispondente in tutto al fr. *panteier*. — Il *di e notte com notte e dia* della st. I, è il solito fr. *nuit e jor*: per vostre amor — li cuers mi

sautele — e nuit e jor I 49. Del resto è comunissimo pure nei Provenzali: *on nueg e jorn velh e pens e cossir* (Beronger da Palasol) *Raynouard, Choix* III 232; *per vos belha dous' amia* — *trag nueg e jorn greu martre* (Augier) *Choix* III 104 ecc. E nelle *Rime ant.*: *nè notte nè dia*, 381 — *pensare la notte e la dia*, 406. — *giorno e notte penava*, 45 ecc.

XXII.

1-4. Cfr. sopra str. 4.

5 *ave aiutare* futuro perifrastico, come, come str. 19: *rimembrare t' a'* o meglio *a rimembrare t' ao* = ti rimembrerò.

XXIII.

1-2. Il chiamarsi *straniero* che fa il poeta conferma l'ipotesi che qui si tratti di avventura accadutagli nelle sue escursioni a cavallo, e non di un contrasto tra due amanti.

3-5 Simile lusinga nelle pastorelle francesi; *je vos ain et ser et prie* — *picce a, bien le saves* III 49. — Quanto al *maiuto* è qui chiaro essere stata una stoffa o colore di stoffa delle genti di minor rango, poichè la donna, nella strofa seguente, si burla dell' amante e lo chiama "impostore" (*Ju da lo tratto*) per aver detto ch' egli s'era innamorato di lei vedendola col *maiuto*, quasi fosse, dice la donna, porporatto, o sciamito; cioè quasi fosse un abito di sfarzo da rialzar la persona e accrescerle bellezza e nobiltà. Quanto all'aver Federigo II fatto vestire le ancelle col *maiuto* può essere stato per lusingare la popolazione adottando anche alla corte le foggie nazionali. S' in'ende del resto che anche di siffatta stoffa, che si contrapponeva in generale agli abiti delle grandi dame, vi saranno state più qualità, come anche oggi la seta che veste la principessa non è quella che porta alle feste la contadina.

XXIV.

1. Cfr.: *troppo Giuda mi se' stata*, in *Rime ant.* p. 441.

3-5. La donna per rialzarsi e rimettersi "in altezze" torna a far la casta e

a protestare di non volere, non che amanti, neppur marito. Lo stesso concetto in parte colle stesse parole, anzi con un verso identico, alla str. 2^a. Cfr quanto ho detto alle str. 2 e 8.

XXV.

Concetto parallelo a quello della str. II; l'amante protesta che seguirà la donna ovunque vada, in un chiostro e perfino in mare. — *Donna cortese e fina* espressione del frasario aristocratico. ¹

XXVI.

Scongiuri ripetuti in situazione analoga a quella della str. 12, cioè al ripetersi degli empî propositi dell'innamorato, che prima si dichiarava pronto a profanare la santità del chiostro, ed ora ad abbracciare un cadavere — *Disdutto* = a. fr. *desdūt*, prov. *desduyt*.

XXVII

3. *Lassone lo cantare*. Siccome io non ammetto che qui si tratti di un ludo poetico, come pensa il D' A., ma solo di un ludo amoroso, io spiego: Se non otterrò il tuo amore, io abbandonerò ogni letizia, lascerò di cantare le tue lodi (v. st. 1.^a), lascerò questa vita di poeta che mi è sì lieta e sì cara; sarò in somma ridotto alla disperazione, e questo lega benissimo coi disperati propositi espressi innanzi e colle parole della donna che lo tratta quasi di sacrilego e di pazzo. — *Plazati*, forma più nobile, foggata sul prov. *plassa, pleja*, usata dall'uomo, mentre la donna usa la più volgare *chiaci*.

4-5. Questi due versi si trovano, colle stesse rime, in una pastorella francese; dove come qui rimano *ain* = *amo* verbo con *ain* = *amo* nome. Riporto gli uni e gli altri:

*Ancora tu no' m'ami, molto t'amo
Si m'ai preso, come 'l pescie al' amo.*

1 Il cartegaretì dell'Allacci racchiude forse la vera lezione. È chiaro che la copia dell'A. doveva avere *pai e' amnegaretì* e che essendo la tilde addossata all' n egli scambiò n per un *rt*, scambio paleograficamente spiegabile.

ameis moi, ke je vos ain

. . . *con cil hi est pris a l' ain* (n. 25).

Lo stesso paragone in Bernardo da Ventadorno: *Aissi col peis que s' eslaissa el chandorn* — *E non sap re tro que s' es pres en l' am*; Mahn, *Werke* I 20. E così in Prenzivalle Dorè: *Amor m'a preso come il pescie al' amo*; *Rim ant.* LXXXVI, 24.

XXVIII.

Una delle molte astuzie cui vediamo ricorrere le pastorelle, le quali, facendo vista di secondare l'amante, riescono per un momento ad allontanarlo e liberarsene. Così II 15, 49, 63; III 7, 47.

2. *Suzo* e così s. 39, accanto a *succio*, s. 27; una delle tante varianti dialettali che s'incontrano nel contrasto. — *di core paladino* potrebbe significare di "cuor nobile, leale" come *paladino* venne a significare "prode, coraggioso." Sarebbe qui usato nel suo primo valore grammaticale che è quello di un aggettivo.

3. *di bon cor t' amo e fino*, altra delle molte espressioni della galanteria: Così *Compagnetto*: *amo a cor fino*; *Rime ant.* p. 449. E nei francesi: *mais de fin cuer vos ain*, I 7; *car de fin cuer et de vrai* — *loiaument vos servirai* III 25; *de fin cuer* III 18; *de bon cuer a vos me rent* (Erars); *jai de fin cuer ame* (Gasses) Mätzner, *Altfr. Lied.* 3; ecc.

4. *sanza faglia* = *sanx faille*.

5. *m'ai in tua boglia*. Anche questa è formula del frasario erotico cavalleresco. Mille esempi a aperta di libro. Mätzner *Altfr. Lied.*: *li cuers remaint del tout en sa baillie* 7; *Chans. de Champagne*: *mon cuer avez pieça en vo baillie* 29; *car mis me sui de tout en sa baillie* 53; *vos avez en vos baillie moi* ecc. 58 ecc. E così nei Provenzali e nei poeti italiani di corte. *Compagnetto* da Prato: *Meo sir ténimi in tua bågla*, *Rime ant.* LXXXVIII, 54; Odo delle Colonne: *Per uno ch' amo e voglio* — *E noll'aggio in mia bågla* *Ibid.* XXVIS,

XXIX.

3. *Scalfi* da *scalfare* = fr. *échauffer*, spg. *escalfar* = "eccalefacere."

5. Il Vigo cita la canzone di Odo delle Colonne che dice " *Lo cor mi fende e taglia* " e non nota che nella canzone stessa è detto: *Come lo cor m' infella!* Io lascerei il sic. *feida* o *fidulia*, essendo troppo ovvia la spiegazione " mi si fa fello " cioè " fiero ribelle " ovvero " mi si irrita, mi si turba. "

XXX.

1-3. Ripetizione di ciò che è detto alla str. 13 a cui rimando per i raffronti. — *ate cangele*, e in tosc. *alle guagnole*, uno dei tanti neutri divenuti femminini. Il cambiamento di *che mo* in *como* non è necessario; vale " *quello che ora ti dico*, " come familiarmente si usa dire: " *ricordati che ti dissi* " per " *ricordati ciò che ti dissi*. "

4-5. Cfr. str. 2 e 24 che finiscono in modo analogo, e quanto al v. 5 veggasi il già notato alle str. 2 e 8 e cfr. str. XXIX. v. 2.

XXXI.

1-3. Meschino ripiego del poeta per giungere ad una soluzione. Che l'amante non potesse aver seco il Vangiolo è chiaro, giacchè egli non s' attendeva a tanta resistenza; ma volendo giudicare il contrasto dal lato della condotta e della verosimiglianza ci sarebbe ben altro a dire. Scriverei anche qui *Le Vangiolo* come alla str. XXX.

4-5. Cfr. i due ultimi della str. XXIX. Il concetto e in parte le parole sono eguali. *Arma* forma dissim. di *anima* comune a molti dialetti, ma affatto ignota in toscano. Il poet. *alna* è pure forma meridionale.

XXXII.

Miscuglio di frasario aristocratico e di volgarità.

1-3. Riguardo allo scambio del *tu* e del *voi* cfr. str. 1. — *tutta quanta incienno*. Cfr. Ciaccio dell'Anguillara: *Ed io tutt' ardo e incendio*, Carducci, *Cant. e Ball.* 11; e un'altra canzone a dialogo d'ignoto autore; *ch' i' ardo e incenno — e di voi sò infiammata*, Ibid. 141; Giacomino Pugliese: *Tutto'nciendo — Pur veggiendo — Fina donna, a voi m'arendo*, *Rime ant.* LVII;

e altrove: *Ma faccia che le piace, ch' io m'arendo* — *A sua mercè, colpa non mi difendo*, Ibid. LVIII, dove è troppo chiara l'analogia nell'uso delle parole e nella nelle combinazione delle rime.

4-5. La medesima chiusa in un contrasto graziosissimo ha una pastorella ed un pastore, tutto a dialogò come quello di Ciullo. La fanciulla chiude invitando: *Gniot, laisse dont la proie — si alons an la bière — faire ceu c' amors nous proie . . . — alons i dont, cuers adrois — je sui tous an ta bailie* II 47.

Veduto quello che Ciullo deve alla tradizione letteraria, rimane a vedere ciò che egli deve alla tradizione linguistica, ossia quello che egli ha preso della comune lingua poetica che si era andata formando sul tipo meridionale e per influenza provenzale (cfr. *La formaz. degli idiomi letter. in specie dell'ital.*, nella *Nuova Antol.* ottob. e nov. 1874), quale uso più largo egli abbia fatto della lingua volgare, e fino a qual punto si possa credere che il copista abbia mutato il testo. Il nostro termine di paragone sarà appunto la lingua e l'ortografia delle *Rime* della collez. vatic. che indico con *R.*

VOCALI TONICHE: — *a* in *e*: *cleri, freri, peri* 11, 14. *gueri* 7; forme francesi usate per la rima.

è in *i*: *rina* 25, *riprisa, distisa, abire* 8, 18; forme di molti dial. merid. alterate dal copista che Ciullo usò per la rima come spesso in *R*: *avere* e *avire* 10, 386. *tenire* 390, *vedire* 476, *cortise* e *offise* 152 ecc.

è intatto: *venoci, teniti* 11, 15, *er hëri, feri* 8, 18. come generalmente in *R*: *vene, avene* 3. *fera* 11, 54, *tenolosi* 2, *chero* 422 ecc. (cfr. *Idiom. letter.* ecc. p. 34). — In sillaba aperta ora *e* ora *i*: *Deo, meo* 5, 21, 11, 14, 32, *eo, reo* 8, 26, 28, 32, 12; ma *mia, mi'*, *io* 1, 29, 31, 3, 11, e al plur. *mici* 4. La stessa incertezza in *R*: *eo, meo* 2, *io* 2, *mia* 12, *mici* 386 ecc. secondo le diverse tendenze dei dialetti centrali da una parte e dei toscani e insulari dall'altra (*Osservaz. sul Voc. ital.* § 12).

i intatto: *sino, mino* 31, da restituire per la rima. — In posizione *i* in *e* in *ven-*

cierti 11, forma comune a molti dialetti del centro (cfr. *vencere, venze, vento*, *Hist. Rom.* in *Antiq.* III 367, 283, 303; *vense Cron. perug.* I 140 e *Vocal. ital.* § XII) e usata da altri poeti, come Guittone.

o intatto: *toto* 12; in *u*: *tutto* 13, 17, e *ura* 32 da restituire per la rima, come spesso in *R*: *ura* 6, 53, 109, *inamura* 457, 461, *amorosa* 390, *noioso* 99 ecc.

ò intatto: *bono* 3, 23, 4, 8, 28; *omo* 7, 21, 12, 30; *core* 9, 29, 28; *comsore* 11, 10; *dole* 19, 30; *fore* 9; *move* 29; *novo* 29; *poi pòtes* 15; *potesi* 29; carattere rimasto nella lingua poetica benchè contrario all'uso toscano, per influenza della scuola sicula (*Idiom. letter.* p. 34). Alterazioni del copista saranno: *può, puoi* 7, 30, e *uovo* 29; infatti in *R* generalmente: *core, foco, omo, pò* ecc. ma pur talvolta: *fuori* 24, *suole* 412, *buona* 403 ecc. per posteriori influenze.

DITTONGI. — *au* intatto in *auro* 6 come spesso in *R*: *auro* 9, 68, *auso* 139, *tesauro* 139 (cfr. *aoro*, *Hist. rom.* 291); in *o*: *cosa* 32 e da *au* secondario in *parole* 29 (ma forse da restit. *paraole* in st. 8); *au* atono in *a*: *agostari* augustales 5.

ai secondario da *-ario* in *e*: *volunteri* 11, *pregheri* 14, *canzoneri* 7; forme meridionali frequenti in *R*: *preghera* 12, *rivera* 398, *penser* 45, 407, *straneri* 509, *micidera* e *guerera* 441, forme comuni nell'antico aretino e usate da Guittone (*Di un ant. monum. di poes. ital.* p. 8); ma *ie* in *cabalieri* 18.

VOCALI ATONE. — *a* finale in *e*: *ancore, tuore* 9, 3 (*besogne* 11 per *bisogna* o per *bisogn'è?*), *persone, porpore* 22, 24. Ma nei primi tre casi c'è la ragione della rima, e il quarto può essere alterazione del copista, poichè l'Allacci ha *porpora*; — *a* prefisso in *arompere* 2, secondo la nota tendenza meridionale, comè in *R*: *alapidato* 447, *aconcieputa* 450 ecc. (cfr. *Di un ant. monum.* ecc. p. 8); — *a* in *ai* in *mailino* 6, 11, accanto a *matino* 28, forma frequente negli antichi, come in *R*; — *a* protonica caduta in *mosteri* 11, 14, 30 forma frane, preferita per il metro a *monasteri* di difficile uso nel verso.

o iniz. in *au*: *aulentissima* 1, *aucisa* 8, secondo la notata proprietà meridion. e frequente in *R*: *ausiduria* 17, *audore* 59, *amore* 148, 421, 472, *amore* 431, *caunosciente* 415, *caunoscienza* 107 ecc. (cfr. *Di un ant. mon.* ecc. p. 10); — *o* finale rimasto in *como* 4, accanto a *come* 24, 27.

u in *o*: *aiolare* 22 (qui pure *Gièso Cristo* 12) accanto al comune *aitare* 23.

i in *e*: *enfra* 23, *asemenare* 2, *fore* 9, e proclit. *en* 16; poi le forme verbali: *arenneti* 11, *faciemi* mi fai, *perdeci*, *conciepitemi* 28, 26, 12 accanto a *in*, *domini* 3, *iurastimi*, *'namorastiti* 24, 32, e a forme come *femina, altimina* ecc. Sono forme di molti dialetti centrali e merid. che il copista ha forse quà e là corretto perchè sono rare in *R*; — in *a* passando per *e* in *ca* 3, 15, 17, 19, 21, 26 accanto a, *che* 16, 29, 31, proclit.

e rimane nelle desinenze verbali (v. sotto); si mantiene: *dercto* 25, *dispregiaremi* 19, *averene, tocarenne* 24, 30, 6, *poteresti* 2; — muta in *i*: *davanti* 14, *inanti* 2 e comunem. nelle enclit. e proclit.: *mi, ti, si, di, ci*; così: *levimi* 21, *plazati* 27, *amoti* 28, *tagliami* 30 ecc; solo per eccezione: *averene, tocarenne* (v. s.), *te fosse* 21, *me sono* 23. Da notare indie *vatine* 16, 22, e imper. *vatene* 28; — *e* caduto in *retico* 26, e nel pref. *re*: *artonniti, arcimplimi* 3, 27, *arlochino* 10, accanto ad *arionno* 2; — *e* aggiunto: *este* 1, 12, 18 (accanto ad *è* 12, 19, 32), *mere, tere* 13, 23, 19, 2, 20, 12, 10 (*me* e *te* 1, 8, 12) come in *R*: *merc* 79, 460, 465, *tivi* 424 ecc. (cf. sopra); — *e* in *a*: *abatare* 12.

Assimilaz. vocalica: *dimino* 11 (dove *adimina* 7), *vististi*, *Lamagna, distinata* 23, 13, 9, *malulizione, sormonare* sermonare, *minespreso, blestemato* 22, 32, 12, e le forme *acoresoro, diciesono* 20 comuni a molti dialetti; così in *R*: *maladetta* 443, *distinato* 499, *dimino* 106, 479 ecc.

IATO. — Sotto l'accento: *vicente* 15, 29 e così *R* 17, 54, 450 (*Giudero* 26, alteraz. del copista). Trasposiz. d'accento in *balglia* 28, continuo in *R*.

Fuori d'accento: con *l*: *dumilia* 5, accanto a *rangiele* (v. sopra); — con *n*:

renoci 11 (cfr. *teno* R 426, 428) e *ren-
gno* 31 che è la forma comune di R; poi
tenga 11. (forse per *tenna*.) e *poniamo*
3; — con *r*, v. s. ditt. *ai*; — con *s*: *mal-
vascia* alterato per *malvasa* 21 (cfr. in R:
disascio 78, *malvascio* 419, *cascione* 390,
392, 479) e *magione* 10, 22 che credo to-
scanizzata; — con *t*: *preso* 16, *graza* 5
come in R: *vizo* 500, *graza*, *graze* 503,
120 ecc.; *solaccio* 3 come in R, e *dispre-
giaremi* che è poco naturale accanto all'or-
dinaria ortogr. di R: *presgio* 12, *ragiona*
19 ecc. o *prescio* 106, *rascione* 391 ecc.; —
con *st*: *angosciato*, forma comune in R; —
con *c*: *ciò* 18, 28, *facioli* 14, *piacciono* 8;
poi *soccio* 22; e *zò* 29, *treze* 10, *onze* 18,
plazati 27, forme tutte meridionali o fre-
quenti in R: *zò* 2, 8, *perzò* 8, *Greza* 381,
fazo 387, *abrazata* 43 ecc. come nei *Canti*
merid.: *lazzu*, *fazzu*, *trezza*, *intrezzare* ecc.
I 251, 7, 21, 91 ecc. *Plazati* accanto a
piacciono e a *chiaci* parrebbe forma più
letteraria; — con *d*: *jorno* 23, *veioti* 3,
che si riscontrano spesso in R 118, 127 ecc.
e in saggi antichi e moderni (cfr. *vejo*,
juorno, *Hist. rom.* 253, 497, *juurnu*, *poju*,
Cron. Aquil. 597, 599; *juorno*, *oje*, *appo-
jarsi*, *Canti mer.* I 5, 144, 156 ecc.); —
con *g* *assai*, *prai* 19 (cfr. s. *g*); — con *b*,
v. s. verbi *avere* e *dovere*; — con *p*, v.
s. verbo *sapere*.

CONSONANTI. — *l* in *n*: *garofani* 18;
in *r*: *ogostari* (augustales) 5; — *pl* intatto:
plazati 27, *arcomplini* 27, 29, 31, forme
frequentissime in R: *plazere* 22, *plui* 23, *planti*
51 ecc.; ma *pr* in *prai* 19 (cfr. prov. *playa*),
e *chi*:- *chiu* 12, *chiaci* 16, forme vol-
gari di raro uso nei poeti. Qui pure *schian-
tora* 9 per **piantora?* — *bl* intatto in
blestienato 12, come in R: *blasmare* 4,
blonda 63 ecc.; — *gl* in *gr*: *groria* 16,
forma volgare.

n in *r* nel gruppo *nm*: *arna* 21, 29,
39: forma prov. e merid. ancora in uso a
Bari (*arni*, *Cant. mer.* I 29); — *ns* intatto
in *difensa* 5, voce non popolare.

r in *d*: *prada* 19, forma comune; ca-
duta in *dereto* 25 (tosc. *dreto* o *d'etro*);
metat. in *impretare* 25.

t intatto: *bolontate*, *caritate*, *sutilitate*

1, 31, forme merid. rimaste nella poesia
in luogo delle toscane in *-ade* (*Idiom.*
letter. p. 34) e però continue in R: *ami-
state*, *vertute* pss. come anche *spata* 28,
a grato 63 (tosc. *spada*, *a grado*); — in
d: *imperadore* 5, come spesso in R: *ama-
dore* 15, *servidore* 49, *cantadore* 60 ecc.
forme contrarie alle tendenze merid. e do-
vute principalmente a influenza provenzale
(*Id. letter.* p. 35); — *tr* in *dr*: *padreto*
5; dileguo del *t*: *paremo*, *mare* 4, 14.

d dileguato: *airato* 12, e finale: *mer-
zè* 32, *mo'* modo 30, forme comuni; —
dj v. s. *j*; — *nd* intatto nell'enclit. *'nde*:
nonde 18, *gironde* 18, *'nd 'ai* 19, forme
merid. (cfr. *Canti mer.*: *'ndi* I 5, *'nde* I
53, *sse 'nde a bac* se ne va II 13) e fre-
quente in R: *rivonde* 139, *nonde* 415, *onde*
honne 515, *m'inde* me ne 521 ecc.; ecce-
zione fa *lassone* 27 forse alteraz. del co-
pista; in altre voci *nd* in *nn*: *artonniti*,
arenneti, *rennomi*, *quanno*, *canno*, *premi*
3, 11, 9, 23, 29, *monno*, *corenno*, *profonno*,
granne, *adomanumi*, *comannamente*, *in-
cianno*, *difonno* 2, 24, 8, 12, 14, 32; ma
quando 3. Siffatta assimilaz. comune ai
dial. merid. ed agli umbro-romani, è rara
in R (*racomanno* 142) ma più frequente
in altri codici di rime antiche.

s reso per *z*: *penzando* 1, 19, 15, e
così *ss*: *pozo*, *pozono* 5, 27, *percazala* (dal
prov. *perassar*) 7.

c in *g*: *arigolgaro* 4; in *z* dav. *e*:
merzè 32, *pulzelle* 1, frequente in R: *mer-
zè*, *merzede*, *dolze* pss., *ausider* 442 ecc.

qu: *quanno* 9, *quando* 3, accanto al più
volg. *canno* 23.

g in *j*: *iardino* 17, *iente* 21, 23, 14
(ma *giente* 20); *c* per *g* ital. in *macara* 20,
forse più prossimo all'etimo. (Cfr. *Hist.*
rom.: *iente* 251, *eleiere* 251, *paiese* 253,
reiere 283 ecc.)

j intatto: *iuroti* 31, *iurimi*, *iura*, *iura-
stimi* 24, 30, 32, *Juda* 24, *instizieri* 18,
itomi (per *jitomi*) 24, e dopo con-on.: *per-
iura* 31, *aiunga*, *aiunta* 3, 46, forme me-
rid. (cfr. *majure*, *joyne*, *Hist. rom.* 263, 327,
joyane Monald. 531, *justra* giostra. *Cron.*
Aquil. 632 ecc.; e nei *Canti mer.*: *jocare*
I 51, *joyne* I 127 ecc.) non ignote in R:

peio 34, 451, *maiore* 419, 462, *maio* 427 ecc.; — in *g*: *giungere*, *giungeti* 19, 25, *giliti* 25, *Giudero* 26, *gironde*, *gimo* 18, 32 (da *jire*) che è probabilm. ortografia del copista.

p in *b*: *saboro* 26 (prov. *sabor?*); in *v*: *cavelli* 3, 2; dav. a *r*: *sorra* 31.

b intatto: *parabole*, 7, 8, 16, 26 accanto a *parole* 19 (cfr. *paravole*, *Hist. Rom.* 287, 407, *parabule*, *Cr. Aquil.* 634), *abere* 2, 18 accanto ad *avere* 5, 2, 6, 24; *cabakeri* 18; qui pure *trobareti* 25, *trabalgliti* 2; forme merid.; — *b* preposto in *boimè* 12, come in *R*: *boi ohi!* 18.

v in *b*: *bolontate* 1 acc a *volunteri* 11; *bale*, *bolla* 15, *boglio* 4, 13, come in *R*: *bole* 422, *bocie* 440 ecc. (cfr. *bacca*, *butu*, *bidande* vivande ecc. *Cr. Aquil.* 571, 623, 663 ecc.)

FORME. — Quanto ai nomi da notare: *dia* 1, 9 al femm. comune in *R*; i plur. neutri in *e* come femm.: *le vangiele* (v. sopra), *le commannamente*, come in *R*: *este tormento* 17; — forme come *fochora* 1, *schiantora* comuni (*fochora*, *colpora*, *Cron. Aquil.* 543, 546); — nomi tratti dal nomin: *sore*, *frate*, ancor vive nel mezzogiorno; *traito*, *traita* 21, 24 per *traïto* traditor, trasposto l'accento per la rima (*traïto* in Guittone).

Nei pronomi la maggiore mescolanza: *esto* pss. accanto a *questo* 5, 4, ed a *quisso*, *chissa* 'eccu' ipsum 27, 16, 28. Intorno a *mere* ecc. ed alle enclitiche v. sopra.

Le forme verbali hanno ancora maggiore incertezza.

Nella flessione person. notevole *e* per *i*; — cond. 1.^a: *fosse* 17, 21, *pentesse* 8, come spesso *R*: *io temesse*, *partisse*, *morisse* ecc.; 2.^a pers.: *tu fosse* 16, *tu cadesse* 20, e con enclit.: *dolesseti* 20, *donussemi* 6, *anegaseti* 25; — la 2.^a pers. pres. con enclit.: *arenneti* 11, *faciemi* 28, *perdedi* 26, accanto a *donimi*, *levimi*, *arcomplimi* 3, 21, 27; — 1.^a pers. perf.: *prese* 13, come *R*: *io trasse* 402, *io tenne* 396 (ma sempre per la rima); — la 2.^a perf. con enclit.: *conciepistemì* 12, acc. a *iurastimi* 32, *'namorastiti* 24 (cfr. *Ossercaz sul Voc. ital.* p. 22).

I tempi hanno di notevole la doppia

forma del condizionale e del futuro. La prima forma del condiz. è quella colla comune composizione con *ia* che in qualche dialetto suona ancora per *avia*. A Lecce cantano; " *ca ieu nu core c'ia lu dicsi a lei* " (*Canti mer.* I 325); e così separato è ancora usato per formare il condizionale: " *Lu cuscini de lagreme bagnai — Crendendu ca nu t'ia bidere* (vedria) *poi* " (*Cant. mer.* I 309), quindi *cadaria*, *poteria* 10, 26, *andaria* 21, forme della comune lingua poetica, benchè estranee al toscano (*Idiomi letter.* p. 34, 47). L'altra forma è quella derivata dal piucche=perfetto latino, di cui v. più sopra. Il futuro ha pure due forme, l'una sintetica: *farò* 14, *troverai* 12, e l'altra analitica, cioè col presente dell'ausiliario preposto e separato:

Parente ned amico non t'ave aiutare (= aiuterà) 22;

Con teco m' aio agiungere (= m'aggiungerò) a peccare 25;

A rimembrare t' a' (= ti rimembrerai) este parole 19;

e così in *R*:

Per la sua gran bontate

Non m' à lasciar (= mi lascerà) perire (415).

Siffatte forme analitiche sono ancora in uso nei dial. merid. Così nei *Canti mer.*:

— Jen mercante de panni mm'aggiu fare (faraggiu). n 248;

— T'aggiu benire (beniraggiu) 'nsonnu lucremandu. n 204;

— Ma quandu passi tie, aggiu 'ritare (gritaraggiu). n 11.

Nei participii: *mise* 9 e *messe* 10; *consola* per *consolata* 21; *feruto* 23, forma merid. rimasta molto tempo nella poesia (*Id. letter.* p. 34).

Verbi ausiliarii: — ESSERE dà: *sono* 7, 9, 19, 6, *se* 23, 22, 26. *este* 1, 12, 18 come spesso in *R* (*esti* nei *Cant. mer.* I 248) e in scritture toscane, ed è 19, 12, 32; *sia* 24; *era* 31; *postì* 9; — AVERE dà: *aio* o *ai* 1, 13, 15, 17, 19; *ào* 12, 32, *ò* 15 (cfr. *farò* 14); *a' hai* 9, 19, 21, 27; *a ha* 5, 7, 6 e *ave* 22, 30, (come in *R*: *aio* 2, *ào* 425, *ave* 4, 12 ecc.); *abero* 18 (come *R*: *abe* 458 cfr. *habe*, *habbero*, *Hist. rom.* 263, 271, *habero*, *Cr. Aquil.* 542, *abbe*, *avve*, *Cron. perug.* I

151, II 585 e così in Guittone; v. *Di un ant. monum.* ecc. p. 8; e nei *Canti mer.*: *appe* II 20, *appina* I, 131 ecc.)

Verbi irregolari: — STARE dà: *stào* 11, *istomi* 16; *stao* (3.^a p.^a) e *sta* 31 (nei *Canti mer.*: *stau* I 243, *stau* I 85, *stavo* II 56 ecc.); — SAPERE dà: *saccio* 27, *sazo* 28, 30 e *so* 26; *sappe* 4 (forse alterato per *sappe*); — FARE dà: *facioli* 14, *faciemi* (2.^a p.^a) 28, *fàralo* 11, *fà* 23, 2, e *fallo* 27; — POTERE dà: *poso* 27, *puoi* 21, 27, 30 e *poi* 15, *può* 7, *potesi* 29, 30, *pozano* 15, *pottero* 18, forme tutte comuni in *R*; — DOVERE dà: *deboci* 17, forma toscana.

Da notare iatine: — *quaci* 17, 16 (eccu' hac. come *quinci*, *lici* ecc.); — *avanti* "piutosto" v. sopra; — *tuttora* "sempre" v. sopra; — *a* nel senso del lat. *ad* per "a fine di": *a semenare* 2, *ad impretare* 25, *a peccare* 25, *ad abattare* 12.

VOCABOLARIO. — Anche il vocabolario presenta la stessa mescolanza, cioè: 1.^o Voci ed espressioni della comune lingua poetica: *cortese*, *fina*, *tapina*, *madonna*, *dea*, *sorrana*, *sire*, *folia*, *sollazzo*, *diporto*, *merzè*, *aver in bulia* ecc. 2.^o Voci più speciali del Mezzogiorno o della lingua volgare: *scalfare*, *manganiello*, *schiantora*, *abento*, *macara*, *partuta* "partenza", ed espressioni come: *tagliar le trezze*, *aritonnersi*, *avennersi* per "ritirarsi dal mondo"; *bello m' soscio*, *star in suttilitate* ecc. 3.^o Parole francesi: *atalenti* 4 (*atalenter*), *amonesta* 7 (*amonester*), *percasala* 7 (prov. *percassar*), *pantasa* 21 (*panteiser*, prov. *pantaysar*), *disdutto* 26 (*desdud*), *sanza fuglia* 28 (*sans fuille*), *sire* 32 (*sire*), oltre alle forme già ricordate: *cleri* 11 (*cl'er*), *freri* 11 (*frere*), *mon peri* 14 (*mon pere*), *mosteri* 11, 14, 30 (*must'er*, *most'ier*), *gueri* 8 (*gueres*), e alle espressioni *notte e dia*, *sera e mattino*, di cui v. sopra.

Ancora è da notare in Ciullo la combinazione convenzionale di certe rime che in lui come nei poeti del tenapo portava il ritorno di certe associazioni d'idee. P. es:

Se destinata fossoti, caderia del'alteze
Che male messe forano in tevenite belleze (x. 1, 2)

come Compagnetto:

Madonna a vostre belleze
Non era ardito intendre;
Non credea che vostre alteze
Ver me degnassero iscendre (Ant. R. 482)

ed altro poeta:

Chè nessuna pare
Di beleze
Nè d'alteze
Null'omo pò trovare (Tb. 162)

e così nota la frequente combinazione *inciendo* — *arrendo* — *difendo* (R. 882, 391. Cfr. pure Valeriani, *Po. pr. sec.* II 65).

L'esame della forma conferma dunque quello che ho detto del carattere letterario del *Contrasto*. Come questo è opera d'un poeta di corte che cerca imitare un genere popolare, così la sua lingua ha le frasi, le rime, e le espressioni dei poeti cortigiani miste a frasi e parole volgari; e poichè il modello che imitava era francese così egli si lasciò andare fino ad accogliere parole del tutto francesi. Come spiegare con altra ipotesi la mescolanza di tre forme diverse per uno stesso vocabolo, come: *padre*, *pare*, *peri*, — *ào*, *aio*, *ò* — *plazati*, *piacciono*, *chiaci* ecc.? Secondo il D'Ancona i copisti avrebbero alterato la forma originariamente sicula delle voci. Ma o il copista era toscano, e donde vennero le forme pugliesi, o era pugliese e donde vennero le forme sicule e toscane? Per me la mescolanza proviene parte dalle stesse cause da cui proviene la mescolanza d'ogni lingua poetica ed anche della nostra (v. *Della form. degli id. lett.* p. 26 segg.), e parte dall'aver Ciullo cercato di accostarsi alla lingua volgare. Talvolta infatti egli mette in bocca alla villana forme più corrotte e a sè forme più letterarie, come per far saltare la differenza. La donna dice *chiaci* ed egli *plazati* (cfr. prov. *plassu*); la donna *pare* ed egli *padre*, la donna *sazo* ed egli *saccio*. Non sempre però egli è fedele a questa regola, poichè il bisogno della rima o del metro lo conduce all'inverisimiglianza di far pronunciare anche alla donna parole francesi. Per la rima egli ha scritto *peri*, *freri*, *gueri*, *amonesta* in luogo di *ammoneisce*, o per la maggior brevità ha prefe-

rito *mosteri* a *monasteri*. Siffatta mescolanza non si spiega che per un proposito deliberato e colle traduzioni della scuola, e il copista non potè che mutare lievemente l'ortografia di qualche voce, o modificare la desinenza sicula di alcune forme che egli trovava dissonanti dal resto, ma non mai alterare il fondo della lingua del Contrasto che è principalmente pugliese.

Un'ultima osservazione. Il prof. Musafia (*Jahrbuch*, I 122 segg.) vide nella ripetizione delle cadenze delle strofe 2, 24, 30, che egli riguarda come ripetizioni a imitazione del ritornello (*refrainartige Wiederholungen*), una prova di più della natura popolare del Contrasto. Al che è da osservare anzitutto che se anche avessimo in Ciullo il ritornello, non sarebbe argomento di popolarità, poichè il poeta ne trovava già numerosi esempi ne' suoi modelli francesi. Infatti alcuni di quei poeti che, come ho cercato di mostrare, imitano le romanze francesi si negli argomenti che nelle forme, hanno cercato di riprodurre anche il ritornello. Una romanza di Giacomino Pugliese ha per ritornello la parola "Amore" (*Rime volg.* p. 392), e Rinaldo d'Aquino ripete due volte a forma di ritornello i versi:

Oi alta potestade
Temuta e dottata
Il dolce mi 'amore
Ti sia raccomandata.
(*Rime*, p. 90)

Ma in Ciullo le ripetizioni si notano non solo pei versi finali, ma anche per i mediani e per i primi delle strofe, e i versi non sono quasi mai integralmente ripetuti, ma più o meno modificati e mutati, ciò che farebbe piuttosto credere ad uno sforzo

del poeta per prolungare e protrarre il Contrasto oltre a quello che gli permettevano le risorse della sua fantasia, tanto più che in alcuni casi la ripetizione è limitata alla prima o alla seconda parte del verso. Ecco i versi interamente o in parte ripetuti, o imitati:

Avere me non poterìa esto monno
Avanti li cavelli m'aritonno (II, 4 e 5)
Avere me non poterìa esto monno
Avanti in mare itomi al profonno (xxiv, 4 e 5)
Avere me non puoi in tua podesta
Inanti prenni e tagliami la testa (xxx, 4 e 5)
Se tanto aver donassemì, quanto à lo Soldano
E per aiunta quant'à lo Soldano
Tocareme non poterìa la mano (vi, 3, 4, 5)
Non ti dengnara porgiere la mano
Per quanto avere à 'l Papa e lo Soldano (xx, 4 e 5)
Arcompli mi' talento, amica bella,
Chè l'arma colo core mi s'infella (xxxix, 4 e 5)
Arcompli mi' talento in caritate
Chè l'arma me ne sta in sutilitate (xxxI, 4 e 5)
Inanti prenni e scannami: tolli esto cortel novo
(xxxix, 2)
Inanti prenni, e tagliami la testa (xxx, 5)
Di ciò che dici, vitama, neiente non ti bale (xv, 1)
Per zò che dici, carama, ne ente non mi movo
(xxxix, 1)
Se tu no' levi, e vatine cola maledizione (xxii, 1)
Se tu no levi e vatine di quaci (xvi, 4)
Intendi, bella, questo ti dico eo? (v, 5)
Intendi bene ciò che bolglio dire (xviii, 4)
..... avanti foss'io morto (iii, 1)
..... davanti foss'io aueisa (vii, 1).
Per te non aio abento notte e dia (I, 4)
L'arma di e notte pantasa (xxi, 2)

e questo secondo verso va confrontato con quello di Guil. Ademar:

" la nueg entre sous *pantoyssa*
mos cors. "
(*Mabu. Ged.* n. 907).

PERIODICI.

ROMANIA III, 3. — P. 331. L. Havet, *Oi et vi en français*. — 339. A. Mussafia, *Berta de li gran pié*, testo franco-veneziano tratto dal Cod. XIII della Marciana di Venezia. — 335. V. Smith, *Chants du Velay et du Forez*. — 371. *Mélanges*: P. M. *Sur les Serments de 842*. Contesta allo Storm che *savir* e *podir* fossero pronunziati *savér* e *podér*, ed invece di quella ipotesi per spiegare tali forme propone quest'altra assai più fondata, " qui voit dans nos deux infinitifs en *-ir* un effet de l'empietement, constaté par tant d'exemples, de la 4^e conjugaison latine sur la 2^e. " Contesta altresì la derivazione di *dist* da *debet*, vedendo piuttosto in esso " la représentation très-probablement fautive de *debet*. " — G. P. *Un fragment de Renart*, trovato in un foglio di pergamena del secolo XIII che serviva di coperta ad un libro della Bibl. reale di Bruxelles. — J. Cornu, *Admoestare, Male habitus*, etimologie. — 379. *Riviste*: A. Darmesteter, *Du C dans les langues romanes* par Ch. Joret; G. P. *Ueber das Metrum der Chanson de Roland*

von F. Hill. P. M. *Œuvres complètes de Rutebeuf* p. p. A. Jubinal; G. P. *Jean Sire de Joinville*, texte original accomp. d'une trad. per N. De Wailly; A. M. Fatio, *Zur Katharinenlegende* von prof. A. Mussafia; *Cancioneiro de Stuniga*; G. P. *Fiabe popolari veneziane* raccolte da D. Bernoni. — 419. *Periodici*. — 432. *Cronaca*.

— III, 4. — P. 433. P. Meyer, *Étude sur une charte landaise de 1268 ou 1269*. — 443. A. Darmesteter, *Deux éloges du Vatican*. Sono una in francese e l'altra in ebraico, ma scritte ambedue in caratteri ebraici, e relative al supplizio di 13 ebrei arsi a Troyes nel 1288. — 487. N. De Wailly, *Lettre à M. Gaston Paris sur le texte de Joinville*. — 494. *Riviste*: G. P. *Ueber die Beziehungen der Ortnit zu Huon de Bordeaux*, von D. F. Lindner; *Il Contrasto di Ciullo d'Alcamo* per A. D'Ancona; *Ein altladinisches Gedicht in Oberengadiner Mundart*, von A. Rochat; *Chansons hébraïco-provençales des Juifs Contadins* per E. Sabatier. — 499. *Periodici*. — 506. *Cronaca*.

NOTIZIE

Vedasi in fine del fascicolo seguente.

SAGGIO DI CANTI POPOLARI

RACCOLTI A PONTELAGOSCURO

(Provincia di Ferrara, a. 1875.)

PREFAZIONE

Gli spregiati canti del popolo sopravvivono alle splendide ma fugaci armonie dell' arte; perchè, mentre queste sono talora figlie di stanco e tormentato estro poetico individuale, quelli sorgono dal cuore di intere generazioni ed al cuore di altre generazioni parleranno. Sono i canti della verità e dell' affetto; in ciò sta il segreto della loro esistenza: possono passare con questo passaporto di nazione in nazione alla chetichella e senza visita di doganieri, trasformarsi insieme alla lingua od al dialetto: essi novelli Protei sfuggono alle regole della grammatica, ed al computo del tempo, l' ala del quale non li potrà spazzare giammai. I soggetti dei canti che vengono ora alla luce non mi giunsero nuovi, quand' io pensai di fare la presente raccolta. I canti monferrini, uditi da me nei primi anni di mia vita, colle loro arie calme e malinconiche, coi loro ritornelli, colle loro cadenze ed esclamazioni prolungate, mi rimarranno in mente finchè avrò vita. Essi ricordanmi dovunque il paesello natio, le primavere passate fra i colli fioriti, le poetiche notti estive, le feste della vendemmia, le veglie dell' inverno e tutto il cumulo degl' affetti che mal si possono esprimere allorchè si parla della patria. Quindi non appena dall' immensa distesa dei campi mi giunse all' orecchio un canto, e poi un altro, ed un terzo, sentii come il Giusti dice, la dolcezza amara di quei canti, simili a quelli che io da fanciullo aveva udito, e come quelle del Monferrato volli pure raccogliere queste poesie popolari Emiliane.

La gran valle del Pò, dal Monviso fino dove egli discende

Per aver pace coi seguaci sui,

presenta una comunanza di popolari canzoni molto maggiore che non

il resto del continente e delle isole d'Italia. Dove, non mancano come taluno disse, le ballate liriche, ma pure vi sono in minor numero, come albero che verso la cima digrada nella grossezza del tronco e dei rami. Nè è ciò senza ragione. In questa gran valle cadde primieramente il feudalismo e sorsero le possenti repubbliche interne, i cui porti furono Venezia e Genova; in questa valle ebbero culla le due leghe lombarde; ivi fu data la battaglia di Legnano, ivi fondata Alessandria. Un centro politico suppone comunicazioni e trasmissioni vicendevoli di idee, di affetti, di speranze, di tradizioni che esistettero e si mantennero fino ai dì nostri. Capitali di questa parte della penisola furono ora Milano, ora Venezia, e per qualche tempo anche Bologna, ma dopo il 1500 tutte le città furono uguali, salvo Venezia, nella servitù. Il Regno di Napoli colla Sicilia e colla Sardegna costituì sempre un centro separato dall'Italia Superiore: Greci, Normanni, Arabi, Angioini, Aragonesi vi dominarono impedendo il nascere delle repubbliche: relativamente ivi era la pace, mentre le ire bollivano nella Italia Superiore; ma la pace inerte dell'inverno, che se non uccide i germi delle piante, impedisce però che essi sbuccino in fiori e producano frutti. Caduto l'Impero Romano, Roma non fu più la capitale d'Italia, non ebbe, trattine alcuni rapidi intervalli, libertà di Comune o di Repubblica, non vita industriale o commerciale. I papi che osservarono la potenza delle sue memorie sul mondo intero, colla religione le conservarono quel primato che avea da gran tempo perduto, ma più che all'Italia, Roma apparteneva alla chiesa; era città neutrale, dove l'unico potere era quello del papa capo della Cristianità.

La comunanza delle tradizioni tra le provincie che sono tra l'Alpi e le due rive del Po, era facilitata anche dai dialetti parlati in questi luoghi, e molto tra loro più vicini, che colla favella della parte meridionale della penisola. Infatti talora tra i canti emiliani e i monferrini v'ha perfino somiglianza nell'aria, senza contare versi e strofe perfettamente uguali. E tanto più questa somiglianza è da notare inquantochè questi canti furono raccolti a Pontelagoscuro, sulla destra del Po, luogo di passaggio sul territorio già Veneto, all'ultimo confine dell'Emilia. Ferrara non ha un dialetto spiccato, diverso da quello delle città vicine, perchè è quasi nel punto dove il Veneto, la Romagna, e la provincia di Bologna si congiungono: e come mal si può precisare il colore del papiro che brucia,

Che non è nero ancora e il bianco muore,

così male si potrebbe segnare il punto dove l'un dialetto comincia e l'altro finisce. Anche la lingua ufficiale nelle gride, nelle leggi dei Duchii di Ferrara, fino ai tempi dell'Ariosto, era un misto di parole latine e venete; e solo si fece alquanto migliore durante l'ultima

parte del secolo XVI per essere Ferrara diventata, come Urbino e Firenze, il ritrovo dei dotti e dei letterati.

Tre sono i generi di poesie, che fra le raccolte a Pontelagoscuro, si sono osservati. La ballata, chiamata qui *Canta*, plur. *Cante*; la preghiera detta con vocabolo usato anche in Provenza (oureson) *Orazione*; lo stornello o strambotto, chiamato *Romanella*. Ho notato che qui, come in Monferrato e nelle Marche, lo strambotto, o canto d'amore, nella lingua si accosta più delle altre poesie, alla favella nazionale. Le contadine, mentre sono intente ai lavori campestri, si sfidano tra loro a chi sa cantare più Romanelle, come sogliono fare pure in Toscana, e solevano fare i pastori di Teocrito e di Virgilio. La cantatrice che per la prima tace, ha le beffe della brigata e le rimbeccate dell'emula. Ecco per es. l'invito alla sfida e il rimbecco.

Chi vol cantar cun mi le Romanelle
 Che ghi darò le botte riservate?
 A ghi darò le botte riservate
 Del matt e del cojon fin che volete.
 E mi dir Romanelle na so na quarta,
 E 'ti, cojona, scolta st'altra.
 E mi dir Romanelle na so na sesta,
 E ti, me cojon, scolta ancor questa.

Come si vede in Virgilio, Egloga 3^a:

Vis, ergo inter nos, quid possit uterque vicissim
 Experiamur?

E prima:

Non tu in triviis, indocte solebas
 Stridenti miserum stipula disperdere Carmen?

E si cantava a botta e risposta come si usa anche ora. (Alternis dicetis, amant alterna Camenae).

Le poesie religiose, od orazioni, sono nel soggetto e nella forma simili a quelle cantate nelle Marche ed in altre parti dello Stato ex-Pontificio.

Di là dal Po, Scipione Righi, Angelo Dal Medico, Giuseppe Bernoni, A. Wolf hanno raccolto molte ballate, che hanno relazione coi canti Monferrini già da me editi nel 1870. V'era dubbio se anche nell'Emilia queste ballate esistessero o fossero conosciute. Noi ne abbiamo ora la certezza; esse come eco che di rupe in rupe ripete la sua voce, dai verdi e vitiferi colli Monferrini, scesero al basso Po, si confusero colle argute e briose loro consorelle. Qualunque sia il merito di questa raccolta, io faccio voti che esso possa essere utile in qualche modo agli studiosi della nostra storia e della poesia popolare.

Ferrara 30 Ottobre 1875.

Prof. GIUSEPPE FERRARO

I. LA DONNA LOMBARDA.

Vedi *Canti popolari Monf.* pag. 1. — Gianandrea, pag. 273.

- * Amami mi, dona Lombarda, amami mi. —
 — * Coma votto mo mai che fassa,
 * Mi a gho al mari, a gho al mari. —
 4 — * Taja la testa di quel serpento,
 * Tajala ben, tajala ben,
 * E poi metila nel caratelo,
 * Mo dal vin bon, mo dal vin bon. —
 8 — * Va trar dal vin, dona Lombarda,
 * Che gho gran sed, che gho gran sed,
 * Trane dal bon, trane dal bon. —
 Un fanciulino di sette mesi,
 12 Al ghi parlò, al ghi parlò:
 — * Non staga bevar, signor mio padre,
 * Ch' al murirà, ch' al murirà. —
 — * Bevilo ti, dona Lombarda,
 16 * Bevilo ti, bevilo ti. —
 — * Coma votto mo mai che fassa,
 * Che n' ho gran sed, che n' ho gran sed? —
 — * Sol per amore di questa spada,
 20 * Tu l' bevarà, tu l' bevarà. —
 — * Sol per amore dal Re di Francia,
 * Mi l' bevarò, poi murirò.

II. CONTE CAGNOLINO — (AGNOLINO).

Vedi *Canti popolari Monf.* — pag. 34.

— Questo canto è insieme canto e rappresentazione. Il Conte Cagnolino si voleva ammogliare, ma non voleva che la sua futura sposa avesse fatto l'amore con qualcun altro prima. Nel suo giardino aveva una statua di marino, la quale moveva gli occhi quando le si presentavano dinanzi ragazze che avessero fatto all'amore. Infatti il Capitano Tartaglia avendo offerto sua figlia al Conte Cagnolino, costei colle compagne diceva:

Quando verrà quel fortunato giorno
 Che me ne potrò star sopra quel soglio
 E possa dir, posso, comando e voglio?

ma condotta davanti la statua è dichiarata una civetta, ed il Conte Cagnolino sposa la figlia del Dottor Ballanzone, che è approvata dalla Statua. Il Capitano Tartaglia, giura la morte del Conte Cagnolino, e lo uccide in una caccia, quindi succede il seguente dialogo fra suocera e nuora:

- * O mama, la miè mama,
 * Cos' hal al servitor cho pianze tanto? —
 — * Norina che s' più che me fijola,
 4 * Al pianz, che ha perso al so caval spagnardo. —
 — * Mama, la miè mama,
 * Quando me mena a messa? —
 — * Norina che s' più che me fijola,

- 8 " Vi menarò la zobia di San Marco. —
 — " Anca di questo poco me ne curo,
 " Che al Conte Cagnolin, ben m'è sicuro. —
 — " Nonina che s'è più che la mia mama,
 12 " Cos' ha quei oci che eu tanto pianzenti? —
 — " Norina che s'è più che me fijola,
 " L'è stat al fum ch'è nela cusina. —
 — " Nonina che s'è più che la mia mama,
 16 " Quai abit mi gho mai da metar! —
 — " Norina che s'è più che me fijola,
 " Con quel negher vu pari pur bona. —
 — " Nonina ch'è s'è più che la mia mama,
 20 " Cos' ha la zent che tutti tanto am guarda? —
 — " Norina che s'è più che me fijola,
 " Av guarda perchè vu s'è mo levada. —
 — " Nonina che s'è più che la mia mama,
 24 " Cos' ha quell'arca ch'è verta de fresco? —
 — " Oh questo po v'lo devo ben dire,
 " Conte Cagnolin l'ho fatt sepelire. —
 — " Nonina che s'è più che la mia mama,
 28 " Al me putin, a vu lo raccomando.
 " Con de la carta felo un Dottor,
 " Con di pagn felo un Professor,
 " E mi andarò col mio amor.
 32 " Da zà che lu l'è mort l'è fatto al mio destino.
 " Me ne vojo andar dal Coate Cagnolino.

III. LAURA.

Vedi *Canti Monf.* pag. 3-35.

- | | |
|--|---|
| <p>• Cosa fat chi, Nadal,
 " Cosa fat chi, Nadal,
 " Per queste miè cuntrà,
 4 " Tina nena, tina nà? —
 — " Son gnii tor la Laura
 " Si mla vli vu dar,
 " Tina nena, tina nà
 8 " Si mla vli dar. —
 — " La Laura l'è trop zovena,
 " Nun è da maridar,
 " Nun ha brisa l'età.
 12 " Nun è da maridar.
 " Agnirì da qui sett agn,
 " Da qui sett agn e un po,
 " Tina nena, tina no
 16 " La Laura v'la darò. —
 Gnudi son zà sett agn,
 Gnudi son zà sett agn,
 Tina nena, tina nà
 20 Nadal as trova là.
 Dess — " son gnii tor la Laura,</p> | <p>" Si mla vli vu dar. —
 — " Si gnu trop tard, Nadale.
 24 " La Laura l'è andà viè. —
 — " No, no, al me car Nadale,
 " Mi son ancora qui,
 " Non poss essar la toa
 28 " Ajer gho tolt mari. —
 Ciapà per la man bianca,
 Sul caval al l'ha tirà,
 Tina nena, tina nà
 32 Sul caval al l'ha tirà.
 Quand fu la meza strada,
 La Laura sospirò,
 Tina nena, tina nò
 36 Sospira d' un gran dolor.
 • Cosa suspirat Laura,
 " Cosa suspirat ti? —
 — " Suspir d' n'essar a casa,
 40 " Ti n' tiè brisa al me mari.
 " Imprestemi la to spada,
 " Imprestemi la to spa,</p> |
|--|---|

- | | | | |
|----|-----------------------------|----|----------------------------|
| | " La stringa del busto | 48 | Liè prest se tajo al col. |
| 44 | " Mi mla vòj tajar. | | Mai più non credo a donne, |
| | E lu prest ghi do la spada, | | Mai più agh credarò, |
| | E lè prest si taja al col, | | Tina nena, tina nò |
| | Tina nena, tina nò, | 52 | Mai più agh credarò. |

IV. TRE MARINAJ.

* Vedi *Canti pop. Monf.* pag. 17 e pag. 27. — I due canti si sono fusi in uno, da gran tempo pare, poichè il metro è sempre uniforme, il che non si scorge in altri consimili canti.

- | | | | |
|----|---------------------------------------|----|----------------------------------|
| | Tri marinar chi va per acqua. | | Salta su al so car fradello, |
| | I va per acqua e al siel seren. | | " O mama, degla, lasela andar, |
| 3 | Par ritrovar al so caro ben. | 18 | " Che l'è una zovena da maridar. |
| | Quand i fo a meza strada, | | Quando ghan 'vu mangià e bevuto, |
| | Tri marinar i se volta indrè, | | Tri marinar si na va viè, |
| 6 | " Duv' andem all' ustarie? — | 21 | La bela ostina ghe ten adrèe. |
| | — " Andareu dala bell' osta, | | Ma quand fo mezo dal mare, |
| | " La bell' osta chel cor a n' s diss, | | Una burrasca si se levò, |
| 9 | " L'è la più bela de sto paes. | 24 | La bela ostina si se negò. |
| | Tertant che l'osta la pareciava, | | " Nu a scrivren una lettrina, |
| | Tri marinar la rimirava, | | " A la casa dal so papà, |
| 12 | Tri marinar la rimirò. | 27 | " La bela ostina la s' è negà. |
| | " Cosa rimiri tri marinari? — | | Mo si campess quatarsent agn, |
| | — " La vostra fijola si mla vlf dar, | | Aviss na fiola da maridar |
| 15 | " Sol per amor mi la vòj sposar. | 30 | A un marinar la vuria brisa dar. |

V. LA SORELLA.

Vedi *Canti Monf.* pag. 54. — Gianandrea, pag. 280.

- | | | | |
|----|--------------------------------|----|-------------------------------|
| | " Cosa piangiv, fratello, | | — " Suldà chi va a la guera, |
| | " Cosa piangiv mai vu? | | " Nun si lava mai al so man, |
| | " Piangiv d'andar ala guera, | | " Si non d'una qualche volta, |
| 4 | " Ghandarò mi per vu. | 24 | " Nel sangue di cristian. — |
| | " Mi caverò la vesta, | | La fijola pensierosa, |
| | " M' vòj mettar i calson, | | Mandela int al zardin, |
| | " Poi munterò a cavallo, | | Si la sarà na dona |
| 8 | " A usanza di dragon. | 28 | As torrà un bel fiurin. — |
| | " Preparem un bon cavalo, | | — " Sulda' chi va a la guera, |
| | " Che sappia ben marciar, | | " Nun pija mai fiorin, |
| | " Una lanza e un bon cortello, | | " Si non d'una qualche volta |
| 12 | " Che mi possa assicurar. — | 32 | " Una lanza e un cortelin. — |
| | So padar a la finestra, | | La fijola pensierosa, |
| | So madar al balcon, | | Mnela cun vu a durmir, |
| | A rimirar so fijola, | | Si la sarà na dona, |
| 16 | A ghi pariva un dragon. | 36 | Sarà prima a svestiras. — |
| | La fijola pensierosa, | | — " Sulda' chi va a la guera, |
| | Mandela a tor dal pan, | | " S' deven brisa svestiras, |
| | Si la sarà na dona, | | " Ma far la sentinela, |
| 20 | S' vorrà lavarar al man. — | 40 | " Che n' gh' ariva i nemigh. |

VI. LA REGINA D'INGHILTERRA.

Vedi *Canti Monf.* pag. 20 e pag. 75. = *Gianandrea*, pag. 275.

- | | |
|---|---|
| <p>• Bon di bei, sappadur. (<i>bis</i>) —
 — " E ancora vu, bela fija —
 — " Am savrisi an poc lugaram
 " Che mo sun stà tradida? —
 — " Mi si vi lugarò. (<i>bis</i>)
 6 " Sota na rosa ben fiurida. —
 — " Bon di, bei sappadur. (<i>bis</i>) —
 — " Ancora lu, bei suldaria. —
 — " Savrisi vu ansignaram
 10 " Una fija che è stà tradida? —
 — " Nu si v' ansignaren. (<i>bis</i>)
 " La vostra sposa andiè via,
 " Sota na rosa ben fiurida.
 14 " E par amor agh lassarà la vita —
 Lu la ciamò du volt,
 La bela a n' ghi respondeva,
 A l'ha ciamada tri volt
 " Oimè che son tradida!
 " Tradida d'un vilan</p> | <p>20 " Vilan ch'al sel ghel diga —
 — " Nun son brisa un vilan,
 " Son fijol d' bona famija. —
 Lu la minò luntan,
 Luntan siugsent giurnadi,
 E la minò int un bosch
 26 Duv' an gh batteva sol nè luna.
 E là l'è stà sett agn,
 Senza vedar sol nè luna.
 An co de qui sett agn,
 Passa da là un boaro,
 Passa di là un boar.
 32 Boar dal Signor padar.
 " Cosa diren mai nu
 " Cosa diren, voi bela? —
 — " Boar o bel boar,
 " Stèe attent quel cha dirì:
 " Son fija d'un boar,
 38 " Regina d'Inghilterra.</p> |
|---|---|

VII. IL GIOVANE SOLDATO.

Vedi *Canti Monfer.* pag. 56.

- Fo un zovenin de darsett agn,
 S'è miss a suldà.
 Dop tri giorn che l'è sta via,
 4 Na lettra ghe rivà.
 — " Sur capitani, al cungee al me fassa,
 " Gho d' andar a cà,
 " Gho d' andà vedar la miè mrosa
 8 " Che è in letto amalà. —
 — " Ben vulentier al cungee a tal daria
 " D' andartene a cà,
 " Basta chi t' faghi la strà an cumpagnia
 12 " Cun di altar suldà. —
 Quandi l'è sta rentà al castello,
 Sentiva sunar
 " Questo l'è al son dla miè cara mrosa,
 16 " Sun drèe a purtar. —
 — " Fermite là, o ti. la purtantina
 " Reposet un po.
 " Ghi dagh un basin a la miè mrosa,
 20 " E po mua andarò.
 " Parla, parla bochetta dora,
 " Respondam un po. —

- " Ma cossa vot, se liè l'è morta
 24 " Parlarat non pol. —
 — Nun m' despiass brisa de li soe belleze
 " Gnent più la gha.
 — Me despiass de li soe parole
 28 " La fa anamurar.
 " Ma me despiass dla so pora vecia,
 " La gho bandunà.
 " V' saludi padar e madar,
 " Amigh e parent.
 " S' hess truà la miè mrosa,
 " Sariss più content.

VIII. LA BRUNETTA.

Vedi *Canti popolari Monf.* pag. 66. — Gianandrea, pag. 270.

- Indua vati, bela bruneta,
 " Solin soletta ti da per te? —
 — " Mi mna vagh ala funtanela,
 4 " A tor su acqua da cusinar. —
 — " Sent bei scud d'or mi at daria,
 " Sol per na noce durmir con ti. —
 — " Al vòj dmandaral ala miè mama,
 8 " Se liè s' cuntenta, mi venirò. —
 — " Va pur là, miè cara fijola,
 " Vat a guadagna di bei dinar.
 " Nu ghi daren d'una bevanda,
 12 " Tuta la noce lu al-durmirà.
 " A ghi daren d'un erba fina,
 " Anca dmatina lu al durmirà. —
 — " Ch'al staga su, bel cavaliero,
 16 " Che dop la noce mo l'è gnu di,
 " Am dev cuntaram sent scud d'oro.
 " Qui bei sent scud ch' am dev a mi. —
 Con una mano ghi da i dinari
 20 E con quell'altra si strussia i occ.
 — " O cosa pianzal, sior cavaliero,
 " Pianzal de daram li mei dinar? —
 Nun pianz zà li miei dinari,
 24 " Ma pianz la noce che ghò passà,
 " Altri sent scud mi tin donaria,
 " Un'altra noce a durmir con mi. —
 — " Al vòj dmandarghal ala miè mama
 28 " Se l'è cuntenta mi venirò. —
 " — Brisa cunsigli da la to madar,
 " L'è cla birbona che m'ingannò. —
 " — Brisa durmir con lu mi voria,
 32 " Con dusent scud sola durmirò.

IX. FRANCESCA.

Vedi *Canti pop. Monf.* pag. 49. — Vedi *Gianandrea* pag. 274.

- | | |
|--|---|
| <p>Tira un arietta fresca,
 Su la riva del mar;
 La sora Franzesca</p> <p>4 La cmena a navigar.
 Nel navigar chi feva,
 L'anel a ghi cascò.</p> <p>8 Vete la luna e al sol,
 Alzò li occ al siel,
 Vete d'un pescator.</p> <p>* Pescaduriu chi pesca.</p> <p>12 * Agni pescar più in zà,
 * Agni pescar l'anello
 * Ant al mare a mi cascò —
 — * Nun vòj pescar anello,</p> | <p>16 * Se non son ben pagà. —
 — * Te darò sent scud d'oro,
 * Na borsa ricamà. —
 — Nun vòj nè arzent nè oro</p> <p>20 * Nè borsa ricamà,
 * Solo un basin d'amore,
 * Da ti sarà pagà. —
 — * Cosa diran la zent</p> <p>24 * Quand a siron basà? —
 — * Nu a s' basren di nocc
 * Nisun si vedarà.
 * Si vedarà le stele</p> <p>28 * Le stele a n s' ghal dirà,
 * Altar che la luna e al sole
 * Splendore si farà.</p> |
|--|---|

X. BEL MULINARO.

- * Bel mulinar, bel mulinar
 * Quand spuset la me fijola? —
 — * La spusirò, la spusirò.
- 4 * In su l'andial dal miè mulin. —
 — * E mi ghaveva intès,
 * Int una ciesa fina. —
 — * Mulinar, bel mulinar,
- 8 * Su, degh l'anell a la me fijola —
 — * Agh dagh l'anell, agh dagh l'anell,
 * Na roda dal mulin. —
 — * E mi ghaveva intès,
- 12 * Foss na vera d'or fin. —
 — * Mulinar, bel mulinar,
 * Indov durmirà la miè fijola? —
 — * La vostra fijola a s' quacerà,
- 16 * Sott tri bei fass de spine. —
 — * E mi ghaveva intès,
 * Lanzol de lino fino. —
 — * Bel mulinar, bel mulinar
- 20 * Cosa mangerà la miè fijola? —
 — * D'ogni sorta di erba grama,
 * Che leva la testa dal camp. —
 — * E mi ghaveva intès,
- 24 * Foss stà dal bianco pan. —
 — * Bel mulinar, bel mulinar,
 * Cosa bevrà la miè fijola? —
 — * D'ogni sorta di medisina,

- 28 " Forchè del bianco vin,
" Farà andar la roda
30 " La roda dal mulin.

XI. L' UCCELLINO DEL BOSCO.

Vedi *Canti Monf.* pag. 111. —

- | | |
|---|--|
| Bel oselin dal bosc,
Bel oselin dal bosc,
3 Per la campagna al vola.
Indov seral volà,
Indov seral volà,
6 Su la toa porta o bela.
Cosa gharal' purtà,
Cosa gharal' purtà,
9 Na lettera sigilada.
Cosa ghi serà su,
Cosa ghi serà su, | 12 Forsa che mi marida?
Mi son maridada a' jer,
Mi son maridada a jer,
15 E iacuò mi son pentida.
Che gho spusà d' un vecc,
Che gho spusà d' un vecc.
18 Ch' al gha la barba grisa.
La sira lu al va a lett,
La sira lu al va a lett,
21 Al dorm fia a la matina. |
|---|--|

XII. IL FINTO FRATE.

Vedi *Canti Monf.* pag. 98.

- | | |
|--|--|
| " Ghaveva la miè mrosa,
" La jera tanta bela,
" Come gho mai da far
" Andala a ritrovar?
" Vesti da capusin
6 " A vòj provargh andar. —
— " Sarèe j üss e fuestre
" E ancora le parate,
" Perchè nisun senta
10 " Le nostre briconate. —
— " I üs mo en serà,
" E anca li purton. —
— " Stèe su donca, belina,
14 " Ch' a fen la cunfission.
La cunfission l'è fatta | E al capusin va via,
E liè ciama so madar:
18 " Mama, mi son guarida. —
— " O benedett al fra',
" E al so curdon ch' al gha,
" Al m' ha guari la fijola,
22 " De tant mal che la gha.
Ma di li nov mes,
L' a fatt un bel putin,
Ch' a s' sumejava tutt
26 Al frate capusin.
— " O frate capusin,
" Vu s' un gran birbon,
" I me ambrujà la fijola
30 " Cun la vostra cunfission. |
|--|--|

XIII. TONINO.

Vedi *Canti Monf.* pag. 33. — Gianandrea, pag. 266.

- | | |
|--|---|
| " Mama mia, maridemi,
" Che mi a n' poss più aspettar,
" Mama mia, deme Tonino,
4 " Mi fa sempar sospirar. —
— " Fijola, non de' risposta,
" Non avanza stè rason,
" Se tu sposi Tonino, | 8 " T' mettaren an preson. —
— " Non è temp de faram scorta,
" Vòj Tonin si no murirò,
" Vardèe là, inama crudela,
12 " Lassa mori na fijola d' amor.
" Vui farì na bassa tomba
" Ghe staren dentar in tri, |
|--|---|

- | | | | |
|----|----------------------------|----|-----------------------|
| | " Al me padar, la me madar | | " I povar pellegrin |
| 16 | " Al Tonin an brass a mi. | | " Diran l'è la Rusina |
| | " Po quand a l'està passa | 20 | " Ansema al so Tonin. |

XIV. LA MOGLIE.

Vedi *Canti Monf.* pag. 51.

- | | | | |
|----|------------------------------|----|------------------------------|
| | " Madar, la miè madar, | | — " O mama, la mia mama |
| | " La ricumand a vu, | | " Dov'è spusletta miè? — |
| | " Tinila in camarela | | — " L'è in so camarella |
| 4 | " A ricamar con vu. — | 28 | " A tajar e cusir. — |
| | Po quand lu l'è stà fora | | " O mama la mia mama, |
| | La mama gha fa un tort, | | " Nun stemelo più a dir, |
| | La mandiè via la nora | | " Gho il cortelin de l'oro, |
| 8 | Ai camp a badà i porch. | 32 | " E il cor ghe vòj ferir. — |
| | La ghi cumprèe la stoppa | | — " No, no, caro fratello, |
| | La rocca da filar, | | " Nun la stèe far murir, |
| | E la mandiè ai campi | | " La gha na rosa in petto, |
| 12 | Ai porchi a badar. | 36 | " Nun la stèe far murir. — |
| | La bela sta sett agn. | | — " Sla gha na rosa in petto |
| | La bela mai parlò, | | " Mi la farà veder. — |
| | Sol un piccul versetto | | — " No, no caro marito, |
| 16 | Quand al mari rivò. | 40 | " Per me non sta a temer. — |
| | " Spusletta mia spusletta, | | " O sonèe pur campane, |
| | " Di chi jè chi bei porch? — | | " O sonèe pur violin, |
| | — " Sun dla miè madona, | | " La morte di voi, bela, |
| 20 | " Magara chi foss mort. — | 44 | " L'è stà al cortelin. |
| | — " Spusletta mia spusletta, | | " O sonèe pur campane, |
| | " Anden a la magion, | | " Sonèe pietosament, |
| | " Quand a saren a casa, | | " La morte di vòj. bela, |
| 24 | " Diri vostra rason. — | 48 | " L'è stà un gran torment. |

XV. LA AMMALATA.

Vedi *Canti Monf.* pag. 109. — Gianandrea, pag. 263.

- | | | | |
|---|-------------------------------------|----|-------------------------------|
| | " Mama mia, vorria, vorria — | | — " Ant l'ort a ghe di fnocc, |
| | — " Fijola mia, cosa voresti? — | | " Si t na vòj mi ten darò. |
| | — " Vorriaquelche ghe dentarl'orto, | | " Ant l'ort a ghe di sellar |
| 4 | " Per guarire al mal che gho. — | 12 | " Si t na vòj mi ten darò. |
| | — " Ant l'ort a ghe di pom, | | " Ant l'ort a ghe l'urtlan |
| | " Si t na vòj mi ten darò. — | | " Si tel vòj mi tel darò. — |
| | — " O guardèe che madar boja, | | — " O guardèe che madar bona, |
| 8 | " Non capiss al mal che gho. — | 16 | " L'ha capi al mal che gho. |

XVI. PELLEGRINO ROMANO.

Vedi *Canti Monf.* pag. 100.

- | | | |
|----------------------------|---|---------------------------------|
| Pellegrin che ven da Romma | 3 | A ritrovare al so caro ben. — |
| Ven da Romma e da Bonden, | | — " Pellegrin che ven da Romma, |

- | | | |
|----|--------------------------------------|-------------------------------------|
| | » Gh'avrissi d'alogg d'un furestier? | Quand fu a la mattina, |
| 6 | » Ciapela, ciapela come la viea. — | Fojettina fora di pè. |
| | — » Induv vote che ti metta? | 15 — » Pellegrin che ven da Romma, |
| | » Se non ti mett cou me mujè, | » Cosa gh'at fa a me mujè? — |
| 9 | » Ciapela, ciapela come la vien. | — » Cosa vott che ghabia fatto |
| | » Ghi-metteren uua pajettina, | » Che non son pratico del mestier? |
| | » Intrames a lu e liè. | 19 » Ciapela, ciapela come la vien. |
| 12 | » Ciapela, ciapela come la vien. — | |

XVII. CAPITANO BEVE-L'ACQUA.

Confronta *Canti Monf.* pag. 31.

- | | | |
|---|---|--|
| | Sior capitano che beve l'acqua. | » La prima parte al Re di Franza, |
| | Lu l'è int al lett, che lu sta mal, | » La seconda all'imperator, |
| | L'ha mandà dire a li soi soldati, | » Portte la testa a la miè mama, |
| 4 | Che l'ha la banda da ritirar. — | 12 » Che si ricorda dal so povàr fiol. |
| | » Servitor suo, sior capitano, | » Portte il corin a la Margaritta, |
| | » Cosa comandlo di soi suldà? — | » Che si ricorda di far l'amor. — |
| | — » Vi racomando questa mia vita, | La Margaritta liè la s' n'è morta, |
| 8 | » Che in quattro parti liè l'ha da andar. | 16 E l'han cuverta di rose e fior. |

XVIII. CANTIAMO SORELLE.

Vedi *Canti Monf.* pag. 60. — *Canti Marchig.* pag. 270.

- | | | |
|----|---------------------------------|------------------------------------|
| | » Canten canten. surele, | — » Si si l'ho ben visto |
| | » Fin che sen da maridar. — | » Ma brisa conossù, |
| | — » Nun vòj nè cantar nè ridar, | » Vesti di bianco, vesti de negar, |
| 4 | » Che al miè cor l'è passionà. | 16 » Ch'al purtavan a sePELLI. — |
| | La sin va ala scudaria, | Pena sentù queste parole. |
| | Ala scudaria di bei caval, | Casca an tera dal gran dular. |
| | Cavalca questo, cavalca quello, | — » Sta su, sta su Marietta, |
| 8 | Tutti bravi da cavalcar. | 20 » Sou mi al to car amor. — |
| | Quand la fu a mez la strada | La pijò per le so man bianche |
| | Incontrò d'un zovenia, | Sul so caval l'ha tirà, |
| | — » Zovan, o bel zovan, | Poi l'è gnù dmenga matina |
| 12 | » Avissi vist al me car amor? — | 24 Sou andà dal pret a spusaras. |

XIX. LA TESTA DI MORTO.

- Per d'un simiteri un perfid passava
 Vidò una testa d' mort zitata a terra,
 E lu al ghi do d'un calzo disonesto,
- 4 » Ancora ti t'invito ala mia festa.
 Ghi do d'un calz con gran superbia ed ira.
 » Ala mia festa tu gha da venire.
 Si fa la festa con li sonatori,
- 8 Ghe vegnan tutti e amich e signori
 E mentar tutti i magna e bev e s' godo,
 Zo ala porta a s' sent un gran rimore. —

- 12 " O servitori miei, andèe mo zo a vedar
 " Se l'è un ricco, che non è ancor invidà,
 " Verzi la porta e lassatal entrar,
 " Se l'è un ricco lassatelo entrare,
 " Se l'è un povar andèlo a bastonare. —
- 16 — " Caro Leonzio, che brutta figura,
 " Lu fa spavent infina ala mura. —
 E allor Leonzio al scappa per pagura. —
 — " Cari signor non si staga a spaventare,
- 20 " Che sol con Leonzio mi vojo parlarè,
 " Cari signor, seguitate in allegrià,
 " Solo Leonzio mi vòj minar via. —
 — " Fermilo là, caro nevud mio,
- 24 " Non ti fidar perchè sei sano e forte,
 " All'improvviso pol pigliar la morte.
 " Tu hai la mort al fianc e sota ai pè l'inferno
 " Ven zo donca con mi int el foco eterno.
- 28 " O peccator che non pensi al foco eterno,
 " E non credi guanca al paradiso,
 " Non credi al paradiso e guanca all'inferno
- 31 " Ven con mi a tribular nel foco eterno.

XX. BEPPINA.

Confr. *Conti Monf.* pag. 14.

- Beppina l'è poi bela,
 Ma l'è ancora da maridar.
 " Cosa vot che mi marida,
 4 " Che nissun parla d'amor? —
 — " Ciapèe un cortel che taja,
 " Masèe vostir papà. —
 — " Il mio papà non vole,
 8 " Che sposi un bersaglièr. —
 — " Ebbea massèe vost padar,
 " E sarì me mujèr. —
 — " Cosa dirà la zente
 12 " Quando l'avren massà? —
 — " Al massaren di notte
 " Nessun si vederà.
 " Si vederà le stelle
 16 " Le stelle n' s' ghel dirà,
 " Sol che la luna e il sole
 " Splendore si farà.

XXI. IL CAVALIERE DELLA BELLA SPADA.

- Sott al pont de Giamantina,
 Ghi sta na lavandara,
 Là ra le ra là
 4 Ghi sta na lavandara.
 Passà di là un cavalier
 Cavalier dla bela spada,
 Là ra le ra là
 8 Cavalier dla bela spada.
 " Cavalier dla bela spada ec.
 — " Indov'è vostar mari? —
 — " Sior cavalier, sior cavalier,
 12 " Lè là nell'osteria. —
 — " Cosa fan a l'osteria? ec. —
 — " Stà a giugar le carte,
 " Carte e parole
 16 " Parole e cortellate. —
 — " Cortellate mi n' ho avù ec.
 " Avù cento cinquanta,
 " E al povar miè caval,
 20 " A gh' n'ha avù nonanta.
 " Mama mia, mineme ia letto ec.
 " E al mio caval in stala,
 " Mama mia, portem la suppa,
 24 " E al mio caval la gruppia.
 " Mama mia, portem da bevar ec.
 " E al mio caval all'arbe,

- | | | | |
|----|-------------------------------------|----|--------------------------------|
| | " Mama mia, deme cunfort, | 32 | " E al miè caval l'istaria (?) |
| 28 | " Che mi son rivà ala mort. | | Sott al pont dlla Giamantina |
| | " Mama mia, mi sunerà la gloria ec. | | Ghi sta na lavandara, |
| | " E al miè caval l'istoria, | | Là ra le ra là |
| | " Mama mia, mi sunerà la banda | 36 | Canta ista istoria amara! |

XXII. CECILIA.

Confr. *Canti Monf.* pag. Gianandrea, pag. 264.

- | | | | |
|----|----------------------------|----|--|
| | " Ve salut sor capitano | | " O Dio, Sor capitani, |
| | Na grazia ghi ciam a lu. — | | " Al m' ha ben tradi. |
| | — " | | " Al m' ha tolt l'onor, |
| 4 | A dormi con vu. — | 16 | " La vita al miè mari. — |
| | — " Anderò ne la prigione | | — " Nun ^o pianzer, o Sisilia, |
| | " A dirgal al mio mari. — | | " Che nu sen tutt per ti. |
| | — " O va pur là, Sisilia, | | " Sinquanta capitani, |
| 8 | " Salva la vitta a mi. — | 20 | " Se tu t' vòj tor mari. — |
| | A la matina Sisilia | | — " Non vojo capitani, |
| | S'è fata alo balcon. | | " Che vojo al me mari. |
| | Ved al mari pendent, | | " Torò la rocca e al fuso, |
| 12 | Con tutt i compagnon. | 24 | " E pò starò cusi. |

XXIII. LA SORELLA DEI TRE PRINCIPI.

- I gh son tri principi con na sorella,
 Con na sorela da maridar,
 E l'han spusada al Re Leone,
 4 Ch' al stà lontan sul mar.
 A tri or di nott al l'ha spusada,
 A sinqu'ori al la batteva. —
 — " Mari, caro mari, perchè mi batti? —
 8 — " Ti batt chi t je tropp bela.

Il canto sarebbe molto più lungo, ma chi me lo diceva, non si ricordava d'altro.

XXIV. LA BELLA FRANCESE.

Vedi *Canti Monf.* pag. 7.

- | | |
|----|--|
| | " Ariverà doman a le sett'ore, |
| | " E le sett'ore son giunte e passà, |
| 3 | " Al mio caro marito non è ancora rivà. |
| | Un piccin a batt zo a la porta, |
| | Ecco la francesa adagheli a verir, |
| 6 | " Il vostr caro marito, l'è bela che rivà. |
| | E con na man ghi verz la porta, |
| | Con quell'altra ghi brassa al col, |
| 9 | Bela francesa ghi dona al so cor. |
| | E con na man tirò fuor la spada, |
| | E con quell'altra al so curtel gentil, |
| 12 | La bela francesa l'ha fata murir. |

- „ O britto sporco o bricconciasso,
 „ Siria mej t'aviss tolt l'unor
 15 „ Che n'esser morta per man d'un traditor.
 Su su su su per questo boschiaccio,
 Ma ogni volta che si voltava indrée,
 18 La bela giustizia la ghi tniseva drée.

XXV. LA INFANTICIDA.

(È ricordata dal Marconaldi.)

- „ O Mariulin bel Mariulin,
 „ Cosa fat chi per sta via?
 3 „ Tutta la gent dil mond si fa na maravia. —
 — „ O mama mia, disì pian pian,
 „ Disì pian pian che nisun lo senta,
 6 „ Vignirà la giustizia cla mi ven a preadar.
 Ma in nel far questi descurs,
 La sent un piccin picà la porta,
 9 La bela Mariulin la casca in tera morta.
 I la ciapò i la ligò,
 I la miud int na camera ben scura,
 12 Che non bateva nè sol e nè luna. —
 — „ O mama mia, portem del zall,
 „ Del zall e ancora dla muneda
 15 „ Da liberarm de sta miseria e pena. —
 — „ O fijola mia, n' gho zall,
 „ No gho zall e gnanca dla muneda,
 18 „ Chi ha fatt al mal si pagherà la pena.

XXVI. CANTO POLITICO.

- Se mi volèvi ben come dicevi,
 La strada del Piemont non la facevi.
 Batti, ribatti la punta del pè,
 4 In dove vai, lo voglio sapè.

È l'unico canto che accenni a' cose politiche. Non ho potuto saperne di più.

XXVII. SUSANNA.

Vedi Gianandrea, pag. 267.

- | | |
|--------------------------------|-----------------------------------|
| „ Susanna vati in vesta, | Nel tor su la so rosa, |
| „ Che sul ball ti voi minar. — | 12 Un basin d'amor ghi do. |
| — „ No no non vòj venire, | Nisun l'aveva vista, |
| 4 „ Che ballar mi non so far. | Alter che so fratel. |
| Quando la fò sul ballo, | So fratel va a casa, |
| Nissun la fiè ballar ; | 16 Cuntarl a so papà. |
| Riviè al fiol del conto, | So padar a la finestra, |
| 8 Tre giri ghi fiè far. | Ciama Susanna a ca. — |
| Nel far la girilonda, | „ Cosa vol lu sior padar, |
| La rosa ghi cascò. | 20 „ L'è tant ch'al n'ha ciamà? — |

- | | | | |
|----|---------------------------|----|------------------------------|
| | — O sporca briconseła, | | Di co di nove mesi, |
| | " Ti t' jè lassà basar. — | 32 | La fiè d' un bel putin. |
| | — " Seben che sia basada, | | " O sporca briconseła, |
| 24 | " L' uor al pos purtar. | | " Chi serà al papà? — |
| | " Rosa chi casca in tera, | | — " Vaga dal fiol del conte |
| | " Nun perd al so culor. | 36 | " L' è lu ch' al m' ha basà. |
| | " Na dona per un baso | | " N' anden a batizarlo? — |
| 28 | " Non perd al so uor. — | | — La cesa di bastardin. |
| | Di co di 5 mesi, | | — Cosa j metemo nome? — |
| | Si alza al grembiulin. | 40 | — Tugin al bastardin. — |

XXVIII. LA FORMICA.

Vedi *Canti pop. Monf.* pag. 120 e *Gianandrea* pag. 258.

- | | | | |
|---|----------------------------|----|----------------------------------|
| | " Bust e camisa | 12 | La muntò a caval, |
| | " Che mi vòj maridar. — | | A cercar dell' unto |
| | Dice lo grillo: | | Che al grill staseva mal. |
| 4 | " O mi toresti mi? | | Quand fu a Bonden |
| | La sura furmighina, | 16 | Ghe nova ch' al grill a sta ben, |
| | La dice: " signor si. | | Quand fu a Bonport |
| | Quand fu all' altar | | Al grill a l' era mort. |
| 8 | Per mettarghe l' anell, | | Cum l' è sdgrassiada, |
| | Al grill al casca an tera, | 20 | La povera furmighina, |
| | A si rumpiè al servell. | | Maridada a la sira |
| | La furmighina | | Vidova la mattina! |

XXIX. CANTI RELIGIOSI.

- | | | | |
|---|---------------------------|---|-----------------------------|
| | O Gesù d' amore sceso, | | Vu si mare d' innocenza, |
| | Non v' avessi mai offeso; | | Insegnatemi la via |
| | Mio caro buon Gesù, | 8 | O gran mare di clemenza. |
| 4 | Non vi vòj offènder più. | | Vui che si in tanta gloria, |
| | Benedetta si Maria, | | Avi di me memoria. |

XXX.

Confr. *Gianandrea* pag. 294.

- | | | | |
|---|---------------------------|---|------------------------------|
| | Mi na vagh a lett. | | Bona uardia mi farì, |
| | Cun l' anzol perfett, | | Tre cos vi dumand, |
| | Cun l' anzol di Dio | | Cunsion, comunion, |
| 4 | Vi ricumand l' anima mia. | 9 | Benedission del Spirit Sant. |
| | Vu, Signor, ch' al savì, | | |

XXXI.

Confr. *Gianandrea* pag. 295.

- | | | | |
|---|-----------------------------|----|-----------------------------|
| | Ama Dio e non falir | | Sulla croce e la corona |
| | Fa pur ben e lassa dir, | 8 | Ama Dio e la Madona, |
| | Lassa dir tutt qui chi vol, | | La Madona che st' à in ciel |
| 4 | Ama Dio di buon cuor, | | Ama Dio e San Michel. |
| | Di buon cor di bona voce | | S. Michel l' è re di sant |
| | Ama Dio sulla croce. | 12 | Ama Dio e tuti quant. |

XXXII. CATERINA.

- | | | | | |
|---|-------------------------------|----|-------------------------------|-----------------------------|
| " | Catarina, Catarinela, | — | " | Disighe ch' la vena fora, |
| " | Catarina, vien con me. | 8 | " | Gh' na darò un para di miè. |
| " | In dov' è la Catarinela, | " | Ghi darò quelle rossette, | |
| 4 | " Che in nessun post a ghè? — | " | Le bianchette tignirò per me. | |
| — | " L'è serrata in camarella, | " | Le rossette fa balar, | |
| " | La non ha scarpette in piè. — | 12 | " Le bianchette fa anamurar. | |

XXXIII. BUONI AUGURI PEL CAPO D'ANNO.

Vedi Tommasèo, *Canti popolari greci* pag. 276.

- | | | |
|------------------------|----|---------------------------------------|
| Son gnü dar bonann | 10 | E l'altra per l'istà. |
| E al bon cap dl' aunn, | | Ghiera, eccellenza, |
| Le bone feste, | | Du bellettissimi molin, |
| Che Dio e Maria, | | Un a mesnava l'oro |
| Si ve le conceda | 14 | E l'altr di bei cecchiu. |
| 6 Sempar e così sia. | | E dopo la sena |
| Ghiera, eccellenza, | | Una rosetta di marzapau, |
| Do bellettissime sità. | | Domatina in cortesia |
| Una per l'invern, | 16 | Mi racumand la bona man. ¹ |

XXXIV. AUGURIO DI MALE.

- | | | |
|------------------------------|----|-----------------------------|
| Son gnü dar bonann : | 8 | M' dari la vostra fijola. |
| Se sî becch l'è vostar dann, | | Gnirò cun cariolon, |
| Con quant cioldi | | M' dari vostar fiolon. |
| 4 Ghe taccà la porta, | | Bona sira, beccamort. |
| Se vu al sî becch | 12 | Stèe ben, fijol d'on porch, |
| Al sî più d'una porca. | | E sempar rivedersi, |
| Gnirò cun na cariola, | | Al novo di. |

XXXV. NINNA-NANNA.

- | | | |
|-----------------------------|----|--------------------------|
| Don don don don | | Risponde la gallina. |
| L'è la solita canzon. | | Madona Franceschina |
| Per spettar ben tutt al di | 16 | S'è fatta a la finestra, |
| 4 L'è la solita canzon. | | Con do coroni in testa. |
| Tu tu cavallo, | | Passa tri fanti. |
| La mama ven da Frara, | | Con do cavalli bianchi, |
| Carr e carrett | 20 | Bianca la rosa |
| 8 Sunanda la trumbetta, | | Com'è la so morosa, |
| Trumbetta scapuziè. | | Bianca la chicca |
| Trentasiè. | | Com'è la Margaritta, |
| Al mulin a mulinava | 24 | Bianc al chiccon |
| 12 Bartuldin s' infarinava, | | Com'è al so patron, |
| Canta lo gallo, | | Don don don don ec. |

¹ Nel canto greco è detto : Apri il horsellino tuo d'oro e d'argento
E tendi la tua mano dolee adorante
E s'egli è argento, gettalo che il vediamo.

ALTRA.

Ninnà, ninnà, ninnà,	O durmì banadetta
Ninnà ben mio,	16 Da Dio e dai santi.
La luna e il sole	Ninnà, ninnà, ninnà
Ve la doni Iddio,	L'è chi la vecia,
Che ve la doni Iddio	La magna i putin' bei
Iddio e la Madona,	La munta svelta,
Che ve la doni a vu,	Ninnà, ninnà, ninnà
8 Che si pur bona.	L'è chi la burda,
Ninnà, ninnà, ninnà	La magna i putin bei
Che vi cunava,	24 La monta fura.
Int uua cuna d'oro	Ninnà ninnà ninnà
Amor vi indurmenziava,	Che vi cunava,
E vi cantava	Durmì, putin,
Le paroli santi,	E cuntantèe la mama.

Questa seconda ninna-nanna ricorda le idee dei nannarismata greci. La ultima parte solamente è deturpata; il ricordo della strega (vecia) che mangia i ragazzi e corre avida (fura), mostra con quali dannose ubbie si funesta fin dalla culla, la tranquillità dei primi anni.

XXXVI. ROMANELLE.

- I. Chi drè sta riva ghi passò un signore,
 El s'è zurà che cun mi vol far l'amore,
 E mi gho mandà dir per l'ortolana,
 Lu l'è un signor e mi son na vilana.
 Lu l'è un signor e d'un sangue gentile,
 E mi vilana ch'al farò morire.
 Lu l'è un signor e d'un sangue riale,
 E mi vilana ch'al farò crepare.
- II. E mi te l'ho zà ditto, donna bella,
 In t'un boaro non t'innamorare.
 Che tutto al dì al boaro l'è alle terre,
 Non si ricorda più di donna bella.
 Che tutto al dì ara le terre e volta,
 Nè si ricorda più de donna tolta.
 Che tutto al dì ara le terre e torna,
 Nè si ricorda della donna zovena.
- III. Tu che mi dici che d'amor non credi,
 Dammi la man che ti darò la fede.
 Tu che mi dici che l'amor l'è grandò,
 Dammi la man che ti darò sustanzia.
 Dammi la man e dammi quella stanca,
 Che ti darò la fede e la speranza.
 Dammi la man e dammi quella dritta,
 Che ti darò la fede e poi la vita.
- IV. La mazurana l'è al fior de l'orto,
 Tenil in bocca l'amarezza troppo.
 La mazurana fa i fiori bianchi,
 Gli occi del mio amor son pur galanti.
 La mazurana fa i fior turchini,
 Gli occi del mio amor son biricchini.

- V. Il povero Beppin disfortunato,
 N'ha bevü un biccer s'è innamorato.
 N'ha bevü un biccer e po na tazza,
 L'è innamurà de ti, bella ragazza.
 N'ha bevü un biccer e na scodella,
 L'è innamurà de ti, biundina bella.
- VI. O Rundanella che passi lo mare,
 Portame nova dal miè marinaro.
 Portame nova se l'è vivo o morto,
 Se l'acqua dello mar l'avesse tolto.
 Portame nova se l'è morto o vivo,
 Se l'acqua dello mar l'avesse privo. ¹
- VII. La mama del mio ben mi manda a dire,
 Sulla gradella mi vol far rustire.
 E mi gho mandà a dir se non sapesse,
 Sulla gradella si rostisse al pesse.
 E mi gho mandà a dir se non lo sai,
 Sulla gradella si rostisse i quai.
- VIII. Se foss una galina vuladora,
 Vurria vular dove al mio ben lavora.
 Se foss una galina vuladina,
 Vurria vular dov'è la miè Pirina.
 Se foss una galina vurria volare,
 Vurria vular nell'orto all'ortelana.
- IX. Se mi marido vòj un carradore.
 Lu al fa i carri e mi farò l'amore.
 Lu al fa i carri cun le rode basse,
 E mi farò l'amor con chi mi piase.
 Lu al fa i carri cun le rode in simma,
 E mi farò l'amor con quel de primma.
- X. Ajera alto che tocava al cielo.
 Amor de donna m'ha fatto abbassare.
 M'ha fatto abbassarè e toccar terra.
 L'è stato il core de la mia bella.
 Mi ha fatto abbassar foja di vita.
 L'è stato il core de la Margarita.
- XI. Quanti ghe n'è che brama la fortuna.
 E mi meschina nun la bramo mai.
 Bramo al miè zoveniu de ventun anni.
 Questa è sol la fortuna che mi bramo.
- XII. O cara piculina vieni granda.
 Che t'ho purtà l'anell e la ghirlanda.
 Con la ghirlanda ti vòj coronare.
 E con l'anello mi ti vòj sposare.
- XIII. O care donne, non fate meraviglia.
 Se zoppo mi vedete a camminare.
 Al Re di Franza mi vuol dar so figlia.
 Patrono del suo regno mi vol fare. ²

¹ Confr. Gianandrea, pag. 151.

² Pare una maligna allusione.

- XIV. Il sol va zo a onsa a onsa,
Speranza del mio cuor, venime incontra,
Il sol va zo a lira a lira,
Speranza del mio cuor, veni stasira.
- XV. A navigar a ghi vol barca e remo,
A far l'amore a ghi vol bon insegno,
A navigare a ghi vol remo e barca,
A far l'amor a ghi vol bona grazia.
- XVI. L'è tanto tempo che desiderava
La toa amicizia di poterla avere.
Adesso che l'ho avuda ti ringrazio,
Contenta un altro cor che il mio l'è sazio.
- XVII. Varda stasira com a luss le stelle,
L'è proppi sira da rubar le donne.
Chi ruba donne non si ciama ladro,
Si ciama zovenotto innamorato. ¹
- XVIII. Tutti mi disen amor; amor un corno,
Ma prima di morir crepar ti voglio.
Ma prima di morir ti vòj crepare,
Mi gho penà e tu hai da penare.
- XIX. Vurria morir de morte piculina,
Morta la sira, viva la mattina.
Vurria murir e non vurria morire,
Vurria vedar chi pianz e chi ride.
Vurria vedar se son tutti sinceri,
Vurria vedar chi pianza davvero. ²
- XX. O Dio dal ciel, mandeme la fortuna,
Mandem un omo che tema la luna.
Quando che al ven a ca che mi vol dare,
Dirò che l'è la luna che vol fare.
- XXI. O Dio dal ciel che pena è mai la mia,
Avergh la lengua e non puder parlarè,
Avergh na cosa e non poterla dire,
Aver n'amante e non poterlo amare.
- XXII. O Dio dal ciel, quand la mrosa passa,
El me conven tener la testa bassa.
El me conven dirghe du sol parole,
Non dighel a nissun che femm l'amore.
- XXIII. A Romma a Romma ghe na bela usanza,
Le done maridà vol far l'amore,
Le vidovelle viven di speranza,
Quelle da maridar ghe cress al core. ³
- XXIV. Quando la fiocca la fioccava ai monti,
Bella, tu sei nasuda di Febbraro;
La toa mamma pregava tutti i santi
De farte tanto bella e tanto ciara.

¹ Vedi Ferraro pag. 155 e Tommasèo pag. 305.

² Confr. Gianandrea pag. 175.

³ Un analogo canto marchigiano è riferito dal Gianandrea, pag. 197.

- XXV. La bona sira mi la dagh a tutti,
 Primma a le belli e po dop a le brutte.
 La bona sira mi la dagh a tanti,
 Prima a le mrose e po dop a j amanti.
- XXVI. Guarda la luna come la camina,
 La passa i monti e non si ferma mai.
 Cosi i fan pur j amanti d'isto tempo.
 Giran d'un post all'altr come fa al vento.
- XXVII. Non ti vantare più cavalla storna,
 Che giù più d'una volta ti domai.
 T'ho miss la sella e anca po la brija,
 Per la cavezza a spasso ti menai.
- XXVIII. La vidovella che non ha marito,
 Con tutti la vo far l'innamurata.
 Con tatti d'un color la va vestita,
 La fa l'amor con tutta la contrada.
- XXIX. Sta fort, o Bagulin, e non tremare
 Della galera non aver paura,
 Alla giustizia non ti palesare
 Di quel che hai fatto nella notte oscura.
- XXX. E mi vurria andar tanto lontano
 Per non sentire a nominar l'amore.
 Ma un di tanto lontan mi son andata,
 L'amor l'è stà la primma nominada.
- XXXI. Misericordia che al mond l'è finito,
 I pret ancor si voren maridare.
 Al munagh anca lor tol al marito,
 Misericordia ch'al mond l'è finito.
- XXXII. Amico mio, te trovo avvilito,
 Nun hai la freva e ti trovo malato,
 Nun hai cortello e ti trovo ferito,
 Amico, tu mi pari innamorato.
- XXXIII. Amico mio, t'inviteria a sena,
 Mi manca la tuaja da pariciare.
 Il foco è smorto e il curtel non taja,
 Amico, sen renduti su la paja.
- XXXIV. Se pol venir, amor, che si tolemo,
 I dui rissin d'amor nui a si fema.
 Nui a si fema dui rissin d'amore,
 Amor che si tolema e sen consorte.
- XXXV. Quand jera piculina e ancora tosa,
 Trovava chi mi pijava per morosa.
 Adess che po mi sun gauda granda,
 Non trovo più nessun che mi dumanda.
- XXXVI. Vago di notte come na pujana,
 A mor dal fredd per non aver gabana.
 Vago di notte come un martorello,
 A trem dal fredd per non aver capello.
- XXXVII. Dove spasseggi tu l'erba si nasce,
 La primavera tutta vi fiorisce.

- Fiorisce d'ogni erba e d'ogni fiore,
Bello, tu ami de uno vero amore.
- XXXVIII. Non canto per amor, canto per rabbia,
Come lo rossignol dreto la gabia.
Non canto per amor, canto per pena,
Canto per lo mio amor che più non viene.
- XXXIX. An mez al mar a ghe d'una lucerna,
Venti dal cielo, non fela fondare.
Si la farì fondar a galla torna,
Si la riversi se torna a drizzare.
- XL. Non vedo l'ora che vena la sira,
Al mio amante ghi do la buona sira.
Non vedo l'ora che vena la notte,
Al mio amant ghi do felise notte.
- XLI. Morosa bela de la ca di cana,
Fatti di fora che al to can mi baja.
E se ti baja lasalo bajare,
Mi sono a letto e non mi vòj levare.
- XLII. Al miè moroso che bellezze gh'alo?
Dui occ in testa che d'amor non falla.
La miè morosa l'è delle papozze,
L'è piculina e l'ha le gambe grosse.
- XLIII. Al miè amor l'è un mancator di fede,
Lu s'innamora in quante donne vede.
Se ne vedesse venticinque l'ora,
De tutte venticinque si innamora.
- XLIV. Questa è la strada questa è la concorsa,
Il sangue dal mio ben dov'elo corso?
Questa è la strada, questa è la stradela,
Questa è la strada dla mia anima bela.
- XLV. E mi te l'ho già ditto lo mio bello,
Vendi le scarpe e comprati un mantello.
E mi te l'ho già ditto lo mio caro.
Vendi le scarpe e comprati un tabaro.
- XLVI. An mez al mar un gran rumor si sente,
Non so se sia guerra o navigante.
L'è un barcarol che va a favor del vento,
L'è un barcarol d'amor, l'è lo mio amante.
- XLVII. Se mi marido vòj un barcarolo,
Con la so vela mi farà un lenzolo,
E mi farà un leuzol e un'andimela,
Tutti m' dirà la Pavunzina bella.
- XLVIII. Se mi marido vòj tor la Pirina
Che la so mama la fa la Furnara.
Fa la furnara, burata la farina,
E mi buraterò la so Pirina.
- XLIX. Son sta all'Infern gho visto l'Anticristo,
Che per la barba l'heva un mulinaro,
E agh fasiva fa la dissiplina,
Perchè l'heva rubà troppa farina.

- LX. Nello mio petto mi tengo un giardino,
 Agn' pur, bello, a passeggiarlo tutto.
 Son tutte belli rosi e belli fiori,
 De quelle rose fene un mazzolino.
- LXI. Nelo mio petto mi tengo tre mori,
 Agn' a rimirar come son neri.
 I son gnu negar per lo gran dolore,
 Non prova niente chi non prova amore.
- LXII. In mezzo al mare agh'è d'un pesse tondo,
 Che quando al ved le brutte si n' va a fundo.
 E quando ved le belle si n' va a riva,
 E quando ved le brutte si n' va via. ¹
- LXIII. Se mi marido vòj un muradore,
 M' farà na fnestra indov se leva al sole.
 M' farà na fnestra indov al sol se leva,
 La faccia dal mio amor l'è sempr allegra. ²
- LXIV. Bella ragazza, a male non averte
 Se passo chi, l'è perchè al cor mi dole.
 L'amante miè m' aspetta in altra parte,
 Non creder, bella, che passo per voi.
- LXV. Quanti diran: chi canta ha il cor allegro,
 Se ho il core allegro lo vorria ben dire.
 A son pina de rabbia e tutta negra,
 Son tutta allegra e pur vorria morire. ³
- LXVI. O quanto tempo che desiderava
 D'avere per mio amante un sonatore.
 Al sona cust ben su la chitara,
 E colla bocca fa i versi d'amore. ⁴
- LXVII. Chi vol cantar con mi le Romanelle
 Che ghi darò le botte riservate?
 A ghi darò le botte riservate,
 Del matt e del cojon fin che volete.
- LXVIII. Mi sent una vosina lenta lenta,
 Mi par la miè busgada ⁵ int el formento.
 Mi sent una vosina di traverso,
 Mi par la miè busgata che gho perso.
- LXIX. O cantarina che cantava ad ora,
 Non è stà bona de cantar un'ora.
 Tasf tasf che vu n' savf cantare,
 Mi pari un asen quand l'ha da ragnare.

¹ Confr. Gianandrea pag. 182. La somiglianza fra gli stornelli romagnoli e le romanelle ferraresi dipende dal commercio fra la Romagna e Ferrara.

² Vedi Gianandrea, pag. 22.

³ Vedi Gianandrea pag. 8.

Quanti ce n'è che me sento cantare,
 Dice beata lia che ha 'l cor contento,
 Per grazia non mi fate biastimare,
 Che io quando canto, allora me lamento.

⁴ Vedi Gianandrea, pag. 18.

Quante le volte lo desiderai
 D'avere un giovinetto sonatore.

⁵ Porco.

- LXX. O cantarina che cantava adesso,
 Ghè gnü d'uu raffredor l'è andata a letto.
 Tasi tasi che vu n' havì savuda,
 Sì cascà an terra e vi s' rott la zucca.
- LXXI. E mi dir Romanelle na so na quarta, ¹
 E ti, me cojona, scolta st'altra.
 E mi dir Romanelle na so na sesta,
 E ti, me cojona, scolta questa.
- LXXII. Sei tanto bella e non ti posso avere,
 La vita del marinar tu mi fai fare,
 Mettere ti vorrei nelle mie vele.
- LXXIII. Fiore di canna,
 La canna sotto terra non fa foglie,
 Chi non vol guai non s' metta a pigliar moglie.
- LXXIV. Sei tanto bella il siel ti benedica,
 Dove spasseggi tu l'erba si nasce,
 La primavera tutta vi fiorisce.
- LXXV. Fior de spinaci,
 Allor ch'al Turco a torrà su la croce,
 Allor con ti mi a vo fargh la pace. ²
- LXXVI. O fati alla finestra la miè mrosa,
 Dammi un biccer d'acqua si mla vòj dare,
 Si tu non mla vòj dar patrona sei.
- LXXVII. In mezzo al mar ghe d'una colonna,
 Cun trantasiè nudar a tavolino,
 A scrivar le bellezze d'una donna.
- LXXVIII. O bella fìjola che dormite sola,
 Per la paura non dormite mai,
 Bramate un zovenin che vi consola. ³
- LXXIX. E mi vurria andar alla salita,
 Duv'è quella casetta rovinata
 Duv' al mio ben al gha lassà la vita.
- LXXX. Nel petto mio mi tengo un canale,
 Di zà di là, ghi sta du chiari fonti,
 Per dar da bevar a j assetati amanti.
- LXXXI. Bella, se tu vedessi al mio ritratto,
 Apri la sepoltura e mira il morto,
 Bella, tu mi vedrai tutto disfatto.
- LXXXII. È tanto tempo che non ho visto al sole,
 Ma stamatina l'ho visto levarsi,
 E l'è venuto a parlarmi d'amore.
- LXXXIII. Fior di serpiglio,
 Avì più amanti che non mosche in Puglia,
 Tutti vi basen e poi nessun vi piglia. ⁴

¹ Delle canzone ne so più che rena. — Vedi Gianandrea, pag. 3.

² Vedi Gianandrea pag. 251.

³ Confr. Gianandrea pag. 167.

Giovanottella che dormite sola,
 Dalla paura non dormite mai
 Sci ce volete a me per compagnia,....

⁴ Vedi Gianandrea pag. 238.

- LXXXIV. Amore ingrato,
 Non mi mandate neppure un saluto,
 Fino alla mezzanotte v'ho aspettato. ¹
- LXXXV. Questa è la strada della miè morosa
 Che la mi da delle pene amare,
 La mi fa far na vita dolorosa.
- LXXXVI. Fiore di lino,
 Gran bella cosa nascere Romano,
 Battezzato nel popolo Latino.
- LXXXVII. Fiore di grano,
 I prim amant ti lassi in abbandono,
 Ti tuccherà sposar qualche villano.
- LXXXVIII. Fiore di zucca,
 Tutte le donne j hanno qualche tacca,
 Ma vu di tacche, vu si pina tutta.
- LXXXIX. Fior di trifoglio,
 Al sposo veccio mi gho dato l'aglio,
 Al sposo zovan, lo sposo e lo voglio.
- XC. Fiore di grano,
 De quanti marinar al Ponte sono,
 Al più bel l'è il marinaro veneziano.
- XCI. Fior di gran turco,
 E lo mio amante ha nome Marco,
 È al più bel zovan in tutto quanto al Borgo.
- XCII. Fiore di mora,
 Quando tu partirai, partenza amara,
 Sempar la pianzerà l'amante toa.
- XCIII. Fiore di fava.
 Mi gh'jera andata su sora n'uliva,
 Maladetti i suldà e chi li manda.
- XCIV. Fior de violetta,
 Chi s' separa una volta non l'impatta,
 Sta pur a cantar sui tecc, t'jè na civetta.
- XCV. La canapa si batte e si martela,
 E mi per ti dev far vitta crudela.
- XCVI. Fior de iusalata,
 Come hai trattato j altar t'jè trattata.
- XCVII. Una volta jera dritta, jera superba,
 E adess son bassa e tutta quacià sott l'erba.
- XCVIII. Fiore di ruta,
 Parola chi t'ho dat l'ho mantenuta. ²
- XCIX. Non posso più cantar son regaida,
 Demi da bevar che sarò guarida. ³
- C. La mama mie per non mi dar la dotta,
 L'andiè dal pret a dir che jera morta.

¹ Vedi Gianandrea pag. 33.

² Gianandrea pag. 134.

³ Vedi Gianandrea pag. 10.

Non posso cantà più che so calato
 M'ha fatto male lu durmì de fòra.

XXXVII. — GIUOCHI.

I. LA RETE.

Tira la red, — A l'ho tirada
 Fagh un gropp, — Agh l'ho fatt.
 Fagh un alter, — Ag al farò.
 Tira la red, — Che passerò.

Otto o dieci ragazzi si distendono sopra una fila, tenendosi per le mani. I due capi-giuoco sono il primo e l'ultimo della fila, e fanno tra loro il surriferito dialogo. Giunti al: *fagh un gropp*, il primo capo-giuoco che ha detto: *tira la red*, seguito dagli altri che si tengono per mano va a passare sotto il braccio del secondo giuocatore e dell'ultimo dei giuocatori verso quella parte, sicchè il secondo capo-giuoco resta come imprigionato. Il giuoco si continua fino a che il primo capo-giuoco resti fuori libero per una mano, mentre tutti gli altri sono incatenati per tutte e due; e l'altro capo-giuoco resti libero per l'altra mano. E ambedue tirano in senso contrario, fino che aiutati dai loro partitanti la rete è disfatta dall'uno dei due. — A questo giuoco si assomiglia molto il giuoco monferrino del Fornajo.

2.

Tasì tasì murmula,
 Che ti darò luganiga,
 Luganiga d'un porch,
 Un ravanin arrost,
 Vot Culata, Bretta o Ragn?
 Bretta non ti dago.
 Percchè Ferrara vago,
 Quando ritornerò,
 Bretta ti darò.

Il capo-giuoco appoggia le mani alle ginocchia e piega la schiena, gli altri devono saltarlo, pronunciando uno per ciascuno un versetto. Chi incappa, saltando, nella schiena del capo-giuoco perde, e lo surroga. Se chi tiene il giuoco vuole Culatta, i saltatori, fatto il salto devono dare del sedere in terra. Se vuole Berretta, si pone sulla sua schiena il berretto e tutti devono saltare senza toccarlo, se no è mal giuoco. Se Raglio egli vuole, fatto il salto, i saltatori devono fare un grido o raglio, il che per l'ansia spesso non si può fare, e chi nol fa tiene il giuoco. È usato quale esercizio ginnastico anche nel nostro esercito, e si chiama Volteggio.

3. IL SOLE E LA LUNA.

Verzi la porta, — La porta l'è rotta.
 Fela giustar, — Manca i dinar.
 Ciappa i cagnulin dadrée,
 Se mai non ti po ciapar,
 Lasali andar,
 Fina a la nott d' Nadal.

I giuocatori si dispongono in due file parallele. I due capi-giuoco, detti uno il Sole e l'altro la Luna, si mettono davanti ad essi fronte a fronte e tenendo le loro mani incrociate come a formare una porta viva. Essi non devono mai muoversi di quella posizione, mentre le due file dei giuocatori devono senza scomporsi passare sotto quella porta o giogo. Se riescono a passare senza essere rattenuti o colle gambe, o coi fianchi dei due capi-giuoco (le mani non le possono muovere) il Sole e la Luna fanno ridere la brigata, se no, quando duo sono trattiene, questi sostituiscono i capi-giuoco.

4. LA CORSA.

Mingula, mangula, — Per matina,
 Sun la fiola — Dla regina.
 È mo gnuda, — To surela.

A spartir, — La roba bela.
 Gran gron — Rampin Giuda.
 Cava la rava, — Mettla ant la busa.

Si fa un circolo di ragazze. La direttrice del giuoco le tocca una per una pronunciando uno dei suddetti mezzi versi, colei su cui cade l'ultimo deve inseguire le compagne alla corsa fino a tanto che tutte non le abbia toccate.

5. LA REGINA.

Pitta-pittella, — Color che si bella,
 Color che si fina — Per santa Martina,
 La bela Pulinara, — La monta in sla scala,
 Scala scalon — La penna dal Bution,
 La scatula del mar,
 La bella cittella — Parrucca pestella,
 Tetè
 Tira quel pè, — Lo digh a te.

Molte ragazze siedono in circolo coi piedi sporgenti fuori della gonnella. La direttrice contando su ciascuno dei piedi delle giocatrici pronuncia i suddetti mezzi versi, finchè dicendo l'ultimo fa tirare alla ragazza a cui giunse, un piede sotto la gonnella. La ragazza che per la prima può in questo modo ritirare i piedi sotto la gonnella, diventa la Regina e deve essere vestita ed adornata a spese delle altre.

6. LA TELA.

È come l'omonimo giuoco monferrino, ma senza alcun canto.

XXXVIII. INDOVINELLI.

1. LE CIRIEGIE.

Alto alto bel panier
 Sento milla cavalier
 Con la testa insanguenà
 Mi ghel digh nessun el sa.

2. LA NEVE.

Alto alto bel palazz
 Casco in terra e non mi mazz
 Casco in terra e brutta mi fass.

3. IL SOFFIETTO.

Panza d' vacch
 Schina d' legn
 Mus d' ferr
 Sin ghindvine ancùo
 Dman l'è invern.

4. L' AGO.

Una roba piculina, piculina
 A s' tira sempr adrèe la so budlina. ¹

¹ Vedi Gianandrea, pag. 303.

5. IL RAVANELLO.

Vagh int l'ort
 Trov me compar mort,
 A ciapp un cortell
 Agh taj al più bel. ¹

6. IL LIEVITO.

Una roba piculina, piculina
 La leva un sach d' farina.

7. LO SPECCHIO.

Mirimirimi, mirimirime
 Indovina cosa l'è.

XXXIX. CARME INCANTATORIO PER TROVARE LE COSE PERDUTE.

Si queris miracula
 D' Anton
 Murson
 Bellafiora
 Quel che t'è pers
 Salta fora.

¹ Vedi Gianandrea, pag. 302.

AUTORI CITATI

nella presente Raccolta.

FERRARO Giuseppe, *Canti popolari monferrini*. Torino, Loescher 1870.

" *Nuova raccolta estratta dalla Rivista Europea*. Firenze, 1875.

GIANANDREA Antonio, *Canti popolari marcheyiani*, Torino, Loescher, 1875.

TOMMASEO Nicolò, *Canti popolari toscani, corsi, illirici e greci*. Venezia, Tasso 1842.

UN CAPITOLO D'ANTONIO PUCCI.

Dobbiamo ad un trovatore del secolo XIII un romanzo o piuttosto novella, che si riattacca per il suo contenuto al gran ciclo della Tavola Rotonda. « Il cavaliere della spada » (« Do chevalier a l'espee ») è Galvano, e l'assunto dell'ignoto autore, che sotto questo titolo ci raccontava un'avventura amorosa del suo eroe, fu di vendicarlo dall'ingiusto obbligo, nel quale lo tenne Chrestiens de Troies, il gran romanzatore del ciclo così detto brettonne. Pare impossibile, che a dispetto di cotesta asserzione vi furono taluni, che attribuirono questo racconto allo stesso Chrestien, mentre altri ne credettero autore Raoul de Houdenc ¹.

La novella del Cavaliere della Spada ² è composta di due parti distinte, di cui la seconda, a cominciar dal verso 831 (sono nel poemetto in tutto 1206 vv.) tratta della infedeltà della moglie di Galvano, con certe circostanze caratteristiche che s'incontrano in un altro romanzo, creduto da alcuni opera di Raoul de Houdenc: *Gauvain ou la vengeance de Raguidel*. Non avendo per ora a parlar di questa parte, mi limiterò alla prima, il cui contenuto è questo.

Siamo ai tempi del buon re Artù, che si trattiene nella città di Carduel; insieme con lui stanno la Regina e Galvano, Keu il siniscalco e Yvain.

A Gauvain prist tot jors talent
D'aler desduire et deporter.

¹ V. Holland, *Chrestien von Troies* pp. 243-4; F. Wolf, *Ueber Raoul von Houdenc und insbesondere seinen Roman! Meraugis de Portlesguez*, p. 6-7; Michelant, *Meraugis de Portlesguez*, Introd. p. IX.

² Mi servo del testo di Legrand d'Aussy I, in fine.

Un giorno, andato a diportarsi, egli si smarrisce in una foresta mentre già cadeva il giorno, e poi si fece notte. Si dirige sopra un fuoco, che da lontano vede acceso, e vi trova seduto accanto un cavaliere, al quale, salutatolo, conta il fatto suo. Questi gli promette di rimmetterlo all'indomani nel retto sentiero, pur ch'egli acconsenta questa notte a fargli compagnia. Dormono tutti e due accanto al fuoco; ridestatosi allo spuntar del giorno pruna del suo compagno, Galvano lo sveglia ed accetta il suo invito di far una visita al suo castello, che era distante non più di due leghe. Quando già erano fuori della selva, il cavaliere, dopo aver indicato a Galvano la via da seguire, sprona il cavallo, volendo arrivare prima del suo ospite, sotto il pretesto di preparar tutto al suo ricevimento. Galvano, cavalcando di passo, trova per istrada quattro pastorelli,

Saluez les a doucement.
 El non Dieu son salu li rent,
 Trespassa les, ne lor dist plus.
 Ahi! fet li uns, tant mar fus
 Biax chevaliers genz et adroiz;
 Certes il ne fust mie droiz
 Que fussiez bleciez ne laidiz. —
 Gauvain en fu toz esbahiz,
 Qui les paroles bien entent;
 De ce se mervella forment
 Par quel raison il lo plaignoient
 Quant il de rien nel conoissoient.
 Vistement a ax retorna.

e dimandato ai pastori la cagione della loro mestizia, uno d'essi gli risponde:

Sire, disti-l, pitié avon
 De ce que seïr vos veon:
 Cil chevaliers qui la devant
 S'en va sor cel cheval ferrant,
 Moult en a veant nos mené,
 Mes nul qui en soit retorné
 N'avons nos pas encor veü.

.....
 Sire, par cest país dist l'on
 C'ome quil contredit de rien,
 Que que ce soit, o mal, o bien,
 En son ostel lo fet ocire.

Galvano non pertanto non vuol lasciar dal suo proposito.

„ Ne voil, por lou dit d'un enfant,
 Leissier l'oïrre de mon país „.
 S'il fust seü en son país
 Que il l'etüst por tant lessié,
 A toz jorz li fust reprochié.

Arrivato al castello, vede il cavaliere accorrergli all'incontro facendo liete sembianze.

Les armes reçut un vaslet,
 Uns autres prist lou gringalet,
 Li tiers les esperrous li oste.
 Lors l'a par la main pris son oste,
 Si l'a lo pont amont mené
 Et ont un moult biau feu trové
 En la sale devant la tor.

Galvano ringrazia di tutto, non volendo contraddire a niente, mentre l'oste par che vada in cerca di una sua contraddizione, dicendo a Galvano :

Soiez toz liez et a vostre aise
 Se riens i a qui vos desplaïse,
 Si lou dites seurement

Poi, menatagli dinanzi la sua bella figlia, lo prega ch'egli ne voglia far suo piacere :

Ja n'en auroit se anor non.
 Endroit moi vos en fais un don,
 Que ja de vos n'iere jalous,
 Ainçois li coumant oiant vous,
 Que ja de rien ne vos desdie.

La donzella, cui piacque il giovane, coglie l'occasione che il padre era uscito di camera, per dire a Galvano, come egli si debba mantenere.

Sire, dist el, j'e entendu
 Que mes peres m'a deffendu
 Que je rien ne vos desdie.
 Or ne se-je que je vos die
 Que se [vos] avoie creanté
 A fere vostre volenté,
 James a bon chief n'en traïroie
 Et mort et traï vos auroie ;
 Mais d'une chose vos chasti
 Et par bone foi le vos di,
 Que vos gardez de vilenie,
 Ne rien, que mes peres vos die,
 Que que ce soit, o mal, o bien,
 Mar lou contrediroiz de rien,
 Que morz seriez a itant.

Dopo il pranzo il padre si allontana di nuovo, lasciando i giovani soli e dando ordine ai suoi di guardare a vista Galvano, perchè non parta :

Gauvain qui preuz ert et cortois
 Voit bien que remanoir l'estuet
 Et qu'autrement estre ne puet.

A cena il cavaliere radoppia di gentilezze, pregando il suo ospite ad essere di buon umore e di dirgli francamente, se qualche cosa gli disaggrada. Ma Galvano si dice contentissimo e si lascia menare in una camera, rischiarata da dodici candele, che stavano intorno ad un letto bell'e apparecchiato: in questo letto Galvano deve giacere insieme colla donzella e gli è vietato di spegnere le candele. Detto questo, il padre esce e Galvano si corica colla giovane, la cui vicinanza gli desta le amoroze voglie. Quella, avvedutasene, gli rimostra il pericolo, che sta sovra il suo capo:

Veez vos cel branc qui la pent
 Qui a cel entrecor d'argent
 Et lou pon et lou heu d'or fin?
 Cheste chose pas ne devin
 Que vous m'orroiz ja ci conter,
 Ainz l'ai veü bien esprover.
 Mes peres l'ainme durement,
 Que il li ocist bien sovent
 De moult bons chevaliers de pris.

Chiunque di loro entra nel castello, vi è festeggiato dal padre della damigella; ma

Garder l'estuet de vilenie,
 Moult lou convient charroier droit
 (Maintenant as appris lo droit
 S'il entreprenent de nule rien);
 Et se cil se garde si bien
 Qu'il ne soit de rien entrepris,
 La nuit à moi cochier est mis:
 Lors est-il venuz a sa mort.
 Savez por coi nus n'en estort?
 S'il fait sanblant en nule guise
 De volenté qui li soit prise
 De faire lo moi, maintenant
 Lou fiert parmi lou cors lo branc;
 Et se il viaut vers lui aler
 Por prendre le et por oster,
 Tot par lui salt do fuerre fors,
 Si li done parmi lou cors.

Non badando alle avvertenze della fanciulla, Galvano tenta per ben due volte ciò che non dovrebbe aver tentato, perchè ogni volta la spada incantata usciva dal fodero e lo colpiva, senza però innaverarlo gravemente. Venuta la mattina, il cavaliere entra nella camera della figlia e, veduto Galvano sano e salvo, ne prova dispetto e meraviglia, ma poi si mostra contento, quando il giovine gli ebbe detto il suo nome: perchè la sua spada, che già tanti cavalieri avea ucciso, non ne doveva però colpir il migliore:

Car il no devoit pas ocirre
 Lou miaudre quant il i viendrait.

Se Antonio Pucci avesse presente quest'episodio romantico, mentre stendeva il capitolo che segue qui appresso, e lo rifaceva a modo di novella, o s'egli avesse d'nanzi a se un fabliau francese, che più confaceva all'indole del suo racconto, non è facile decidere. Ma nell'uno e nell'altro caso è impossibile negar una certa relazione fra il capitolo ed il poemetto. La favola del castellano che ha in uggia le contradizioni, è la stessa in ambedue; *Galvano* è rimutato in un tal *romano*, ed è sparita ogni traccia del re Artù e della Tavola Rotonda; la figlia del romanzo è divenuta sposa nel capitolo, e l'episodio della spada è rimosso, perchè non s'adattava all'assunto del novellatore, il quale, appropriandosi forse una materia antica, la foggiava di nuovo ad esempio « che essendo in casa d'altri s'ubbidisca sempre al signore di casa ». Tanto basti ad illustrazione del Capitolo, che è ristampato secondo la bella edizione che ne fece il Carducci. ¹

Un gentiluom di Roma una fiata
 Si mosse per andar alla ventura.
 Su una gran pianura
 Trovò un ricco e nobile castello,
 Ma era sera, e fame gli è abbondata.
 E come giunse a' fossi delle mura,
 Ei così alla sicura
 Dentro alle porte entrò, quel baron bello.
 E cavalcando si scontrò un donzello;
 E con gran reverenza il salutava.
 E poi il dimandava
 D'un buon albergo: ed egli rispondea
 Che in quel castello albergo non avea.
 — La cagion è che questo gran signore
 Che signoreggia il castello e 'l paese
 (Egli è tanto cortese!)
 Chiunque ci arriva vuole a sua magione,
 E fa a tutti quanti un grande onore,
 Questo ch'io dico è chiaro e ver palese.
 A tutti fa le spese,
 Chi si vol sia o di che condizione.
 Ma, non vi saprei poi dir la cagione,
 Busse e mazzate fa dar infinita
 A tutti alla partita. —
 Disse il Roman — Là mi conviene andare,
 Se mi dovessi tutto far fiaccare. —
 Al palazzo n'andava quel Romano.
 E quel signor, come l'ebbe veduto,
 A lui ne fu venuto,
 E disse — O gentiluomo, scavalcate; —
 E la staffa gli prese con sua mano.
 Lassollo fare il Roman, nè fu muto

¹ *Rime di M. Cino da Pistoia e d'altri del secolo XIV* ordin, da G. Carducci, pp. 460-3.

Rendergli un bel saluto.

Disse il signore al Roman — Ben vegnate :

Siete voi troppo lasso, o come state? —

E fello a' suoi famigli disarmare

E 'l caval governare.

Per man lo prese, e 'n sala l'ha menato,

Dov'era riccamente apparecchiato.

Venuta l'acqua, e quel signor dicea :

— O gentiluom, andatevi a lavare. —

Ed ei senza tardare

Presto facea il suo comandamento.

Lavossi quel Roman come volea,

E po' in capo di mensa lo fe' stare ;

E senza dimorare

A fare i suoi comandi non fu lento. ¹

Mangiato ch'ebbon con suo piacimento,

Vennono al tempo poi a un ricco letto.

Disse il signor perfetto :

— O gentiluomo, entrate in questa sponda: —

Ch'era dall'altra sua sposa gioconda.

Ed ei v'entrò, nè fe al dir diviso :

Ma quel signor da poi nel mezzo entrava,

E così si posava.

Al giorno chiaro ciascun s'è levato.

Lavossi quel Roman le mani e 'l viso,

E quel signor dell'acqua gli donava :

Ei non gliel contrastava.

Armossi tosto, e poi prese commiato.

Ma poco fu dal castel dilungato,

Che tornò indrieto con chiaro visaggio.

E disse — O signor saggio,

Perchè non mi hai tu fatto bastonare,

Siccome agli altri sei uso di fare? —

Disse il signor — Perchè non l'hai servito;

Chè il mio comandamento hai tutto fatto.

Ma egli c'è alcun matto

Che vuol esser signor di casa mia :

S' i' dico — toglì — i' son mal ubbidito.

Ma che io tolga ei mi risponde ratto ;

E par che sia di patto

Che a ciò ch'io dico tengan questa via.

E voglion pur del mio far cortesia :

Ond'io per questo gli fo castigare.

Tu hai saputo fare,

Ch' a' miei comandi non hai contraddiato :

E però non se' stato bastonato.

¹ Cf. *Le castoiment d'un père à son fils*, (Barbazan et Méon, *Fabl. et contes* II, p. 163) ;
- Beau père, dit li filz, comment Doit on respondre à la gent, Quant aucuns m'envie à mengier?...
Fai ce que il commandera, Qui que soit qui t'enviera. S'il est preudon de grant affaire, Tu ne
t'en doiz mie retraire ».

Canzon mia, di' — Chi non vuol bastonate.
 Chi arriva a casa altrui, ed egli piaccia.
 Quel che gli è detto, faccia.
 E faccial tosto senza far contese:
 Ch'egli è buono imparare all'altrui spese

È facile che questo esempio del Pucci non stia affatto solitario nelle letterature occidentali; ma i confronti mi sfuggono all'infuori del seguente, che io tolgo dalla raccolta delle Fiabe popolari russe dell'Afanasief¹. Meglio che un racconto popolare si dovrebbe ravvisarvi una delle tante novelle od esempi, i quali, cresciuti sotto il tetto borghese, si propagarono al di là, sia per tradizione orale o sia per iscritto, e, accettati al popolo, divennero come roba sua.

Ci fu una volta un contadino, che ebbe a nome Damiano e che molto amava ad azzuffarsi. Invitò un giorno un altro contadino a casa sua e, comandato alla moglie di allestir il pranzo, disse all'ospite, che voglia prender posto. — Non incomodarti per me, sor Damiano — dice quello, e Damiano invece di risposta a dargli una gran gotata: « in casa altrui s'ubbidisca al padrone ». Sedgono a tavola, Damiano intento a regalar l'ospite. Questi mangia, vede il padrone tagliar il pane, che gli pareva troppo, e dice: A che pro tagliar tanto pane, sor Damiano? Quegli gli dà un altro schiaffo, e così ad ogni sua contraddizione, ricantando sempre le stesse parole: che in casa altrui si ha da fare ciò che comanda il padrone. — Or ecco arrivar nel cortile un altro ospite: era mal vestito, ma accorto ed astuto. « Ben venuto, ben venuto, » gli dice Damiano, salutandolo dal perrone e già pregustando il piacere di una nuòva zuffa. « Scusi tanto, sor padrone, che sono entrato nella corte senza chieder permesso ». — È nulla, entri pure. — Questi entra e si mette a tavola e si fa regalare e fa tuttò ciò che gli vien comandato, di modo che non fu verso a Damiano d'appiccar la zuffa. Allora pensa ad altri mezzi: viene colla miglior veste che aveva in casa e dice allo straniero: Svestiti e togli questo — pensando fra se che non l'accetterebbe di certo. Ma quegli ubbidisce, e così via, sempre intento agli ordini del padrone. Al fin dei conti Damiano gli comanda di montar un buon cavallo che aveva, lasciandogli in cambio il suo ronzino che non valeva nulla. Quegli ubbidisce ancora, mentre Damiano crede proprio sognare: dice allo straniero che s'abbia ad andar via — e quegli parte; ma quando era già fuori del cortile, sprona il cavallo, gridando all'oste: Accusa te stesso, Damiano, chè il diavolo non v'è per nulla.

ALESSANDRO WESSELOFSKY.

¹ Afanasief, *Racc. popol. russi*, nuova ed. III, p. 521-2.

VARIETÀ.

RIPENTAGLIO.

Il Diez (*E. W.* II 58) identifica questa voce col fr. *repentaille* (da *repentir*), cosicchè *porre a ripentaglio* vorrebbe propriamente dire " esporre al pentimento o alla penitenza ". Senza ricorrere a questa sottigliezza io dividerei dalla francese la voce italiana, per conmetterla coll'agg. *repente* che il Manuzzi come il Fanfani definiscono " erto, ripido " e che si trova in tal senso usato in iscrizioni molto antiche e, secondo il Fanfani, ancora si usa dal popolo. Sicchè *porre a ripentaglio* vale " porre a perpendicolo, ovvero sul pendio, cioè sull'orlo del precipizio " ossia " porre a gran pericolo ". Si confronti ancora *rischio*, *risico* e *risicare* da *resecare* collo spagn. *risco* " scoglio, rupe scoscesa ".

ARBUSCELLO.

Il Diez (*Gramm.* I 231) spiega *arbuscello* da * *arbustellum* e sarebbe unico esempio di alterazione di *st* in *sci* davanti ad altra vocale che *i*. Ma l'esempio è illusorio poichè la forma antica della voce è *alboricello* (Crusca, Fanfani) da cui l'ant. milan. *arborxello* (Bescapè) e tosc. * *arborcello*, *arbochetto*, scritto, secondo la pronuncia toscana, *arboscello* o *arbuscello* (cfr. *cucitura* e *cuscitura*, *camiscia* e *camicia* ecc.). Quindi tosc. *arboscello* = ant. mil. *arborxello* (cfr. *rovescio* da *reversus*) = fr. *arbrisseau* = * *alboricellus*.

AGIO.

Agio s. m. " comodità ". Alle molte congetture messe innanzi da vari e discusse dal Diez, I 10 (cfr. *Romania* luglio 1875, p. 349), mi sia lecito aggiungerne un'altra. Le varie forme romanze, it. *agio*, *asio*, prov. *ais*, fr. *aïse*, port. *azo* conducono a un tema *asio* (*asia*). Ora è da considerare che l'italiano ha il nome femm. *ansia* " respiro affannoso " mentre i dial. tosc. danno *ascio*, *acio* " respiro, alito ", da

cui *ansciare, aciare* " respirare ". È chiaro che dall'aggettivo latino *anxius* venne il femm. *ansia* ed un masch. **ansio, asio*, donde da una parte *ascio, acio* e *asciare, aciare*, (cfr. *cascio, cacio* = **casium caseum*), dall'altra *agio* " respiro " poi " spazio da respirare ", indi " larghezza, comodità " (cfr. *cagione* = [oc]casione). Le idee di respiro, riposo e comodo sono molto affini. Si dice: far una cosa a respiro, pagar a respiro ecc. Così tosc. *scianto* " riposo " da *exhalitus*, sic. *esalu, riscialu* " riposo " da *exhalare* ecc. Franc. *aise*, prov. *ais* ecc. stanno all'it. *agio* da **ansio* come fr. *maison* sta a *magione* da *mansio*. Indi poi le forme avverbiali *adagio, a bell'agio*, le quali unite hanno dato origine al modo popolare *adagio Biagio* (= **blagio* = *bell'agio*). Lo stesso tema è in *amb-ascia, amb-ascio* " respiro affannoso " di cui spiegheremo altrove la prima parte.

ASSETTARE.

Assettare v. " disporre, collocare ". Il Diez da *secare sectus* " tagliare, partire " indi " ordinare " I 56. Sono qui da considerare ant. sic. *assittari* (*si assittava* " sedeva ", *Cron. sicil.* ediz. Di Giovanni, p. 66), ant. mil. *assetarsi* in Bonvesin (*Monatsber.* 1851, p. 7, e così in Bescapè), ital. *assitarsi* " collocarsi in sito che si confaccia a buon essere " (Tommasèo), ed anche *assituare* " lo stesso che situare " (Crusca), e nel toscano *acciottarsi* " sedersi " (Versiglia). Da *silus* prima **adsito -are* donde *assitto -are* o più regolarmente *asséto assetto* che condusse *assettare*, come *allégo* = *alligo* condusse *allegare* = *alligare*. Dalla forma *situare* per attrazione **siutare* **sciottare* e. col rinforzo di *ad-*, *acciottare* (cfr. spg. *viuda* = *vidua*).

CANTIMPLORA.

Cantimplora, fr. *chantepleure* s. f. " imbuto ". Secondo il Ménage da *chanter* e *pleurer*. Il Diez crede che la prima parte del vocabolo sia dovuta ad etimologia popolare, e che la voce italiana e spagnuola sia foggiate sulla francese. Veramente l'ital. dovrebbe essere *ciamplora*, se si trattasse di una voce popolare penetrata nella lingua per comunicazione orale. È a credere perciò che trattisi qui di un termine tecnico e perciò di origine semidotta, che poi il popolo alterò per la solita tendenza a modificare le voci secondo certe supposte etimologie. Col significato della voce francese abbiamo nell'alta Italia mil. com. pav. *pidria*, berg. *pedre*, com. *pledria*, friul. *plere* ecc. cui s'accompagnano i diminutivi *pidriòl, pedriòl*, tosc. *petriuolo* ecc. Queste voci hanno dato luogo a più congetture. Ingegnosissima è quella dell'Ascoli (*Studii critici* II, 96), il quale, fondandosi sull'identità originaria dei suffissi *tro- bro- fro-*, ammette due temi, cioè *ple-bro-* da cui *pevera* per *pievera*, e *ple-tro-* da cui, per ampliamento con un secondo suf-

fisso *-ia*, *pletria* che spiegherebbe *pledria*, *pidria* ecc. Questa opinione pare accolta dal Mussafia, *Beitr.* p. 89. Tuttavia questa congettura fondata sopra una promiscuità di temi al tutto ipotetici, non mi convince così da distogliermi dal tentare un'altra spiegazione. Il Ferrari propose per le voci ricordate, *impletorium*, che il Diez non trova, con piena ragione, fonologicamente soddisfacente, II 53. Tuttavia la difficoltà non è che nell'accento, e questa si può, a mio credere eliminare. Osservo anzitutto che nei dialetti del Nord quando un oggetto viene usato sotto doppia forma e dimensione, il piccolo, diminutivo o no, è di genere maschile, e il grande di genere femminile, considerandosi nell'oggetto grande un cotal principio generativo e quasi di maternità rispetto al piccolo. *Trivella* è il trivello più grande, *trivell* il piccolo; e la stessa relazione è tra *cortèla* e *cortell*, *sciopa* e *sciöpp*, *pignata* e *pignatt*, *piöla* e *piolètt*, *basia* e *basiött* ecc. Ordinariamente il processo derivativo è dal primo al secondo, ma talvolta, per analogia, anche dal secondo al primo; così *piöla* "pialla" viene da *piolètt* non al contrario, giacchè il mutamento di *a* in *o* sarebbe inesplicabile sotto l'accento, ma regolarissimo all'atona davanti a *l*; nella stessa maniera che si passò da *petrosellino* *petroselinum*, a *petrosello*, *pitursello* ecc. e non al contrario. E questo dovè più spesso aver luogo per quegli oggetti che, di piccole dimensioni in origine, presero poi, col progresso delle industrie o coi nuovi usi, dimensioni maggiori, onde si dovette trarre dal diminutivo prima in uso, un tema positivo formato per analogia di altri. In origine, usando solo piccoli vasi con piccoli imbuti, si diede la preferenza al diminutivo *impleturiolum*, da cui regolarmente *pidriöl*, *pidariol* ecc. Più tardi quando vennero in uso vasi grandi con grandi imbuti, questi si chiamarono con nomi di desinenza femminile cavati dai diminutivi, e così dal mil. *pidriöl* si fece *pidria*, dal romgn. *pidariol* *pidaria* ecc. Rimane perciò provato che *impletorium* (la prima sillaba è rimasta nel ven. *impiria*) fu in uso per "imbuto". La *cantimplora* era in origine un imbuto cilindrico con uno o più fori all'estremità per riempire lentamente un vaso e tale era prima il significato del fr. *chantepleure*. Era perciò un *impletorium* in forma di tubo o canna e fu chiamata *canna impletora* (impletoria) che poi il popolo alterò in *cantimplora* volendo vedere nella voce espresso il piangere o lagrimare che fa il tubo da' suoi piccoli fori, ciò che ha condotto a vedere nella prima parte il cantare.

Ci piace ora qui d'indicare alcune voci germaniche in uso nel toscano da aggiungersi all'elenco degli elementi stranieri dato dal Diez.

BUGNOLA "bigoncia, pulpito". Ted. *bühne*.

BURISTO "salsicciotto di sangue di maiale". Ted. *wurst*.

BUTTERO "pustola del vaiuolo"; emil. *bolla*. A. t. *bodele*, *blatera* "bulla" (Diefenbach).

CIDELO "solletico". Ted. *kitzel*.

CIUINO "porcellino". A. t. *swin*.

LOCHIO "soffio, alito". Ted. *hauch*, coll'articolo unito, come in *lamo*, *lellerà* ecc.

ORCA "specie di nave". A. t. *holchun*, *holechen* "navis actuaria". La stessa origine deve avere lo spag. *urca* che il Diez ravvicina al gr. ἄρκος, ed al lat. *orca* (cfr. Nerucci, *Dial. montal.* p. 247).

SCILACCA "colpo, percossa". A. t. *slac*.

SORNACARE O SORNACCHIARE "russare"; emil. *surnicè*. A. t. *snarken*, *snorken*.

SQUARRATO "fesso" (p. es. *voce squarrata* "voce fessa"); nap. *squarrare* "fendere". A. t. *skerran*.

TOGO "buono, acconcio"; lmb. *ciogo* "ottimo" (Biondelli, *Sagg.* p. 63), emil. *tiogo* (Ivi, 289), got. *daug* "es taugt" da *diugan* (Meyer, *Die gotische Sprache*, p. 702).

N. CAIX.

BIBLIOGRAFIA.

O NOUA *incercare de soluțiune a problemului ortograficu*, studiu filologico-criticu de G. L. FROLLO, Bucarest, 1875.

Un italiano da vent'anni domiciliato in Rumenia, e già noto per altri lavori filologici, tra cui importantissimo un dizionario rumeno-italiano-francese, ¹ è autore di questo scritto, per molti rispetti meritevole che se ne faccia considerazione dai romanisti. Se il problema ortografico è un problema molto serio per tutte in genere le lingue che abbiano raggiunto un certo grado di svolgimento, esso è in ispecial modo serio per il rumeno, nel quale, secondo che giustamente osservava già il Diez, l'alterazione fonetica è stata molto maggiore che non in qual si voglia altra delle lingue neo-latine. Oscillante fra il principio fonetico e il principio etimologico, la grafia rumena non ha legge fuori del capriccio degli scrittori, e il Kopitar ², già sino dal 1829, numerava tredici maniere di trascrizione, le quali mescolandosi insieme danno poi luogo ad una variazione infinita. L'autore stesso del libro di cui teniamo discorso, dichiara di non aver fatto uso nè della propria, nè dell'altrui ortografia, ma di una *creazione ibrida e bastarda*, secondo che glielo imponevano le necessità dello insegnamento e le difficoltà tipografiche. A dare una idea di quella incertitudine e di quella solutezza, basterà citare l'esempio addotto dall'autore a pag. 224 con la sola parola *naturau*

(sciocco, melenso) la quale, potendo ciascuna delle tre vocali oscure che vi si contengono essere ad arbitrio rappresentata con l'una o l'altra delle cinque vocali plenisonne, modificata da un segno diacritico, viene ad avere non meno di trecento trenta trascrizioni diverse. Si comprende di leggieri quanto una condizione si fatta di cose debba tornare di nocumento ad una lingua, la quale, ora appunto, si trova in un periodo travagliosissimo di svolgimento, e quale debba di conseguenza essere lo affaccendarsi dei grammatici e dei filologi rumeni intorno ad una quistione di tanto momento. Al libro del Sig. Frolo, non manca, fra gli altri meriti, quello della opportunità.

Noi non seguiremo l'autore lungo le 330 pagine del suo volume, chè l'angustia di una rassegna bibliografica non cel permette, ma daremo un cenno delle cose più importanti che vi si trovano. Prima di entrare nella quistione propriamente ortografica, egli discorre a distesa (e non inutilmente a parer nostro) delle riforme a cui viene assoggettata la lingua rumena, da parecchi anni a questa parte. Sono esse tutte ragionevoli? No di certo; e l'autore lo dice schietto, ricordando a riformatori troppo zelanti che le lingue non s'inventano, nè si rifanno con costruzioni aprioristiche. (p. 108-109). Egli sostiene che

¹ L'ultima parte di questa grande opera si stampa ora, se non erriamo, a Pest.

² Nei *Jahrbücher der Literatur* di Vienna, t. XLVI.

l'elemento dacico è inerente alla lingua rumena, e combatte con argomenti assai vigorosi la teorica ch'egli chiama dell'*iperlatinismo*, ossia la teorica di coloro che vorrebbero senz'altro ricondurla al materno latino (il classico o il volgare?). Forse in questa parte, e nella trattazione di alcuni generali problemi della scienza del linguaggio, l'autore si distende un po' più del bisogno; ma non si vuol dimenticare che il suo libro, se è destinato a porgere materia di studio a' romanisti de' varii paesi d'Europa, a cui le dottrine generali son *quotidianus victus*, è destinata anche più a contribuire alla soluzione di un grave problema filologico in un paese dove gli studii filologici han messo stanza pur ora.

Egli discorre quindi del problema ortografico in genere, ed anche qui si distende forse un po' troppo sulle varie maniere di grafismi, sull'ideografismo, sul sillabismo, sull'alfabetismo, e dalla discussione teorica del subbietto trae la conseguenza che la ortografia detta etimologica debba ragionevolmente cedere il luogo alla ortografia fonetica. Egli è un dichiarato fautore del fonetismo, e contro agli avversarii suoi, quale il Ciparu, si giova dell'autorità del Diez, dell'Ascoli, dello Schuchardt, del Mussafia. Egli risponde alle obiezioni che comunemente si sogliono fare al sistema fonetico, e mostra la incosistenza del sistema etimologico, il quale, mentre vuol mantenere immutata la lettera, bisogna poi che le metta intorno un corteggio di segni diacritici per determinarne il valore. Ecco le accuse principali ch'egli muove al sistema contro cui combatte. L'etimologismo è un processo ingiusto del passato contro al presente; esso è una falsificazione del vocabolario, perchè ristabilisce la forma arcaica là dove il significato s'è venuto mutando insieme con la costituzione fonetica del vocabolo, e quando, a voler essere conseguenti, bisognerebbe restituire questo in tutti i suoi valori primitivi: esso adultera la grammatica; esso impedisce l'unità della lingua; non permette una ortografia stabile; toglie fles-

sibilità alla scrittura; nega il carattere e l'ufficio della notazione alfabetica. L'autore chiude la sua discussione teorica con dire che al principio fonetico non si possono far restrizioni se non nel solo caso (quale non è certamente quello del rumeno) di una lingua cui vada congiunta una letteratura abbondante, antica, e molto diffusa (p. 257).

Nell'ultime novanta pagine del suo volume l'autore tratta la quistione concreta dell'ortografia rumena. Comincia dalle due vocali oscure notate dal Diez *ç* ed *ȳ*, le quali in particolar modo diedero da fare agli ortografi, ne tesse brevemente la storia citando l'opinione del Lepsius della origine turanica, critica le notazioni del Diez, del Lepsius, dell'Ascoli; poi, facendo osservare che nell'uso non è serbata precisa distinzione fra loro, e che a rappresentarle non è ragionevole scegliere piuttosto l'unò che l'altro dei cinque segni *a, e, i, o, u*, propone di notarle col segno dell'afèresi, cioè a dire con l'apostrofo. L'*i* palatale vuole si segni *i* e non *j*, giacchè *j* ha ora il suono francese. Per la notazione delle combinazioni vocaliche, parecchie delle quali sono abbandonate dalla presente fonologia della lingua, egli segue in generale il Lepsius. Adotta il *ʃ* in luogo del *ts* del Diez, i suoni palatali del *c* e del *g* segna con *ç* e *ȳ*.

Duolci di non poter seguire l'autore in questa parte, certo la più importante, del suo libro. Noi non sappiamo se le proposte sue abbiano incontrato favore in Rumenia, ma gli è certo che il suo sistema ha, fra gli altri pregi, quello di una grande semplicità, e ch'esso facilita di molto la lettura, specialmente agli stranieri.

Della erudizione dell'autore non facciamo parola. Solo a prendere in mano il suo volume si vede che non è parte della linguistica a cui egli sia estraneo.

Con tanta scarsità di lavori filologici sul rumeno, questo volume, ricco di giuste osservazioni e di notizie, che non si potrebbero trovare altrove, è un buon contributo alla scienza, è un servizio reso a' suoi cultori.

LE ANTICHE RIME VOLGARI secondo la lezione del Codice Vaticano 3793, pubblicate per cura di A. D'ANCONA e D. COMPARETTI. Bologna, Romagnoli. 1875. vol. I.

Al Prof. Ernesto Monaci. — Sono qui a mantenere la promessa che ti feci di mandarti qualche appunto che ho preso sul volume delle Rime Antiche. E prima di tutto, naturalmente, noi dobbiamo esprimere la nostra gratitudine a chi ci ha data questa pubblicazione, la quale, come dicono benissimo gli editori, potrà diventare principale fondamento ad una futura edizione critica degli antichi rimatori. Noi abbiamo per la prima volta un testo a stampa di nostri antichi poeti il quale siamo sicuri che corrisponde scrupolosamente al testo manoscritto: questo è già molto, è anzi, diciamolo francamente, quel più che nelle condizioni attuali di siffatti studi poteva esserci dato. Se tra otto o dieci anni l'edizione critica dei poeti del secolo XIII non sarà fatta, la colpa sarà di tutti noi. E pur troppo di tali colpe ne pesano molte sui letterati italiani; ed è un dolore e un danno incalcolabile che non si pensi ancora a cominciare quel lavoro scientificamente critico sui nostri testi che manca affatto, e dal quale solo potrà uscire la vera filologia italiana, il dizionario storico della lingua (che dopo tanti secoli di Crusca non esiste e non può esistere), ed anche, in parte, la storia della letteratura. Sul metodo tenuto dagli editori io non trovo nulla da dire. Capisco che una edizione diplomatica sarebbe stata, da un punto di vista, più utile; ma capisco ancora che il tempo delle edizioni diplomatiche forse in Italia non è ancora arrivato. Del resto poi il testo esatto del Codice è sempre dato a piè di pagina, e questo basta; come sono pur date le varianti delle raccolte a stampa: principio di quell'apparato critico che, speriamo, si completerà a poco per volta colle varianti dei mss., alcune pochissime delle quali io offro intanto qui agli studiosi.

La prima poesia del Cod. Vat. è quella che comincia "Madonna dir vi voglio", attribuita al Notaro Giacomo da Lentino. La lezione del V nei versi 6, 7, 8 ci sem-

bra meno buona di quella del P che ha: "in tante pene è miso — ke vive quando more — per ben amare e tenesel a vita", conforme alla lez. del LR, eccetto che nel primo verso, che è invece: "che 'n tante pene è mizo". Il v. 11 nel LR è: "assai più spesso e forte"; il v. 13: "per voi madonna c'ama". Il v. 16 nel P: "donqua vostr' amistate vide male"; "vidi", nel LR. I vv. 17-18 nel P: "del mio innamoramento — alcuna cosa ò detto"; il v. 18 nel LR: "non po pareri detto", o forse "parer i' detto". Il v. 19 nel LR: "ma si come lo sento"; e il v. 21: "E ccioh ch'eo" ecc. Al v. 22 il P: "constrecto". Il v. 24 nel LR: "foc'h'aio al cor non credo mai si'stingua". Qui metterei non due punti ma virgola, perchè il senso continua direttissimo. Il v. 25 nel LR: "anse se pur alluma"; il v. 26: "e mai non me consumma". I vv. 27-32 nel LR: "la salamandra aldive — che 'n fra lo foco vive stando sana — eo si ffo per long' ozo — vivo 'n foc' amoro — e non so che mi dica — lo mio lavoro spica e non ingrana". Nel P il v. 29: "ed eo già per lungo uso"; al v. 32: "... e no mi grana". *Aldive* per *audivi* deriva certamente dal copista fiorentino, come *aldace* per *audace* ecc. Non è senza importanza anche il *si ffo*; su di che è da vedere quello che ne scrisse molto bene il prof. D'Ovidio, in un fascicolo del *Propugnatore* di Bologna. Il v. 34 nel LR: "ch'eo non posso avvenire". I vv. 37-40 nel P: "e paremi uno spirito — k' al cor mi fa sentire — che giamai non è chito — s'eo non posso trar lo suo sentore". Nel LR: "cha ssi com om pruditto — lo cor mi fa sentire — che giamai non è quito — mentre non po tocchare il suo sentore". Non saprei decidermi, tra queste varianti, quale sia la migliore. Nè il senso è chiaro. Forse potrebbe intendersi che l'Amore gli pare uno spirito, il quale gli fa sentire che il suo cuore non sarà mai *quito*, quieto, tranquillo, finchè

non possa giungere alla cognizione, al sentore, di lui: finchè, in altre parole, non intenda perfettamente quello che l'Amore è. — Nei vv. 41 e 43 il LR: "torba e storba". Il v. 43 nel P: "però che gli dispiacie". Il v. 45 nel LR: "che non fa per natura". I vv. 47-48 nel P: "e non è da blasmare — hom ke cade in mare ove s'aprende"; il v. 48 nel LR: "omo che cade in mare a che s'aprende". Questi due versi non mi pare che abbiano legame nessuno coll'autecedente della strofa, mentre hanno legame chiarissimo colla strofa che segue. Quindi metterei punto dopo *pintura* e leggerei col P: "e' non è ecc. homo ke cade ecc."; cioè: l'uomo che cade in mare, a qualunque cosa si apprenda, non è da biasimare. E con questo lo scrittore si fa strada ai concettini, ai *seicentismi* della strofa seguente. Il v. 51 nel LR: "èssi como la nave", lezione assolutamente preferibile a quella del V. Il v. 53 nel LR: "e campan per lo getto". Il v. 57 nel LR: "ke s'eo nol gli gitasse"; nel P: "chè ss'eo no li gitasse". I vv. 58-59 nel LR: "parrea che forfondasse — e bbene forfondara". I vv. 61-69 nel P: "ke tanto frange a terra — tempesta e poi s'attera". Il v. 63 nel P: "ed io cosi mi frango"; nel LR: "ed eo cosi rinfrango". Il v. 66 nel LR: "a voi bella spietata". Il v. 68 nel P: "... dispiacerei voi pinto": forse lo scrittore ha voluto dire: credo che io vi dispiacerei tale quale mi sono dipinto a voi. Il v. 71 nel P e nel LR: "non minde lasso". Al v. 72 nel LR: "amor" invece dell'"amar" del V. I vv. 73-74 nel P: "ben vorria k'avenisse — che lo meo core escisse"; nel LR: "vorria c'or avenisse — che lo mio cor escisse". Il v. 75 io non lo scriverei come lo hanno scritto gli editori, ma: "com'è 'ncarnato tutto", e intenderei: che uscisse tutto, come è in carne, come è dentro al mio petto. Il v. 76 nel LR: "e no facesse moitto". Nel v. 77 il LR: "a tal l'adusse". Il v. 78 nel LR: "ca sse vipera i fusse". Il v. 80 nel P: "ella mi vederia fora pietosa".

La seconda poesia del V. pure attribuita al Notaro Giacomo, è quella che

comincia "Maravigliosamente — un amor mi dstringie". Il v. 3 nel P: "e mi tene ad ogn'ora". Nel L: "et soven ad ogni hora"; nel LR: "e ssovena doguora". Avverti che alle rime il L ha: "pinctura, figora"; il LR: "pintora, figora". Il v. 4 nel P: "kom on ke pone mente", e il v. 6: "in altro esempio e pingie". Nel P. il v. 8: "ken fra lo core meo". Il v. 10 nel L: "allo cor par ch'eo porte"; uguale nel LR. Il v. 11 nel P: "piuta come parete"; nel LR: "como"; nel L: "pincta como farete". Il v. 13 nel P: "o deo ko mi par forte"; nel L: "et molto mi par forte"; uguale nel LR. Sarebbero due sensi diversi. La lez. del V parrebbe voler dire: anzi il mio viso rende somiglianza, immagine di morte. La lez. del L: e questo (cioè che non apparisca di fuori) mi pare molto strano. Preferirei per il senso la prima. Il v. 14 nel L e nel LR: "non so se vi savete", e mi pare migliore della lez. del V perchè non si capisce che relazione ci sia tra il v. 13 e il 14. Quindi alla fine del v. 13 metterei punto. Al v. 20 nel L e nel LR: "una figura"; e al v. 23 negli stessi codd.: "quella pintura", il che pure mi par preferibile. I vv. 25-27 nel P: "kome quello ke crede — salvarsi per sua fede — ancor non vegia inante". Il v. 27 nel LR: "ancor non v'à davante". Mi pare oscuro. Forse si potrebbe intendere: come uomo che crede salvare, custodire il proprio amore, per la fede che ha in esso, sebbene non abbia davanti l'oggetto di questo amore. O forse: io guardo il vostro ritratto, e mi par di aver voi davanti a me, simile all'uomo che ha fede, e a cui basta la fede, sebbene non vegga nulla davanti a sè. Ad ogni modo, alla fine del v. 24 metterei non punto, ma virgola, perchè il senso continua. Il v. 28 nel P e nel LR: "al cor m'arde"....; nel L: "allhor m'arde".... . I vv. 29-30 nel P: "com on ke te lo foco — in del suo seno ascoso". Il v. 32 nel L e nel LR: "tanto prende pid loco". Al v. 33 il P: "incluso"; il L: "rinchioso"; il LR: "rinchiozo". Avverto qui che la quinta strofa del V è la sesta nel P, nel

L e nel LR; e la sesta del P, del L e del LR è la quinta nel V. I vv. 37-38 nel L e nel LR: " assai v'aggio laudata — madonna in tutte parte ". Il v. 41 nel L e nel LR: " ch'io lo faccia per arte ". Il v. 42 nel P: " ke voi pur v'ascondete ". Il v. 43 nel L e nel LR: " aggiate lo per sengua ". Il v. 44 nel L: " ciò che vo dire a lingua "; nel LR: " ciò che voi dire a lingua ". Al v. 45 il LR: " vedite ". Non è certo molto chiaro. Io intenderei: non so se vi è detto che io lodi le vostre bellezze, per arte, per finzione, poichè voi ve ne dolete (o vi nascondete); invece, abbiatelo per seguio di quello che vi dirò colla lingua quando potrò vedervi. E ad intender così mi conferma la lez. del P che ha: " quando voi mi vedrete. " Il v. 46 nel LR, nel L, nel PM: " si colpo quando passo "; nel P: " s'eo guardo quando passo. Il v. 48 nel P: " bella per risguardare "; nel LR e nel L: " ... per voi guardare ". Il v. 50 nel P: " gecto un gran sospiro "; nel L: " si gitto un gran sospiro ". È noto che il Nannucci spiega " si colpo ": se colpisco, se urto, se m'imbatto. Da colpire a imbatarsi il salto mi pare troppo lungo. E non so neppure quello che vorrebbe dire: se m'imbatto in voi, non mi giro per guardarvi. Il ritrovarsi in tre codici questo *colpo* fa supporre che non sia errore. Potrebbe credersi che avesse da leggersi " s' i' colp' ò "? O forse sarebbe questa parola un avanzo del dialetto nel quale doverono essere scritte originariamente queste rime? In alcuni dialetti meridionali il vb. *colpà* (colpare) significa essere colpevole. Si dice per es. i' no nge colpe, io non ci colpo, io non sono colpevole. E il senso, in tal caso, non sarebbe troppo difficile a intendersi: se sono colpevole quando passo, se faccio male a passare, badate però che io non mi giro a guardarvi, ma mi contento, andando, di gettare ad ogni passo un sospiro. E sopra aveva già detto (v. 35): " quando passo e non guardo ". La lez. del V: " se siete ", non so che cosa potesse voler dire; e meno ancora quella del P: " s'eo guardo ". I vv. 52-53 nel P: " e certo ben cognosco — k apena mi cognosco ". Il v. 52

nel L: " et certo bene angoscio ". Il v. 54 nel L e nel LR: " tanto forte mi pare ". Il v. 55 nel LR: " mia chasonetta fina ". I vv. 57-60: " moveti la maitina — davante a la più fina — fiore d'ogni amorosa — bionda più c'auo fuo ".

La terza poesia " *Guiderdone aspetto avere*, " che il V. attribuisce a Notaro Giacomo, è attribuita a Rinaldo d'Aquino dal P e dal R. Il v. 1 nel P: " guiliardone aspetto avere ". Il v. 2 nel P e nel R: " da voi donna... ". I vv. 4-5 nel P e nel R: " ancorchè mi siate altera - sempre spero avere intera ". Il v. 11 nel P e nel R: " homo di poco affare ". Accettando questa lezione, bisognerebbe al v. 12 scrivere " pervenire ", e alla fine di esso fare o punto e virgola o due punti. Il v. 13 nel P e nel R: " se si sape avanzare ". Il v. 14 nel P: " multiplicar lo poco k'à 'quistato "; nel R: " et multiplicar lo poco c'ha avanzato ". Il v. 18 nel P: " di bon cor la leanza "; nel R: " di bon core è la leanza ". Il v. 19 nel P: " e la speranza mi mantiene "; nel R: " ch'io vi porto et la speranza ". Il v. 21 nel P e nel R: " però non... ". Il v. 24 nel P e nel R: " ... come ò decto ". Il v. 27 nel P: " lo laido dire ke vene "; nel R: " lo laido dir che vide ". Il v. 28 nel P e nel R: " da dona troppo fera aspetto pace ". Il v. 29 nel R: " s'io pur spero allegranza ". Il v. 32 nel P e nel R: " fina donna no mi siate ". Il v. 33 nel P e nel R: " ... poi tanta beltà ". Il v. 40 nel P: " nodruto e insegnato "; nel R: " nodrito ed ... ". Il v. 42 nel P: " orruto e dispresiato e posto a grave "; nel R: " orrato e dispregiato et posto a grave ". Il v. 43 nel P e nel R: " fina donna... ". Il v. 51 nel P: " quando voi tegno mente " (= quando vi guardo. Cf. moderni dialetti meridionali); nel R: " quando eo voi tegno mente ". Il v. 55 nel P e nel R: " di ciò ke m'ataleanta ".

La quarta poesia del V. è quella che comincia *Amor non vol ch'io chuni*, ed è attribuita al Notaro Giacomo anche dal LR; le cui varianti sono pochissime e di nessuna importanza. L'interpretazione di questa poesia non è facile. Dirò quel poco che è riuscito di intenderci a me. Amore

non vuole che io chieda mercè, come tutti chiedono, come è di moda il chiedere (*merceyar* dei provenzali); e non vuole neppure che io mi vanti del mio amore, come pure tutti si vantano. E questo perchè? Perchè il servire (ad Amore) in quel modo che tutti sanno fare, non ha rinomanza (*renom, renomada*); e perchè non è pregio lodare quello che sa lodare ognuno. Un tal dono, un dono uguale a quello di tutti gli altri, io non vorrei presentarlo a voi, bella. Non c'è difficoltà per i versi 11-18. I vv. 19-20 nel LR sono "ch'este santa di savori - merzè per troppa usanza". Ma tanto il "santa di savori" che il "scinta di favori" del V che senso danno? Avevo pensato a *scinta* come un possibile participio del vb. siciliano *scimviri*, discendere. Ma più probabile mi pare che invece di "scinta" sia da leggere "sciuta" uscita, cioè, per il troppo uso di chiedere mercè, essa è uscita di favore. E ad intendere così mi conferma la strofa seguente, dove il poeta, seguitando questo concetto, dice: tutte le cose sono più preziose quanto più sono rare; lo zaffiro orientale, sebbene abbia minori virtù delle altre pietre, vale, per la sua rarità, più delle altre. E perciò il mio cuore "non v'aciede ne le merzede", forse, non vi si rivolge per chiedervi mercè, perchè l'uso le ha invilite. E qui nuovo paragone coi "scolosmini" (forse *crisolithini* per *chrysolitho?*), un

tempo stimati "si gai e fini", ed oggi senza pregio. Perciò l'uso di chiedere mercede sia ristretto; non ci sia in nessuna parte chi la chieda. Affinchè queste che ora sono gioie vecchie "invilute", tornino a parere "gioie nuove", non sieno "trovate", cantate da nessuno "i' nulla parte"; tutti gli "amadori" stieno almeno nove anni senza chiedere mercè alle loro belle. Anche senza che io vi chieda mercè, voi "potete - saver, bella, l' mio disio, - c' assai meglio mi vedete - ch'io medesimo non mi vio". E però se a voi paresse che per ottenere il vostro amore non ci dovesse essere altro mezzo che questo, "unque gioi' non ci perdiate", non vi affliggete di ciò; io vi assicuro che, se solamente a questo patto volete la mia amista, io vorrei prima morire, che fare come fanno tutti gli altri. Non so se la mia interpretazione sia giusta. Ma se fosse, mi pare che sarebbe evidente il tuono sarcastico del poeta contro la moda letteraria del tempo. Quel paragone colle scimmie; quel dire che l'uso ha invilito questa maniera di esprimere l'amore; quel soggiungere, stiamo almeno nove anni senza chiedere mercè; e l'uscita finale, a me accennerebbero un tentativo di rivoluzione nell'arte poetica: e quindi dubiterei un poco che la canzone fosse del Notaro da Lentino.

ADOLFO BARTOLI

Spiegazione delle sigle.

V Codice Vaticano 3793

P Cod. Palatino Magliabechiano 418

L Cod. Med. Laurenziano Plut. 90, 37

LR Cod Laurenziano Rediano IX, 63

PM Cod. Palatino Magliab. 204.

Allo scritto del mio valente amico io mi permetto di soggiungere qui alcune brevi considerazioni spettanti la pubblicazione del famoso codice. Imperocchè tanta per noi è la importanza di quest'opera, che tutto ciò che in essa potrebbe essere soggetto di osservazioni, credo stretto debito della critica il sottoporlo a disamina. Il cod. vat. 3793, per dirla con uno dei più esperti bibliografi di antiche rime vol-

gari, a nessuno forse secondo per vetustà, tutti poi supera nella copia delle poesie, il cui numero qui tocca il migliajo, ed è l'unico, s'io non m'inganno, dei vecchi canzonieri italiani che in mezzo alle tante produzioni della scuola aulica pur ci offra uno scelto manipolo di altre produzioni, che più o meno ci rappresentano il genere popolare. Basti fra tutte ricordare la celebre cantilena a dialogo attribuita a Ciullo

d'Alcamo, alla quale sebben da taluno anch'oggi si contenda gagliardamente il carattere di popolare, pur converrà sempre riconoscere certe qualità che, punto comuni alle altre poesie di stile cortigianesco che la circondano, fanno questa vigorosamente risaltare su quel fondo monotono agli occhi di quanti vogliono considerarla con calma e senza preoccupazioni. Tantochè; se pur non si voglia dirla popolare, bisognerà almeno confessare essere dessa un monumento *sui generis*, che non potrà mai venire classificato fra le tante poesie che compougono i canzonieri della scuola di corte. Ma su ciò in seguito, qui volendo dire in genere della edizione, si potrebbe disputare se il metodo strettamente diplomatico piuttosto che quello adottato dagli Edd. fosse stato da preferirsi. Gli Edd. crederettero opportuno accomodare il testo al maggior numero dei lettori anzichè al miglior uso degli studiosi, e il mio amico Bartoli è d'opinione che il tempo delle edizioni diplomatiche non sia ancor venuto per l'Italia. Nel che, sebbene io pensi un po' diversamente, parendomi che dove si fanno concessioni sempre ci perda la scienza e solo ci guadagnino quegli insetti parassiti che chiamansi *dilettranti*; tuttavia mi limito per ora ad osservare come non inopportunamente forse qui avrebbe avuto luogo una distinzione fra le poesie per le quali il cod. vat. è testo unico, e quelle altre più numerose che ricorrono, spesso con miglior lezione siccome precedentemente è dimostrato, in altri codici ancora. Invero, per le prime, non essendo da aspettarsi nuovi sussidj da mss., giovava addirittura darne una edizione definitiva in quel miglior modo che la odierna critica addimanda; laddove per le seconde, trattandosi solo di produrne una prima lezione per servire di base ad ulteriori raffronti, credo che la più scrupolosa fedeltà alla lettera del codice non sarebbe mai stata di troppo.

E per questo riguardo la presente edizione lascia alquanto a desiderare. Gli Edd. dichiararono di voler rispettare la lezione del ms., tranne il caso di irregolarità nella misura dei versi, o nei nessi o nelle rime.

Ritoccarono spesso anche l'ortografia, e ciò non solo allora che le varietà ortografiche riducevasi a sicure equazioni fonetiche, come in *chui* per *cui*; ma altresì quando verificavansi tali fenomeni che potrebbero rivelare ignote particolarità nella pronunzia dell'antico copista, od altro. Cito qualche esempio: *n* dav. ad *l* qui si trova spessissimo assimilato; quindi *bello* V 42 per *ben lo*, *illontano* IX 2 per *in lontano*, ecc. Sono costanti i raddoppiamenti consonantici dopo una nasale o una liquida: così *càmppane* I 55, *compie* IV 40, *penssa* V 54, *colypa* VII 20, *fortte* I 11, *ciertto* II 51, *parlla* V 74, ecc.; ovvero in principio di parola dopo certi monosillabi, come *di lloco* I 54, e *lle* IV 35, *ca ss'io* V 19, *se flosse* VI 4, ecc. Frequenti pure, in altre condizioni, gli sciempiamenti, come *richuto* XVII 1 per *riccuto*, *diletamento* XVII bis 22, *fata* XXI 18 per *fatta* ecc. — Ora, di questi e di altri simili fatti non giovava tenere maggior conto, ed anzichè confinarli, nè ciò fu fatto sempre, in nota, lasciarli dove si trovavano? Non possono essi quandochessia offrire alla critica preziosi indizj, vuoi per indagare la patria del codice, vuoi per meglio discernere i suoi rapporti con altri codici, vuoi per misurare il grado delle alterazioni che possa aver patito la forma originaria delle composizioni? Eppoi, siamo noi certi che quelle maniere di scrittura, in tutto od in parte almeno, non poterono essere proprie anche degli autori di quelle poesie? Le carte notarili in volgare che abbiamo di quei tempi o presso, ben ci farebbero ammettere siffatta possibilità. E, in ogni caso, non sarebbe sempre più sicuro consiglio, fino a che la critica non avesse deciso, il lasciare le poesie nell'ortografia di uno scrittore del loro tempo, piuttosto che ritoccar questa secondo le norme di una ortografia posteriore, ossia della moderna? Tanta poi è la utilità che nello studio di un testo può recare la osservazione delle più minute particolarità di un ms., che avrei rispettato anche gli errori più evidenti di scrittura, come *orgoglio* I 3 per *orgoglio* ecc. salvo a darne la correzione in nota; e tanto più avrei lasciato forme

quali *cominzare* (VI 15, 16, 18 ecc.) per *cominzare* che la grammatica storica trova giustificabili sebbene la Crusca non le ammetta, o quali *destengnare* XXXVI 6 per *desdengnare* ed altre simili, ove si riconoscono vestigi dialettali.

Quanto al riordinamento dei nessi non si potrebbe dissentire da come operarono gli egregi Editori. Ma ben può cader dubbio su ciò che sempre fu fatto nella misura dei versi e spesso nelle rime. Versi come i seguenti:

Non è valenza fare male a sofrente vi 4
Che tornano di loro discanoscenza vi 11
Dunque saria più giènte la gioia mia vi 29
Quando con voi a sòlo mi sto avenente xxiii 47
Ogn'altra gioia mi pare che sia neiente xxiii 48 ec.

nei quali cioè una sillaba atona soprannumeraria tien dietro alla sesta sillaba accentata, non possono dirsi sbagliati come non lo sono i decasillabi provenzali che ci presentano lo stesso fatto. Ond'è che conveniva lasciarli tali quali li dà il codice, e con essi gli altri pure che offrono simili apparenti irregolarità. Non foss'altro avremmo così accumulato utili materiali per lo studio, ancora da farsi, dell'antica versificazione italiana, ove restano pure tante incognite da dichiarare.

Fra cotali incognite non è una delle meno interessanti quella delle rime. Il lungo e vario processo di questo fenomeno che, prese le mosse fin dai tempi della classica latinità, viene via via sempre meglio determinandosi e guadagnando terreno fino al punto da diventar l'anima della versificazione moderna, e fra noi giunge al suo più completo ordinamento nel sec. XIV, domanda, innanzi quel tempo, di essere seriamente investigato nelle sue condizioni storiche. Il cod. vat. siccome tutte le altre antiche raccolte di poesie italiane del sec. XIII, offre spessissimo delle rime che consuonano fra di loro imperfettamente. Eccone un saggio che ci porge lo spoglio delle prime otto cauzioni:

I <i>preso</i> : <i>miso</i>	V <i>vedesse</i> : <i>part'sse</i>
» <i>uso</i> : <i>amoroso</i>	» <i>velglio</i> : <i>pilglio</i>
» <i>disio</i> : <i>cre(i)o</i>	» <i>re(i)o</i> : <i>disio</i>
» <i>tutto</i> : <i>motto</i>	» <i>srpesse</i> : <i>morisse</i>
» <i>adusse</i> : <i>fosse</i>	» <i>sovenite</i> : <i>sete</i>
II <i>disio</i> : <i>re(i)o</i>	VI <i>schusa</i> : <i>cordotylosa</i>

» <i>inchiuso</i> : <i>amoroso</i>	VIII <i>diffide</i> : <i>merzede</i>
III <i>avere</i> : <i>servire</i>	» <i>cherere</i> : <i>dire</i>
» <i>perisca</i> : <i>incresca</i>	» <i>plui</i> : <i>voi</i>
IV <i>ciascuno</i> : <i>dono</i>	
» <i>disio</i> : <i>veo</i>	
» <i>avere</i> : <i>morire</i>	

Tutte queste rime e moltissime altre nel seguito, furono dagli Edd. quasi sempre corrette, e di *preso*, per es., si fece *priso* perchè consuonasse meglio con *miso*, di *amoroso* si fece *amoruso* perchè meglio rispondesse ad *uso*, e così via via. Ne senza ragione, credono gli Edd.; poichè avendosi qui delle rime di siciliani, le quali non poterono essere dettate in toscano, e tornando quelle rime perfette non appena voltate secondo il parlare di Sicilia, si fa chiaro che la restituzione imponevasi naturalmente da sè e che non poteva essere più sicura. Sul che mi consentano quegli egregi che qui si sollevò qualche objezione. E primo: non tutte quelle rime siciliane si acconciano alla restituzione. Resiste per es. *velglio* V 81 che risponde a *pilglio*, resiste *merzede* VIII 2 che risponde a *diffide*, resiste *cherere* VIII 7 che risponde a *dire*, e così resistono altre. Di più: le stesse rime imperfette che soltanto il dialetto siciliano agguaglierebbe, occorrono ancora in rime di origine non siciliana. Ecco per es. Paganino da Serazano, n. xxxvi, che ci dà *volere* : *servire*, *avesse* : *sentisse*, *corrotto* : *pestituto* : *disdotto*; ecco mess. Jacopo Mostacci, pisano, che ci presenta una canzone, n. XLIV, di tre strofe, dove le rime, sebbene ordinate ad uscire tutte come nella strofa prima, pur ci offrono le solite differenze, secondo apparirà qui sotto:

st. 1	st. 2	st. 3
1 <i>cantare</i>	<i>dimostrare</i>	<i>astutare</i>
2 <i>plagiare</i>	<i>venire</i>	<i>podere</i>
3 <i>furato</i>	<i>comfortato</i>	<i>comiato</i>
4 <i>partire</i>	<i>dire</i>	<i>compiere</i>
5 <i>laudare</i>	<i>rischiare</i>
6 <i>coverire</i>	<i>vedere</i>	<i>perire</i>
7 <i>grato</i>	<i>edotrinato</i>	<i>prolungato</i>
8 <i>parere</i>	<i>vedere</i>	<i>disputaciare</i>
9 <i>valente</i>	<i>amorosamente</i>	<i>benvolglicente</i>
10 <i>cerretamente</i>	<i>plagiante</i>	<i>consente</i>
11 <i>pesanza</i>	<i>leanza</i>	<i>conerianza</i>
12 <i>allegranza</i>	<i>abondanza</i>	<i>sicuranza</i>
13 <i>cieratamente</i>	<i>mantenente</i>	<i>allegramente</i>
14 <i>abbonanza</i>	<i>barbonza</i>	<i>namoranza</i>

Qui i vv. 2, 4, 6, 8 di ciascuna strofa che, come già dicemmo, dovrebbero avere una

Le precedenti considerazioni, nelle quali mi dilungai anche di troppo, mostreranno almeno, s'io non erro, quanto difficile e quanto pieno di rischj sia quel metodo di pubblicazione adottato in questo volume, dove si volle tenere una via di mezzo tra la edizione critica e la edizione diplomatica, e giustificheranno me nella opinione che fino a tanto che di un testo come il presente non sia possibile una edizione critica, convenga rinunciare a qualunque tentativo di emendamenti parziali e temporanei; nè basti il dire che ciò che fu tolto dal testo lo si ritrova nelle note, essendo questo uno spediente che se giova per riparare in avvenire, lascia peraltro sempre correre come erroneo ciò che ancora non fu dimostrato per tale. e più o meno preoccupa un officio che dagli Edd. si volle riservato ai critici futuri.

E null'altro ora mi resterebbe da aggiungere se al principio di queste linee non avessi sospeso il discorso intorno ad un punto che tuttora fortemente divide le opinioni di alcuni dotti. Parlo del Contrasto attribuito a Ciullo d'Alcamo. Varj scrissero di questo poemetto in addietro, e vi furono molte parole vane, molta erudizione, molto patriottismo, molte corbellerie ed altre cose ancora. Ma dopo il De Angelis, il Di Giovanni, il Vigo, Grion, il Frosina-Canella vennero il Bartoli e poi il D'Ancona che ne trattarono in ben diverso modo. Il D'Ancona in ispecie, nel vol. di cui qui si parla, dedicò al Contrasto un ampio studio (213 pagg.), bellissimo esempio di dissertazione letteraria che meritò lodi non volgari quali quelle che gli tributava nella *Romania* l'eminente critico francese G. Paris. Con questo lavoro pareva chiusa la lunga polemica su Ciullo. Se non che, poco dopo, per opera del prof. Caix, un altro studio appariva nella *Nuova Antologia* (Novem. 1875), in cui le conclusioni del D'Ancona erano vigorosamente impugnate. Laddove il D'Ancona aveva voluto provare che il Contrasto era un'opera d'origine tutta popolare e indigena della Sicilia, il Caix, giovandosi di copiosi raffronti tratti dalle pastorelle francesi e provenzali, concludeva che il Contrasto non

è se non una imitazione di quelle, e gli negava perciò qualunque diritto ad essere classificato fra le poesie di genere popolare. Il Paris nella *Romania* (V 125) riassumendo il contenuto di questo notevole articolo che s'intitola *Ciullo d'Alcamo e gli imitatori delle romanze e pastorelle francesi e provenzali*, osservava: « Les rapprochements auxquels il se livre (M. Caix) à ce propos sont fort intéressants; mais ses conclusions paraissent excessives. L'influence de la poésie lyrique française sur Ciullo, comme sur les poètes de la cour de Frédéric, paraît incontestable. . . mais il y a entre sa pièce et les pastourelles que nous connaissons des différences de ton et de forme qui semblent bien montrer qu'elle n'en derive pas directement. . . Ajoutons que plusieurs des rapprochements signalés par M. C., et dans le nombre quelquesuns des plus frappants, concernent des traits qui se retrouvent dans la poésie populaire et spontanée de toutes les nations. . . On a donc ici, à ce qu'il semble, comme l'a pensé M. D'Ancona, une composition qui se relie à l'ancienne poésie populaire sicilienne, mais — faut-il ajouter avec M. Caix, — qui a fortement subi l'influence étrangère ». Questa influenza straniera, nella Sicilia di fresco uscita dalla dominazione normanna e poi passata sotto quella degli Svevi, può dirsi che allora si respirasse coll'aria, e, anziché il contrario, dovrebbe sorprenderci che nessun eco delle romanze e delle pastorelle (il genere meno elevato della poesia di corte) non fosse giunto anche alle orecchie di chi poetava in mezzo al popolo e a sollazzo del popolo, e che questi non ne avesse raccolta qualche nota per abbellirne secondo la moda corrente le sue cantilene. Ma in qual diversa maniera la imitazione franco-provenzale apparisce nella poesia aulica e nel Contrasto! In quella la imitazione parte dal fondo e si svolge servilmente per tutta la tela, tanto che pensieri e parole non fanno che ricordarci la lirica trovatoresca. Se v'è punto di discrepanza è appena nella versificazione, ossia nella testura delle strofe, la quale, come già si accennò in questa stessa *Rivista* p. 115,

in Italia segue, pur modificandosi via via, un'antica maniera popolana che troviamo nel Contrasto. Nel Contrasto poi la vera imitazione si limita a parole o frasi, e queste, lungi dall'armonizzare col resto della composizione, ne stuanano invece fortemente e fanno in noi quello stesso effetto che il vedere quattro fiori artefatti ed usati di Francia nella fresca ghirlanda di una villanella delle Alpi. Se il *viso cleri*, il *san foglia*, il *percassala*, il *desdotta* e altri simili modi ripercuotono tuttavia fra noi una parte, la più comune, del convenzionale frasario dei trovatori, c'è pure nel Contrasto tant'altro (ed è proprio quello che gli dà il tono) dove solo incontriamo sentimenti e modi plebei. Dove mai si trova che un poeta di corte dica ad una dama: *Bella, non dispregiaremi s'avanti non m'assai... Poi ch'anegetati, trobare' ti a la rena Solo per questa cosa adimpretare: Con teo m' uio a giungere a peccare... Prenni e scannami: tolli esto cortello novo. Esto futto fare potesi inenti scalfi un uovo.* O dove mai la dama gli risponde: *Donna mi son di perperi... Vâtine di quaci, Se tu ci fossi morto ben mi chiaci... Acreme nom puoi in tua podesta: Inanti prenni e tagliami la testa... A lo letto ne gimo a la bon' ora ecc.?* Evidentemente, tutte queste frasi è molto men probabile che fossero destinate a risuonare in un'aula che in una taverna. E per tornare al metro che io credo schiettamente popolare, non dissimulerò, che anche oggi da taluno si persiste nella vecchia opinione che fa del Contrasto un componimento in versi settenarj. « In quanto al metro, scrivevasi pur testè nel *Propugnatore* (IX 379), ritiene alcuno che sia il verso politico dei greci, l'alessandrino dei francesi, l'odierno martelliano, nostro popolare, e non già il mezzo settenario cortigiano... Ma non vedendo addotti argomenti sufficienti, mi lascio portare più tosto dal suono dell'armonia, o meglio dall'arte con cui sono foggiate i versi e sono divisi i suoni, per cui la ragion musicale mi persuade che le stanze debbono esser di otto versi. » Ma se quel signore avesse veramente ricercata la « ragion musicale » della poesia

nell'età media, quando cioè poesia e musica erano ancora così intimamente congiunte da costituire, quasi direi, una unione organica non divisibile; egli avrebbe forse riconosciuto che a formare un intero periodo ritmico non bastava un settenario ma ce ne volevano due, per la stessa ragione per cui a compiere oggi un periodo di *walzer* si domandano 8 battute e non ne bastano 4. Del resto, come si potrebbe ammettere che in un'antica *Rima*, ossia in una poesia rimata, la metà dei versi fossero senza consonanze? Forse si risponderà che quei versi senza consonanze erano sdruccioli. Ma nella ritmica medioevale anche gli sdruccioli ossia i proparossitoni erano soggetti alla rima, sia che questa cadesse sull'ultima sillaba soltanto, come nel celebre canto dei soldati modenesi (sec. X), dove tutti i versi escono in *a*:

O tu qui servas armis ista moenia
Noli dormire, moneo, sed vigila!
Dum Hector vigil extitit in Troia ecc.

o sia che partisse dalla sillaba accentata, al modo dei parossitoni, siccome in quel canto goliardico

Mihi est propòsitum in taberna mōri,
Vinum sit appòsitum morientis òri.

Ma nel Contrasto il proparossitono non è rimato nè sull'antipenultima sillaba nè sull'ultima. Come dunque possiamo ammettere che esso finisca un verso? No: il proparossitono finiva soltanto il primo emistichio del verso, e quelle due sillabe atone che seguivan l'accento, giovarono mirabilmente a far sentire una pausa che, sebbene non avesse la stessa durata di quella prodotta dalla rima in fine del verso, tuttavia faceva distintamente avvertire il passaggio dal primo emistichio al secondo e così ne secondava l'armonia musicale. I due emistichj furono organicamente separati solo quando dalla poetica cortigiana allo sdrucciolo del primo emistichio fu sostituito il rimalmezzo piano. Allora, naturalmente, le pause diventarono da per tutto uguali, e così per questo nuovo artificio operossi una vera dislocazione nei membri dell'alessandrino, che perciò rimase decomposto in due versi, i « settenarj cortigiani ».

All' articolo del Caix un altro ne segui di risposta del Bartoli nella *Rivista Europea* (1876, *Di una nuova opinione intorno al Contrasto di Ciullo d' Alcamo*). Il B. osservava: « Avrebbe ragione (il C.) se noi avessimo mai voluto considerare il contrasto di Ciullo come una vera e propria poesia popolare, se non avessimo sempre inteso che esso sia un componimento che si riconnette bensì col genere popolare, ma che ha evidenti le tracce di qualche cosa di letterario. Non in altri termini una poesia popolare di quelle che nascono e rimangono sempre fra il popolo, ma di quelle che nate fra il popolo, sono, meglio o peggio, più artisticamente o meno, passate per una elaborazione successiva ». Ma a questa definizione non appagavasi il Caix e nell' istesso periodico sussumeva (*Ancora del contrasto di Ciullo d' Alcamo*) domandando in che consistesse quella « elaborazione successiva »; e poichè trovava che il contrasto « non potè che essere scritto dalla sua origine quale ora l' abbiamo » concludeva che « il supposto fondo popolare si riduce in ultimo ad una chimera ». Ma se così fosse, non diventerebbe

chimerico anche il fondo popolare delle poesie di Bonvesin, di Bescapé, di Jacopone, del Pucci, dei Flagellanti, dei Bianchi, insomma di tutte quelle produzioni che finora chiamammo popolari? Imperocchè, non vediamo in esse pure che la materia poetica passò per una certa elaborazione d' arte? Ma allora come dovremo chiamarle? Le diremo cortigiane? E non varrà più la distinzione fra trovatore e giullare, fra poeta di corte e poeta di popolo, fra canzone aulica e canzone da trivio? E non basterà più che una poesia abbia tutti i caratteri della scuola giullaresca perchè noi possiamo chiamarla popolare? — Io ammiro la critica dotta, metodica, stringente dell' egregio prof. Caix, sento tutta la giustezza delle sue analisi, e mi allieto nel vedere che un soggetto come il presente abbia dato occasione a questa brillante tenzone letteraria ove c'è molto da studiare e molto da apprendere: ma dubito assai che le nuove conclusioni giungano a persuadere che il Contrasto sia altro che una poesia popolare più o meno tocca da influenze di scuola.

Anzio, Luglio 1876.

E. MONACI

PERIODICI.

ROMANIA IV, 1. — P. 1. L. Delisle, *Le Mystère des Rois Mages dans la cathédrale de Noyers*, secondo i testi di due antichi graduali (XI e XII sec.) ora esistenti nella Bibl. Naz. di Parigi. Dal confronto di essi si ha " un exemple qui nous fait assister à la naissance et aux premiers développements d'un des mystères qui ont eu le plus de vogue dans le moyen-âge. " — 7. A. Morel Fatio, *Recherches sur le texte et les sources du Libro de Alexandre*. — 91. A. Mussafia, *Berta de li gran pié*, continuazione e fine. — 108. V. Smith, *Chants du Velay et du Forez*. — 119. H. Schuchardt, *Sur oi et ui: 122 Parfaits français en ié; anc fr. ié = fr. mod. é*. — 125. G. P. *Le récit Roma dans les Sept Sages*. — 130. Riviste: P. M. *Chrestomatie provençale* par K. Bartsch, 3.^e ed.; G. P. *I Cantari di Carduino, giuntovi quello di Tristano e Lancielotto*. Poemetti cavallereschi p. p. Pio Rajna. — 145. *Periodici*. — 158. *Cronaca*.

— IV, 2. — P. 162. P. Rajna, *Le origini delle famiglie padovane e gli eroi dei romanzi cavallereschi*. Giovanni de Nono scrisse, circa il primo quarto del sec. XIV, un " Liber de generatione aliquorum civium urbis Paduae, tam nobilium quam ignobilium. " Credulo non meno che gli altri suoi contemporanei, accolse in questo suo lavoro e spacciò per vere, o almeno possibili, molte strane tradizioni anche quando avevano per portavoce i giullari, e da queste tradizioni il R. ha cavato un prezioso materiale per illustrare la storia

del romanzo in Italia nel suo più remoto periodo. — 184. P. Meyer, *Du passage d' sz à r et d' r à sz en provençal*. — 195. J. Cornu, *Chants et contes populaires de la Gruyère*, con un glossario in fine. — 253. *Etymologies*: H. Schuchardt, spg. aguinaldo, lad. balehar, it. balenare, b. engad. chalaverna, pr. pairol, lad. tschadun, it. voto, ted. senn; V. Thomsea, fr. 'vider; J. Tailhan, sp. lexar e dexar. — 264. P. Rajna, *Un proemio inedito del romanzo Guiron le Courtois*. — 277 P. Meyer, *Questions sur le poème de la croisade Albigeoise*. — 278. Riviste: P. M. *Dictionnaire historique de l'ancien langage français* par la Curne de Sainte-Palaye, publ. p. L. Favre; G. P. *Ueber den Einfluss von Metrum Assonanz und Reim auf die Sprache der altfranz. Dichter*, von H. Andresen; A. M.-F. *Estudios de lengua catalana* p. Milá y Fontanals; G. P. *Florentiner Studien* von P. Scheffer-Boichhorst; *Cinque sonetti antichi* per A. Mussafia; A. Eberhardi in *Joannis de Alta Silva libro qui inser. Dolopathos emendationum spicilegium*. — 292. *Periodici*. — 301. *Cronaca*.

— IV, 3 4. — P. 305. G. Paris, *Mainet*, frammenti di una chanson de geste del sec. XII, ricuperati in una pergamena che serviva di coperta ad una vecchia scattola di cartone. " Ils appartiennent encore, dice l'Edit., au moins par le fonde et par l'allure générale du style, à la bonne école de l'épopée carolingienne " e la perdita del resto è veramente deplorabile. Si è de-

bitori di questa bella scoperta al sig. Boucherie che trovò la scattola presso un professore del Liceo S. Louis a Parigi. — 338. C. Chabaneau, *Notes sur quelques pronoms provençaux*. — 348. S. Bugge, *Etymologies romanes*: abri, aise, andouiller, artison, badigeon, bègue, bréant, brusque, cahoter, calais, caniveau, choyer, cloporte, daron, ébouriffé, escolorgier, étuve, falourde, balourd, fressure, frime, fringuer, gattillier, giberne, gibier, goemon, gouge, haste, haveneau, hure, jurre, mauvais, morse, pelefre, pleutre, rêver, sabrenas, sémillant, terne, tocane, escarba, mouco, negalho, pestillo, rilhar, brolo, brullo, piota, sonda. — 370. P. Meyer, *Mélanges de poésie anglo normande*. Sono: 1 Una imitazione della prosa latina *Missus Gabriel*; 2 Una prosa latina e una prosa francese sulla stessa musica; 3 una preghiera a S. Nicola; 4, 5, 6 Canzoni aut. fr. di cui la prima è a ritornello; 8 pastorella franco latina; 9 una definizione dell'amore in latino, francese e inglese; 10 prognostici della morte in latino e francese; 11 frammento di un poema sugli stati del mondo; un Lamento della Chiesa. — 398. P. Rajna, *Uggeri il danese nella letterat. romanzesca degl'italiani*, continuazione e fine. — 437. V. Smith, *Chants du Velay et du Forez*. — 453. I. Cornu, *Deux exemples de cata dans deux ouvrages de médecine*. Da aggiungersi ai due che già ne produsse il Meyer, *Rom.* II, 82. (Notiamo qui che "cata = juxta vel secundum" occorre anche nel glossario del sec. IX edito dal Thomas nei *Sitzungs-Berichten* dell'Accad. di Monaco 1868 vol. II.) — 454. Idem, *Dist = debet* nei Giuramenti di Strasburgo. Sostiene che, paleograficamente, debbasi leggere *dist* e non *dist*, e giustifica la derivazione di *dist* da *debet*. — 457. Idem, *Remarque sur l'ancienne conjugaison du verbe parler*. — 460. A. Scheler, etimologia di *Lumignon*. — 461. L. Havet, x *espagnole*, e *et o toscans*. — 462. P. M. *Etude sur une charte landaise de 1268 ou 1269*. Supplemento all'art. publ. nel III 433 e ss. — 464. P. M. *Du passage d' sz à r et d' r à sz en provençal*. Supplemento all'art. publ. nel fasc. pre-

ced p. 134 e ss. — 471. Riviste: G. P. *Renout von Montalbaen met inleiding en Aanteekeningen* door Dr. I. C. Matthes; G. P. *Notice sur les Suges de Magus et de Geirard et leurs rapports aux épopées françaises*, p. F.-A. Wulf; G. P. *Richars li biaus zum ersten Male herausgg.* v. Dr. W. Foerster; A. M.-F. *Genesi de scriptura, trelladat del provençal a la llengua catalana*, per Mossen Guillem Serra; P. M. *Vie de Sainte Marguerite*, en vers romans, p. p. le Dr. Noulet; G. P. *Die Chronik des Dino Compagni*, Versuch einer Rettung v. Dr. C. Hegel; G. P. *Ritornell und Terzine*, von Dr. H. Schuchardt; P. M. *Le Glossaire de la Curie Sainte-Palaye et M. Paul Meyer*, par L. Favre; P. M. *Essai de grammaire du dialecte mentonnais avec quelques contes, chansons et musique du pays*, par J. B. Andrews. — 495. *Periodici*. — 513. *Cronaca*.

REVUE DES LANGUES ROMANES, VI. — P. 5. Egger, *Les substantifs formés par apocope de l'infinif*. È la 2^a ediz. interamente rifusa di una memoria già edita fin dal 1864. — 39. A. Montel, *Le memorial des nobles*, continuazione e fine. — 68. Alart, *Acte de procuracion*, è un documento in dialetto bearnese del 1409. — 70. A. Montel, *Le cérémonial des Consuls*, redazione francese del sec. XV fatta su di un antico testo provenzale. La sua importanza è principalmente storica. — 94. C. Chabaneau, *Du z final en français et en langue d'oc*, continuazione e fine. — 103. Fesquet, *Proverbes et dictons populaires recueillis a Cognac*. — 135. E. Masel. H. Vigouroux, *Poésies de dom Guérin de Nant*. — 148. L. G. *Traduction du 2^e chant de l'Enéide par Jourdan*, continuazione e fine. — 168. A. E. *Epigraphie romane*, continuazione. — 171. C. Chabaneau, *Grammaire linoisine*, continuazione. — 206. Noulet, *Histoire littéraire des patois du midi de la France au XVIII^e siècle*. — 244. A. Atger, *Poésies populaires*. — 266. A. Mir, *La Liçou, l'Icer*, poesie contemporanee nel sotto-dialetto narbonese. — 270. O Bringuier, *A perpays de Pe'rarca*, poesia contemporanea nel sotto-dialetto di Montpellier. — 178. P. Glaize, *Le centenaire de*

- Petrarque*, relazione delle feste fatte in Avignone. — 292. *Bibliografia*: C. C. *Guillaume de la Barre*, roman d'aventure composé en 1318, notice par P. Meyer; A. R.-F. *Anciens proverbes basques et gascons* recueillis par Voltaire et remis au jour par G. Brunet; A. M. *Lou Paycherou* par A. Mir; A. M. *Les Pierres de Navrouse et leur légende* par le Dr Noulet; A. Roque-Ferrier, *Chansons hébraïco-provençales des Juifs contadins*, réunies par E. Sabatier. — 317. *La Bibliothèque de Tours et ses manuscrits*, notizia. — 320. *Periodici*. — 326. *Cronaca*.
- VI. — P. 333. Egger, *Les substantifs verbaux formés par apocope de l'infinif*, continuazione e fine. — 361. Alart, *Duel et défis*, testi catalani dei secc. XIV e XV. — 384. A. Montel, *Le cérémonial des consuls*, continuazione. — 415. A. Boucherie, *Fragment d'un commentaire sur Vergile*. Documento molto importante per lo studio della bassa latinità, cavato da un ms. del sec. X. — 462. C. Chabaneau, *Grammaire limousine*, continuazione. — 476. A. M. e L. L. *Chants populaires du Languedoc*. — 556. Dr Noulet, *Histoire littéraire des patois du midi de la France au XVIII^e siècle*, continuazione. — 573. S. Leotard, *Une inscription Montalbanaise du XVII^e siècle*. — 575. Gazier, *Lettres à Grégoire sur les patois de France*. — 590. Dr Noulet, *Une lettre inédite en vers de l'abbé Nérie*. — 593. M. Frizet, *Li dos femo*, sonetto contemporaneo nel sotto-dialetto d'Avignone. — 594. M. Frizet, *Li fucio nouvello*, versi nel sotto-dialetto d'Avignone. — 596. T. Aubanel, *Sounet*, nel medesimo sotto-dialetto. — 597. A. Langlade, *Una vesprada*, versi nel sotto-dialetto di Montpellier. — 602. G. Azais, *Lou linot viajère*, versi nel sotto-dialetto di Beziers. — 607. F. Donnadieu, *A Lairo*; 608, *A Pertranco*, sonetti nel sotto-dialetto di Beziers. — 609. *Bibliografia*: A Boucherie, *Le dialecte poitevin au XIII^e siècle*; A. B. *Cinque sonetti antichi* p. A. Mussafia; C. C. *Ueber die proenz. Liederhandschr. der Gio. M. Barbieri* voa A. Mussafia; A. M. *Armana provençau* per lou bel an de Dieu 1875, *Armagna cecenou*. — 621. *Periodici*. — 631. *Creation d'une chaire de langue et de litterat. romanes à Montpellier*, polemica. — 632. *Société des anciens textes français*, annunzio. — 636. *Cronaca*.
- VII — P. 5. A. Boucherie, *Mélanges latins et bas-latins*. Sono otto testi parte in versi e parte in prosa che vanno dal VII al IX secolo, ed hanno i seguenti titoli: 1 Prières pour l'office du Samedi saint; 2 Hymne pour la fête de saint Pierre et de saint Paul; 3 Hymne abécédaire contre les Antitrinitaires; 4 Formule de confession; 5 Versus de die Judicii et de adventu Filii Dei; 6 Chant des pèlerins qui se rendaient à Rome; 7 Prose sur la résurrection du Christ; 8 Comment les Juifs étaient admis à prêter serment en justice. — 42. Alart, *Documents sur la langue catalane des anciens comtès de Roussillon et de Cerdagne*, continuazione. — 62. A Boucherie, *Petit traité de médecine en langue vulgaire*, testo trascritto nel sec. XIV, appartenente al dialetto normanno. — 72. C. C. *Notes critiques sur quelques textes provençaux*. Questo primo capo tratta dei *Derniers Troubadours* del Meyer. — 82. Mazel e Vigouroux, *Poésies de dom Guérin de Nant*, continuazione. — 107. Gazier, *Lettres à Grégoire sur les patois de France*, continuazione. — 134. P. Lagarenne, *Notice sur le patois saintongeois*. — 145. C. Chabaneau, *Grammaire limousine*, continuazione. — 179. Dr Noulet, *Histoire littéraire des patois du midi de la France au XVIII^e siècle*, continuazione. — 216. Dr Noulet, *Le sèmen-contra de Mouréal par l'abbé Ph. Samary*, testo carcassonese del sec. XVIII. — 227. Pin y Soler, *Poésies populaires religieuses de la Catalogne*. — 236. Montel et Lambert, *Chants populaires du Languedoc*, continuazione. — 313. A. Roque Ferrier, *Enigmes populaires du Languedoc*. — 341. Seguono varie poesie contemporanee di cui ecco gli autori e i titoli: A Langlade, *La Cigala e la Fourniga*, sotto-dialetto di Montpellier; J. Sans, *Uno stou majenco*, sotto-dialetto di Beziers; A. Tavan, *Brouiamèn*, sotto-dialetto d'Avignone; A. de Quintana, *La canço de Catalugna*, catalano del contado di Barcellona; Fesquet, *Lou partage de la terra*,

dialetto del Languedoc; G. Azais, *Lous destorbis del mariage de Bibal*; Fesquet, *Ouraçi assoulant Vergil*; L. Roumieux, *La mort*, sotto-dialetto d'Avignone; F. Gras, *La partènço de Reginèu*, sotto dialetto d'Avignone; J. Monné, *Lou Retra*, sotto-dialetto d'Avignone. — 385. *Poésies couronnées au centenaire de Pétrarque*. — 403. A. Boucherie, appunto sopra *irabis=tu iras* (enf. V, 114). — *Bibliografia*: C. Chabaneau, *Du e dans les langues romanes* par ch. Joret; E. D. A. *Fonetica del dialetto di Val-Soana* per C. Nigra; C. Chabaneau, *Lou Rouman d'Arle*, fragment d'un poème provençal inédit (sec. XVIII) p. p. V. Lieutand; C. Chabaneau, *Fragments d'un mystère provençal* découverts, publ. ecc. p. C. Chabaneau; A. B. *Recherches sur le patois de Genève* par E. Ritter; C. J. T. *Poesias completas* de V. Balaguer; L. L. *Picambri*, poème toulousain par P. Barbe. 428. *Bulle in bibliographique de la langue d'oc pendant les années 1872-74*. — 439. *Periodici*. — 457. *Nécrologie*, di Maxim. d'Hombres. — 462. *Cronaca*.

— VIII. — P. 2 Ch. Revillout, *De la date possible du roman de Flamenca* — 19. Alart, *Etudes sur quelques mots nouveaux d'une charte landaise de 1268 ou 1269*. — 31. C. Chabaneau, *Notes critiques sur quelques textes provençaux*: II. Blandin de Cornouailles. — 48. Alart, *Documents sur la langue catalane des anciens comtés de Roussillon et de Cerdagne*, continuazione. — 71. Gazier, *Lettres à Grégoire sur les patois de France*. — 114. Ch. Revillout, *Las noças de Jauselon Roubi par Moussu Richard*. — 139. S. Leotard, *Lettres et poésies inédites de l'abbé Nérie*. — 159. C. Chabaneau, *Grammaire limousine*, continuazione. — 209. Dr. Noulet, *Quelques proverbes languedociens*. — 210. A. Roque-Ferrier, *Deux noëls latins* — 220. M. Faure, *Dins lou bos*, poesia contemporanea. — 221. G. Azais, *Lou coussi de l'ome endeutat*, sotto-dialetto di Béziers. — J. Roux, *L'irangiè*, sotto-dialetto di Tulle. — 227. *Bibliografia*: C. Chabaneau, *Chrestomatie provençale* par K. Bartsch, 3.^e ed.; A. B. *Richars li biaux* von Dr. W. Foerster; A. R.-F. *L'Apocalipse de S. Jean* mise en vers

français avec les deux premiers Psaumes de David, l'Oraison dominicale en langue D'Albiges ecc. p. A. Gaillard, 1589. Fragment reproduit p. M. Soulice; A. R.-F. *Sounet, Souneto e Sounaio* de J.-B. Gaut; A. E., A. R.-F. *Lou libre de la Crous de la Provènço*; A. R.-F. *A Petrarca! per soum Centenaira*, p. J. Blanchard; A. R.-F. *La partida de Casso à la mar*, de B. Fabre. — 251. *Periodici*. — 255. *Cronaca*.

JAHRBUCH FÜR ROMANISCHE UNDE ENGLISCHE SPRACHE UND LITERATUR. N. F. II, 3. — P. 247. O. Knauer, *Beiträge zur Kenntniss der französischen Sprache des XIV Jahrh.*, continuazione. — 273. H. Suchier, *Der Troubadours Marcabru*, continuazione. — 311. F. Lindner, *Die Alliteration bei Chaucer*. — 336. H. Rönisch, *Nachlese auf dem Gebiete romanischer Etymologien*, continuazione. — 347. R. Bøddeker, *Englische Lieder und Balladen aus dem XVI Jahrh.* tratte da un ms. cottoviano del Museo Britannico, continuazione. — 368. Riviste: K. Bartsch, *Antikritik*, risposta del B. ad un articolo del defonto Dr. Giulio Brakelmann sopra le *Altfranz. Romanzen und Pastourellen* edito nella *Zeitschrift für deutsche Philologie*; L. *Die Volkslieder des Engadin*. Von A. von Flug; *Ein altladinisches Gedicht in Oberengadiner Mundart* herausgg. von A. Rochat. — 383. *Periodici*.

— II, 4. — P. 385. A. Mebes, *Die Nasalität im Altfranzösischen*. — 401. O. Knauer, *Beiträge zur Kenntniss der frezos. Sprache des XIX Jahrh.*, continuazione e fine. — 423. Riviste: R. Köhler, *Dante secondo la tradizione e i novellatori* p. G. Papanti; A. Scheler, *Le liere des mestiers* p. p. H. Michelant. — 442. A. Ebert. A. Tobler. L. Lemcke, *Bibliographie des Jahres 1873*.

ROMANISCHE STUDIEN, I, 3. — P. 309. A. von Flug, *Chanzenas populares d'Engadina*. — 336. A. von Flug, *Der Ladinische Tobia*. — 358. J. Cornu, *Le Ranz des vaches de la Gruyère et la chanson de Jean de la Bolléta*, con un glossario. — 373. H. Suchier, *Altfranzösische Lebensregeln*. — 376. H. Suchier, *Bruchstück aus Girbert de Metz*. — 380. E. Stengel, *Die*

Chansongeste-Handschriften der Oxforder Bibliotheken. — 409. E. Martin, *Le pelerinage Renart.* — 438. E. Boehmer, *Beiblatt.*

— I, 4 — P. 441. E. Stengel, *Anfang des Chanson de Girbert de Metz.*

— I, 5. — P. 553. H. Suchier, *Brandans Seefahrt*, testo anglo-normanno. — 589. H. Suchier, *Le siège de Castres*, frammento epico in alessandrini scritto in dialetto piccardo, verosimilmente nel sec. XIII. — 594. A. von Flugl, *Neapolitanische Volkslieder des 16 Jahrh.* — 599. E. Boehmer, a. e. i. *im Oxforder Roland.* — 621. E. Boehmer, *Anmerkung über die angenommene Abhängigkeit des Böhmerschen Rolandtextes von dem Hofmannschen und den Gautierschen.* — 622. E. Boehmer, *Beiblatt.*

IL PROPUGNATORE VIII, 1. — P. I. C. Baudi di Vesme, *La lingua italiana e il volgar toscano*, continuazione. — 37. G. Ghivizzani, *G. Giusti e i suoi tempi.* — 51. L. Scarabelli, *Trionfi del Petrarca* secondo il codice del Redi collazionato con due altri senza nome nel 1874. — 72. Imbriani, *Natanar II*, lettera a F. Zambrini sul testo del *Candelajo* di Giordano Bruno. — 100. C. Gargioli, *Documento aneddoto*, estratto di due lettere del sec. XV relative ai viaggi di Cristoforo Colombo. — 106. C. Coronedi-Berti, *Novelle popolari bolognesi*, continuazione. — 116. G. B. C. Giuliani, *Edizioni di opere veronesi quattrocentine*, continuazione. — 132. C. V. Bertocchi, F. Z., S. S. Marino, G. Sforza, *Bibliografia.*

— VIII, 2-3. — P. 157. G. Sforza, *Lettere inedite di Carraresi illustri*, continuazione. — 187. Imbriani, *Natanar II*, continuazione. — 210. S. Salomone-Marino, *Storie popolari siciliane.* — 250. G. Ghivizzani, *Giuseppe Giusti e i suoi tempi*, continuazione. — 276. F. Corazzini, *Una questione su la storia della lingua.* — 335. L. Gaiter, L. Passarini, *Varietà.* — 352. C. Coronedi-Berti, *Novelle popolari bolognesi*, continuazione. — 363. Pavesio e F. Z., *Bibliografia.* — F. Zambrini e A. Bacchilega, *Le edizioni delle opere di G. Boccacci.* — 474. F. Bondi, *Epigrafe ed*

esametro a G. B. Morgagni. — 475. *Onorificenze* di Socii della Commissione per testi di Lingua (G. Turrini nominato membro della Società As.atica di Parigi, e F. Corazzini corrispondente all'Accademia dell'Istituto archeologico dell'impero germanico).

— VIII, 4-5. — P. 3. L. Gaiter, *Quale pronuncia della lingua greca meglio convenga alle scuole italiane.* — 17. L. Gaiter, *Saggio d'interpretazione e di commento* ad un dialogo fra un orientale ed un occidentale. Si tratta sempre del *Ritmo Cassinese*, e l'autore non conosce gli ultimi studj su quel testo dei signori Giorgi e Navone. — 27. L. Cappelletti, *Niccolò Machiavelli.* — 59. G. Ghivizzani, *Giuseppe Giusti e i suoi tempi*, continuazione. — 135. G. Bozzo, *Il Petrarca e il Decamerone.* — 149. L. Passarini, *Alcuni scritti inediti di mgr. G. Della Casa.* — 164. L. Passarini, *Di alcuni fuorusciti fiorentini* dopo la caduta della Repubblica. — 169. F. Zambrini e A. Bacchilega, *Le edizioni delle opere di G. Boccacci.* — 202. L. Scarabelli, *Di un codice petrarchesco.* — 212. G. B. C. Giuliani, *Edizioni di opere veronesi quattrocentine*, continuazione. — 259. Gaiter, Bilancioni, Bertocchi, *Bibliografia.* — 306. F. Z. *Annunzi bibliografici.*

— VIII, 6. — P. 309. L. Cappelletti, *Commento alla novella di Nastagio degli Onesti.* — 335. G. Moise, *Cercar Maria per Ravenna.* — 344. G. Ghivizzani, *Giuseppe Giusti e i suoi tempi*, continuazione e fine. — 379. F. Zambrini e A. Bacchilega, *Le edizioni delle opere di G. Boccacci*, continuazione e fine. — 387. Imbriani, *Osservazioni* all'articolo precedente. — 395. G. B. C. Giuliani, *Edizioni di opere veronesi quattrocentine*, continuazione e fine. — 434. Imbriani, *Natanar II*, continuazione. — 465. C. Coronedi Berti, *Novelle popolari bolognesi*, continuazione. — 474. L. Scarabelli, *Al sig. Direttore del Propugnatore*, lettera dantesca. — 477. L. Scarabelli, F. Z., *Bibliografia.*

ARCHIVIO GLOTTOLOGICO ITALIANO, II, 3. — P. 313. G. Flechia, *Postille etimologiche*, continuazione. — 385. C. T. Ascoli, *P. Meyer e il franco-provenzale.* — 395.

G. I. Ascoli, *Ricordi bibliografici*; auree pagine dove l'A. prendendo occasione da varie pubblicazioni fatte recentemente, tocca, sempre da maestro, importantissime questioni, siccome quella dell'unica forma flessionale del nome italiano a proposito del libro del D'Ovidio, e così altre a proposito delle pubblicazioni del Flechia, del Mussafia, del Caix, del Pitre, ecc. — 459. D'Ovidio, *Indici del volume*.

— IV. 1. — P. I. Morosi, *I dialetti romaici del mandamento di Boca in Calabria*. Si divide in Appunti fonologici, Appunti morfologici, Appunti lessicali, Appunti storici, Saggi letterarij (Canti, Proverbi, Scherzi e Motti, Similitudini), con un'Appendice in fine sul dialetto romaico di Cardeto calabro.

NUOVE EFFEMERIDI SICILIANE. II. — P. 102. G. Pitre, *Nuovi giudizi su Ciullo d'Alcamo e il suo Contrasto*. — 217. G. Paris, *La Sicile dans la Littérature française du moyen-âge*. — 289. S. Salomone-Marino, *Di una Rappresentazione sacra eseguita in Borgetto negli anni 1853 e 1854*.

— III. — P. 3. V. Di Giovanni, *Sulla stabilità del volgare siciliano dal sec. XII al presente*. — 129. G. Pitre, *Delle sacre Rappresentazioni in Sicilia*. — 241. V. Di Giovanni, *Della poesia epica in Sicilia nei secoli XVI e XVII*. — 329. S. Salomone-Marino, *Di un codice membranaceo inedito della Divina Comedia*.

ARCHIVIO STORICO SICILIANO. II. — P. 44. S. Salomone-Marino, *La storia nei canti popolari siciliani*, continuazione, vi si tratta del Vespro.

— III. — P. 535. V. Di Giovanni, *Le Costituzioni benedettine in antico volgare siciliano esistenti nella biblioteca di S. Nicola l'Arena di Catania*.

REVISTA DE PORTUGAL E BRAZIL. I. — P. 157. T. Braga, *Os contos de Fadas em Portugal*. — 191. Idem, continuazione. — II. — P. 17. C. von Reinhardstoettner, *Os dramas fundados na historia de Herodes e Mariamé*. — 43. Idem, continuazione. — 51. Idem, conclusione. — 78. Braga, *Os contos* ecc. continuazione. — 91. Idem, conclusione.

NOTIZIE.

Il giorno 30 di Maggio del corrente 1876 cessava di vivere in Bonn, nella età di 82 anni, Federigo Cristiano Diez. Il maestro, il fondatore della filologia neolatina non è più, e questa perdita irreparabile cuopre di lutto tutta una famiglia di studiosi. Queste poche pagine che ci restano, noi vorremo consacrarle ad un ricordo dell'illustre estinto, e chiudere la *Rivista* come la cominciammo, parlando di lui, dei suoi meriti insigni, delle sue rare qualità, dell'affetto tutto paterno che sempre ebbe pei suoi discepoli e per quanti altri di buona volontà eransi posti, sotto la sua guida, a lavorare nel vasto campo da lui aperto mezzo secolo addietro alla esplorazione scientifica. Ma che diremmo che dai nostri lettori non sia già conosciuto e sentito? E già da altri si aspetta una biografia, alla quale la povera nostra penna sarebbe insufficiente. Mentre ci auguriamo che una simile pubblicazione venga presto ad appagare il desiderio di tanti, noi qui ci permettiamo di esprimere un voto. Ed è che i paesi neolatini — che tanta parte della loro storia debbono all'opera immortale di Federigo Diez — tutti oggi concorrano nell'elevargli un monumento degno dell'affetto e della venerazione che sempre ispirerà la sua memoria. Governi, municipj, privati, ciascuno dovrebbe dalla sua parte contribuire per compiere quest'atto di gratitudine in nome delle nazioni del mezzogiorno; e se, come speriamo, il nostro voto non resterà senza effetto, la Direzione della *Rivista* fin da ora si dichiara pronta di iscriversi a questo scopo per la somma di cento lire.

Prima di morire, il Diez ebbe il contento di vedere ufficialmente riconosciuta la filologia neolatina anche nelle Università d'Italia. Sì, dopo dell'Olanda e della Russia è venuta pure la volta nostra, e questo progresso è dovuto al Boughi e alle sue riforme dei Regolamenti universitarj compiute il 3 ottobre 1875. Il nuovo insegnamento è entrato nelle Facoltà del regno col titolo di Storia comparata delle lingue neolatine, e di Storia comparata delle letterature neolatine. Diviso così in due sezioni, la prima sezione è stata fusa coll'insegnamento della Storia comparata delle lingue classiche, e per la seconda si è istituita una cattedra nuova. In Roma e in Torino soltanto quella divisione non ha avuto luogo e una stessa persona vi fa i due corsi. Le Università finora provvedute sono

BOLOGNA	lingue	G. B. Gandino
"	letterature	G. Carducci
NAPOLI	lingue	M. Kerbaker
"	letterature	F. D'Ovidio
PADOVA	lingue	P. Pullè
"	letterature	U. A. Canello
ROMA	lingue	E. Monaci
"	letterature	Idem
TORINO	lingue	G. Flechia
"	letterature	Idem

Restano ancora vacanti le cattedre di Palermo e di Pisa.

In forza degli stessi Regolamenti il corso di lingue e di letterature neolatine è reso obbligatorio per conseguire non solo il diploma di dottore in lettere, ma anche l'attestato d'idoneità dalla Scuola di magistero.

P. Meyer è stato nominato professore di lingue e letterature del Mezzogiorno nel *College de France*.

L'Università Reale di Norvegia, per mezzo del suo segretario sig. C. Holst, inviava testè in dono alla Direzione della *Rivista* due interessantissimi volumi accompagnati dalla seguente lettera:

« L'Université Royale de Norvège à Christiania m'a chargé de transmettre à votre illustre Institution les écrits ci-joints en vous priant de vouloir bien les accepter comme une marque de la haute considération de notre Université pour la dite Institution scientifique.

C. HOLST *Secrétaire*
de l'Université Royale de Christiania. »

Quest'atto della illustre corporazione scandinava ci ha vivamente commossi. E noi lo riceveremmo come un prezioso incoraggiamento, se una triste esperienza non ci avesse omai persuasi della necessità di desistere, almeno per ora, da una impresa, le cui difficoltà esterne logorano inutilmente le nostre forze, e non ci permettono di fare per la scienza quel tanto che pure stava in cima dei nostri desiderj. Ma, se non un incoraggiamento, la dimostrazione della Università di Cristiania ci ha recato un conforto, che oggi mitiga non poco l'amarezza di questi momenti. Di simili attestati ci fu altresì larga la stampa la più eletta di Germania, di Francia, d'Inghilterra e degli Stati Uniti, e a tutti qui rendiamo cordiali grazie; dolenti di non aver saputo meglio rispondere ai comuni voti, ma insieme tranquilli nella coscienza di avere esaurito quanto era nelle forze nostre per mantenere in vita una impresa che tutta avevamo dedicato al servizio degli studj e ad incremento della coltura intellettuale della patria italiana.

I due volumi inviatici sono pubblicazioni della stessa Università di Cristiania. Il primo porta questo titolo: *Thomas Saga Erkebyskups. Fortaelling om Thomas Becket Erkebiskop af Canterbury. To Bearbejdelser samt Fragmenter af en Tredie. Efter gamle Haandskrifter udgivet af C. R. Unger*; il secondo: *Postolu Sögur. Legendariske Fortaellinger om Apostlernes Liv deres Kamp for Kristendommens udbredelse samt deres Martyrdded. Efter gamle Haandskrifter udgivet af C. R. Unger*. Come apparisce dai titoli medesimi, essi contengono delle saghe, uno sulla vita di S. Tommaso Beket. l'altro sugli atti degli apostoli, ed interessano perciò la filologia neolatina non meno della germanica. Il secondo in ispecie reclama tutta l'attenzione dei romanisti, e a darne qui una sufficiente idea ci piace di riportare le parole con cui il valente editore riassumeva la sua prefazione. « Fra le nostre saghe leggendarie quelle degli apostoli occupano un posto considerevole. Esse derivano certamente da fonti latine, ed essendosene conservate parecchie in mss. che datano da circa il 1200, si può credere che in gran parte avessero già veduto la luce nella seconda metà del sec. XII. Molte, nel seguente secolo, subirono dei rimpasti e furono notevolmente ampliate con estratti tolti dai commentarj del nuovo testamento e da enciclopedie quali la Storia scolastica di Pietro Comestore, lo Specchio storico del Bellovacense ecc. L'editore della presente opera volle riunire tutte le differenti redazioni di queste saghe, e a tale effetto si valse di più che venti manoscritti, dei quali diede notizia nella prefazione cercando insieme di determinarne l'età e i mutui rapporti ».

In seguito alla pubblicazione del vol. I delle *Comunicazioni dalle Biblioteche* contenente il *Canzoniere Portoghese della Biblioteca Vaticana*, il Dr. E. Monaci fu eletto a socio della Reale Accademia delle Scienze di Lisbona.

Il Ministro della P. Istruzione, sig. Comm. Coppino, ha conferito al medesimo la nomina di socio della Regia Commissione per la pubblicazione dei testi di lingua.

La *Société des anciens textes français*, di cui nel precedente fascicolo annunciammo la fondazione, ha cominciato di già le sue pubblicazioni, e dà segni di una vita prospera e vigorosa. Uscirono dapprima due numeri del *Bullettino* per l'anno 1875 elegantemente stampati dall'editore sig. F. Didot, nei quali si leggono gli statuti della società, la lista dei sottoscrittori e del Consiglio d'amministrazione, i verbali

delle sedute e infine tre relazioni di mss. seguite da una interessante canzone popolare francese, scritta sul cominciare del sec. XVI. Di queste relazioni la prima e la terza spettano a P. Meyer, e vi è data la descrizione con copiosi estratti di un codice della Abbazia di Westminster contenente poesie francesi dal sec. XIII al XV, e di altro codice, della Bibl. Naz. di Parigi, contenente diverse opere in provenzale. Di altra miscellanea in antico francese, conservata nella Bibl. di Digione, dà conto la seconda relazione, che è di G. Paris. — All'esercizio del 1875 furono attribuiti i seguenti volumi, dei quali i due primi già sono in distribuzione:

Chansons populaires françaises du XV^e siècle p. p. G. Paris, avec la musique p. p. Gevaert;

Les plus anciens monuments de la langue française p. p. G. Paris; atlas contenant onze planches exécutés par la photogravure;

Le roman de *Brun de la Montagne* p. p. P. Meyer;

Le débat des héraults de France et d'Angleterre p. p. L. Pannier.

Per l'esercizio 1876 sono sotto i torchi questi altri testi:

Le roman de *Guillaume de Palerme* p. p. H. Michelant;

La chanson d'*Aiol* p. p. Normand et Raynaud;

La vie de *S. Gille* p. p. Bos et G. Paris.

Inoltre sono annunziati in preparazione: *Deux pèlerinages* en Terre-Sainte au XIV^e siècle (edd. Bonnardot et Longnon); *Aquin* (Longnon); la traduzione ant. franc. del trattato di Falconeria di Federigo II (Michelant); il *Recueil général des farces*, il *Recueil général des lettres de rémission*, il *Recueil des Miracles* (Misteri) de *Notre Dame*; le opere complete di Eustachio Deschamps, di Cristina di Pisano, di Alain Chartier, ecc.

Accanto a questa egregia istituzione, non meno floridamente si svolge in Francia la *Société pour l'étude des langues romanes*, fondata a Montpellier fin dal 1869. Senza dire della sua Rivista, che da trimestrale si è fatta ora mensile, ed è divenuta un vero archivio indispensabile per lo studio della Francia meridionale; questa Società ha recentemente posto mano anche ad altre pubblicazioni, per le quali sempre più si renderà benemerita della filologia neolatina. Fra queste pubblicazioni speciali, oltre a varie raccolte di poesie moderne in dialetti del mezzogiorno, meritano di essere segnalate le seguenti: *Proverbes du Béarn* par M. V. Lespy, i *Poètes catalans* par M. Milà y Fontanals, *Les patois de la basse Auvergne et leur littérature* par M. H. Doniol, il *Glossaire botanique languedocien* par M. Barthé, il *Dictionnaire des idiomes romans* du midi de la France par G. Azaïs, una nuova edizione delle *Ordenansas del Libre blanc* par M. Noulet, una collezione di *Conti popolari piemontesi* per il nostro Pitrè. Né essa si limita a questo solo, ma col promuovere frequenti concorsi e coll'istituire premj ed altre ricompense, mantiene sempre vivo un movimento, che ispira le più belle speranze. S'abbiano quegli egregi le nostre felicitazioni e i più cordiali augurj, e voglia il cielo che il loro esempio valga a suscitare in Italia una nobile emulazione!

Recenti pubblicazioni Diez, *Romanische Wortschöpfung*, Bonn, Weber; Ascoli, *Archivio glottologico* vol. II, fasc. 3.^o; Flechia, *Nomi locali* del Napolitano derivati da gentilizi italici, Torino, Paravia; Flechia, *Intorno ad una peculiarità di flessione verbale* in alcuni dialetti lombardi, (dagli Atti della R. Accad. dei Lincei) Roma, Salviucci; Demattio, *Morfologia italiana* con ispeciale riguardo al suo sviluppo storico dalla lingua primitiva latina, Innsbruck, Wagner; Ayer, *Grammaire comparée de la langue française*, Paris, Sandoz; Scheler, *Exposé des lois qui régissent la transformation française des mots latins*, Bruxelles; Braga, *Grammatica portuguesa elementar* fundada sobre o metodo historico-comparativo, Porto, Livraria Portuegusa; Géorgian, *Essai sur le Vocalisme roumain*, Bucarest, Goebel; Mila y Fontanals, *Estudios de lengua catalana*, Barcelona, Verdager; Raithel, *Die altfranzösischen Propositionen*, Berlin, Weber; Koschwitz, *Uebertlieferung und Sprache* der "Chanson du voyage de Charlemagne", Heilbronn, Henninger; Settegast, *Benoit de Sainte-More*. Eine sprachliche Untersuchung über die Identität der Verfasser des "Roman de Troie" und der "Chronique des Ducs de Normandie", Breslau, Korn; Schmilinsky, *Probe eines Glossars* zur "Chanson de Roland", Halle, Fricke u Beyer; Aubertin, *Histoire de la langue et de la literat. française*, Paris, Belin; Voigt, *Ecbasis capitivi*, das älteste Thiërepos des Mittelalters, Strassburg, Trübner; *Carmina Clericorum*, Studentenlieder des Mittelalters. Edidit domus quaedam vetus, Heilbronn, Henninger; Monaci, *Cantos de Ledino* tratti dal grande Canzoniere della Bibl. Vatic., Halle, Karras; Monaci, *Comunicazioni dalle Biblioteche* di Roma e da altre Biblio-

teche per lo studio delle lingue e delle letterature romanze, vol. I. *Il Canzoniere Portoghese* della Biblioteca Vaticana, Halle Niemeyer: Hardung, *Cancioneiro d'Esora* publié d'après le ms. original et accomp. d'une notice littéraire-historique, Lisboa, Impr. Nacional; Reihardstoeftner, *Os Lusíadas de Luis de Camões*, unter Vergleichung der besten Texte, mit Angabe der bedeutendsten Varianten und einer kritischen Einleitung, Strassburg, Trübner; P. Meyer, *La chanson de la Croisade contre les Albigeois* commencée par Guillaume de Tudele et continuée par un poète anonyme, (t. I: texte, vocabulaire, table des rimes) Paris, Renouard; Mussafia, *Die catalanische metrische Version der "Sieben Weisen Meister"*, Wien, Gerold; Sardou, *La vida de Sant Honorat*, légende en vers provençaux par Raymond Feraut, troubadour niçois du XIII^e siècle, publiée avec des nombreuses notes, Nice, Caisson et Mignon; Noulet, *Vie de Sainte Marguerite*, en vers romans, Toulouse; Atkisson, *Vie de Saint Auban*, a poem in norman-french, London, Murray; W. Foerster, *Aiol et Mirabel und Etie de saint Gille*, zwei altfranzösische Heldengedichte mit Anmerkungen und Glossar, (I. Theil: *Aiol et Mirabel*) Heilbronn, Henninger; W. Foerster, *Li Dialogue Gregoïre lo Pope*, altfranz. Uebersetzung des XII Jahrh. mit dem latein. Original, einem Anhang: *Sermo de Sapientia und Moraliu in Job Fragmenta*, einer grammatischen Einleitung, erklär. Anmerkungen und einem Glossar, (I Theil: Text) Halle, Niemeyer; Scheler, *Les enfances Ogier* par Adenès li Rois, Bruxelles, Closson; Scheler, *Li romans de Berte aus grans pies* par Adenès li Roi; Bruxelles, Closson; Scheler, *Bueves de Commarchis* par Adenès li Rois, Bruxelles, Closson; Scheler, *La mort du roi Gormond*, fragment unique d'une chanson de geste inconnue, Bruxelles, Closson; Scheler, *Trouvères belges du XII^e au XIV^e siècle*, *Chansons d'amour, Jeux-parties, Pastourelles, Dits* ecc. par Quenes de Béthune, Henri III. ecc. Bruxelles, Closson; Gautier, *La chanson de Roland*, texte critique, traduction et commentaire, grammaire et glossaire, Tours, Mame; P. L. Jacob, *Recueil de moralités farces et sotties du XV^e siècle* réunies pour la première fois et publiées avec des notices et des notes, Paris, Garnier; Montaiglon et J. de Rothschild, *Recueil de poésies françoises des XV^e et XVI^e siècles* morales, facétieuses, historiques, Paris, Duffis. (è il tomo X della collezione del sig. de Montaiglon, la quale invece di chiudersi come era stato promesso con questo volume, ora si accrescerà di un'altra preziosa raccolta fatta dal sig. de Rothschild e da lui generosamente offerta alla *Bibliothèque elzevirienne* di cui fa parte questo volume); Braga, *Antologia portugueza* preced. de una *Poetica historica portugueza*, Porto, Livrar. Universal; Zambaldi, *Il ritmo dei versi italiani*, Torino, Loescher; Mila y Fontanals, *Historia literaria del decasílabo y endecasílabo anapesticos* (estr. dalla *Revista historica latina*, luglio, 1875); Zschimmer, *Salvianus, der Presbyter von Massilia und seine Schriften*: ein Beitrag zur Geschichte der christlich-lateinischen Literatur des fünften Jahrh., Halle, Niemeyer; Graf, *Dell' epica neolatina primitiva*, Roma, Tip. Tiberina; Bartoli, *I precursori del Boccaccio* e alcune delle sue fonti, Firenze, Sansoni; Lumini, *Il Dramma nelle Sacre Rappresentazioni dei sec. XIV, XV e XVI*, Prato, Nistri; Schmidt, *Ueber Dante's Stellung in der Geschichte der Kosmographie*, (I Theile: *Die Schrift "de aqua et terra"*) Graz; D'Ancona, *Il concetto della unità politica nei poeti italiani*, Pisa, Nistri; Borgognoni, *Eccursus petrarchesco*, Ravenna, Lavagna; Bartoli, *L'evoluzione del Rinascimento*, (estr. dalle *Publicazioni del R. Istituto di Studi superiori* di Firenze); Laurentius, *Zur Kritik der Chanson de Roland*, Altenburg, Blücher; Ritter, *Cours d'histoire de la langue française*, leçon d'ouverture, Genève, Ramboz; Plötz, *Etude sur Joachim de Bellay*, Berlin, Herbig; Papanti, *I parlari italiani in Certaldo* alla festa del V Centenario di mess. G. Boccacci, Livorno, Vigo (scrive l'Ascoli "nessun'altra contrada d'Europa può vantare un tal complesso di saggi vernacoli e punto non esagera chi dice il libro del Papanti un vero monumento nazionale". *Arch. gl.* II 439); Tiraboschi, *Raccolta di proverbi bergamaschi*, Bergamo, Bolis; Imbriani, *A Ndrina fata*, cunto pomiglianese, Pomigliano d'Arco; Marchetti, *Novelline popolari italiane*, Torino, Loescher; Gianandrea, *Canti popolari marchigiani*, Torino, Loescher; Pitre, *Appunti di botanica popolare siciliana*, Lettere due, (estr. dalla *Riv. Europea*); Coronedi-Berti, *Appunti di botanica bolognese* lettera (estr. dalla *Riv. Europea*); Pitre, *Il giorno dei morti e le storne dei fanciulli*, Palermo, Tip. Giorn. di Sicilia; Ritter, *Recherches sur le patois de Genève*, Genève, Ramboz; Becker, *Aperçu sur la chanson française du XI^e au XVII^e siècle*, Genève, Georg; C. Janin, *Sobriquets des villes et des villages de la Côte d'Or*, Dijon, Marchand; A. Graf, *Della poesia popolare rumena* (estr. dalla *Nuova Antologia*, vol. xxx).

Mentre s'imprimevano queste ultime righe abbiamo ricevuto altre due recentissime pubblicazioni, la importanza delle quali già abbastanza si rivela nel nome degli

autori. La prima è della valentissima romanista, Signora Carolina Michaëlis de Vasconcellos, e ha per titolo *Studien zur romanischen Wörtschöpfung*, Leipzig, Brockhaus; nella seconda abbiamo le tanto aspettate *Fonti dell'Orlando Furioso* pel nostro Rajna, edite a Firenze dal Sansoni.

È annunziata la prossima pubblicazione (in Roma) di una *Biblioteca delle tradizioni popolari romane* per cura di Fr. Sabatini. Si comporrà di cinque volumi con questa distribuzione di materie: Vol. I Canti popolari colle melodie; II Fiabe e novelle popolari; III Satire e proverbj popolari; IV Usi e costumi popolari; V Letteratura popolare dal sec. X ai nostri giorni.

Lo stesso sig. Sabatini attende in questo momento alla fondazione di una *Rivista per le letterature popolari*. La prima dispensa uscirà nel Gennajo 1877, e noi abbiamo le più fondate ragioni per credere che il nuovo periodico, riuscirà tale da appagare fin dal suo principio le molte e severe esigenze della scienza odierna.

Da Germania ci si scrive, che in sostituzione del *Jahrbuch für romanische und englische Sprache und Literatur* nell'aprile 1877 uscirà una nuova *Zeitschrift für romanische philologie*. Direttore della pubblicazione sarà il prof. Gröber, editore il sig. Niemeyer di Halle, due nomi che offrono le più serie guarentigie.

INDICE

A. D'ANCONA. Due antiche devozioni italiane	pag. 5
E. MONACI. Uffizj drammatici dei Disciplinati dell'Umbria	" 29
K. BARTSCH, A. MUSSAFIA. Una poesia didattica del secolo XIII tratta dal cod. vat. 4476.	" 43
H. SUCHIER. Il Canzoniere provenzale di Cheltenham. A. Descrizione	" 49
B. Tavola	" 144
A. MUSSAFIA. Una canzone tratta dal cod. Barberino XLV-47	" 65
N. CAIX. Le alterazioni generali della lingua italiana	" 71
E. STENGEL. Frammenti di una versione libera dei libri dei <i>Maccabei</i> in decasillabi antico-francesi	" 82
I. GIORGI, G. NAVONE. Il Ritmo Cassinese.	" 91
T. BRAGA. Sobre a poesia popular da Galiza	" 129
G. FERRARO. Saggi di canti popolari raccolti a Pontelagoscuro.	" 193
A. WESSELOFSKY. Un Capitolo di Antonio Pucci	" 221

Varietà

P. RAINA. <i>Stramita</i>	" 53
H. MONACI <i>Chignamente</i>	" 54
U. A. CANELLO. Etimologie	" 111
N. CAIX. Spiegazione di due modi popolari	" 112
E. MONACI. Sulla strofa del Contrasto di Ciullo d'Alcamo	" 113
U. A. CANELLO. Il Guinicelli è bolognese?	" 126
N. CAIX. Studj etimologici	" 173, 183

Bibliografia

A. MUSSAFIA. <i>Beitrag zur Kunde der Norditalischen Mundarten</i> (Caix)	" 55
G. PITRÈ. <i>Biblioteca delle tradizioni popolari siciliane</i> voll. IV-VII (E. M.).	" 59
G. PAPANTI. <i>Dante secondo la tradizione e i novellatori</i> (E. M.).	" 60

K. HOFMANN. <i>Ein catalanisches Thierrepos von Ramon Lull.</i> (E. M.). pag.	" 117
L. DEL PRETE. <i>Rime di Ser Pietro de Faytinelli</i> (E. M.)	" 118
T. BRAGA. <i>Manual da Historia da litteratura portugueza</i> (E. M.)	" 120
C. AVOLIO. <i>Canti popolari di Noto</i> (E. M.).	" 121
A. D'ANCONA. <i>Il Contrasto di Ciuillo d'Alcamo</i> (N. Caix)	" 177
D. COMPARETTI, A. D'ANCONA. <i>Le antiche rime volgari.</i> (A. Bartoli, E. Monaci)	" 234

Periodici

Archivio glettologico italiano	" 62, 124, 248
Archivio storico siciliano.	" 63, 249
Bibliographia critica	" 126
Jahrbuch für romansche und englische Sprache und Literatur.	" 62, 124, 247
Nuove effemeridi Siciliane	" 63, 249
Propugnatore	" 63, 125, 248
Revista de Portugal e de Brazil	" 249
Revue des langues romanes.	" 61, 123, 245
Romania	" 61, 122, 192, 244
Romanische Studien	" 247

Notizie

.	" 64, 127, 250
-----------	----------------

Per la Direzione
E. MONACI.



RAC 51886

